

A romantic silhouette of a man and a woman dancing under a large, bright full moon. The man is on the left, wearing a suit, and the woman is on the right, wearing a long dress. They are holding hands and facing each other. The background is a deep blue night sky with small white stars. The ground is represented by a dark silhouette of grass.

JENNIFER SOUZA

CICATRIZES

de uma vida

A decorative yellow brushstroke underline consisting of two curved lines.



Cicatrizes de uma Vida

EDIÇÃO 2

JENNIFER SOUZA

Copyright © 2018 Jennifer Souza

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

Revisão e Sinopse: Beka Assis

Diagramação: Jennifer Souza

Capa: Jéssica Gomes

+16

Jennifer Souza

1. Romance
2. Drama

Todos os direitos reservados á Jennifer Souza
Essa é uma obra de ficção.
Quaisquer semelhanças com pessoas vivas ou mortas é mera
coincidência.



Dedicado a você,
que assim como eu,
segue em frente apesar das cicatrizes...
força, você não está só.



Prólogo

Marianne

Era uma linda manhã de primavera. Por sorte eu já havia terminado o serviço doméstico e enquanto o bolo assava no forno, me pe

rmiti relaxar com um romance de banca na espreguiçadeira da varanda enquanto bebericava meu chá gelado. Era o aniversário de Heitor e iríamos ficar em casa nessa noite. Como era dia de semana, sair para jantar estava fora de cogitação, pois Heitor trabalharia e Gabriel teria aula cedo no dia seguinte. E eu... bem, eu tinha meus deveres de boa esposa e dona de casa, que era manter nossa bela casa organizada, as camisas muito bem passadas e o melhor jantar posto a mesa todas as noites à espera de Heitor.

Enquanto me derretia com a história de um belo milionário grego e o quanto ele havia se encantado com a mocinha pobre que no início ele pensara ser interesseira, sequer notei que meu marido havia chegado e agora me encarava ao pé da escada da nossa varanda com um olhar aflito. Eu estava tão perdida em minha leitura que só notei sua presença quando ele chamou meu nome.

— Marianne — Ergui meu olhar e sorri na sua direção. Ele não tinha o costume de chegar cedo em casa e aquela, sem dúvidas, era uma bela surpresa.

— Meu amor, que bom que você conseguiu sair cedo hoje! — Fechei meu pequeno livro e levantei-me, sorrindo. — Feliz aniversário, Heitor! — Corri na sua direção e me joguei em seus braços fortes, porém meu abraço não foi retribuído. Senti seus músculos tensos. Ele ficou travado. Eu me afastei e vi aflição em seu olhar.

— Meu amor, aconteceu alguma coisa?

Ele assentiu e com um gesto com a mão pediu que eu me sentasse na

nossa namorada da varanda.

— Marianne, antes de mais nada, eu preciso que você saiba o quanto eu amo você e o nosso filho. — Disse ele com cuidado. Engoli em seco. Meu estômago embrulhou e o medo tomou conta de mim.

— Eu sei disso, Heitor. O que foi que aconteceu? Você sabe que pode me contar tudo... Somos eu e você contra o mundo, lembra? — Passei minha mão em seu braço confortando-o, mencionando a frase que ele me disse na hora do parto.

— Eu sei, Mari. Eu só quero que você me perdoe... eu estou vindo do hospital, e...

Meu coração parou por milésimos de segundos.

— Aconteceu alguma coisa com o Gabi? — Meus olhos já estavam marejados e o pânico em minha voz era nítido.

— Não, ele está na escola... não aconteceu nada com ele. Foi comigo... eu...

— Oh, meu amor, você está doente? — Passei minhas mãos em seus cabelos loiros, confortando-o. — Nós vamos passar por isso, seja o que for....

— Da para você parar de ser tão boa comigo? — Ele se levantou bruscamente e me encarou irritado.

— Mas... — Eu não estava entendendo, Heitor nunca foi grosseiro comigo.

— Eu vou ter um filho! Eu traí você... eu sou uma pessoa terrível! — Ele jogou tudo isso em cima de mim. Fiquei estática, sem reação alguma. As lágrimas rolaram soltas por meu rosto; as senti quentes, pesadas e salgadas. Uma dor excruciante apoderou-se do meu peito. Ela foi se espalhando por cada célula do meu corpo.

— Mari, fale alguma coisa! — Disse ele após alguns minutos que me pareceram horas inteiras.

Foi como se um filme da minha vida se passasse diante dos meus olhos. A faculdade que larguei, o emprego que larguei, tudo... exatamente tudo o que abandonei para apoiá-lo em sua carreira. Ele havia se tornado um dos engenheiros mais renomados do Brasil e eu a dona de casa perfeita, a esposa perfeita. Para quê? Para ser apunhalada pelas costas desse jeito?

A única coisa de que me orgulhava era de ter sido a mãe perfeita! Senti uma dor tão forte que fiquei anestesiada. Limpei as lágrimas com o dorso da mão e o encarei. Ele me pareceu naquele momento dez anos mais velho e o homem que eu pensei conhecer me pareceu um completo estranho. Por isso,

suspirei e respondi:

— Eu quero o divórcio.



Capítulo 1

Marianne

Cinco anos depois...

O restaurante era maravilhoso, a comida apetitosa, as pessoas em nossa volta eram cordiais, a música estava no volume certo e a brisa do mar que entrava pela janela aberta era revigorante. Tudo estava perfeito. Tudo, exceto a companhia maçante do meu mais novo pretendente. Era sexta-feira à noite, verão e na segunda feira seria o feriado de carnaval, por isso ficaríamos com as pernas para o ar quase que a semana inteira. Bem, não eu, é claro; afinal tinha aulas e mais aulas para preparar para a volta das férias e precisava ocupar minha cabeça um pouco.

Mas em algum lapso de loucura deixei com que minha irmã Catiucia arranjasse um encontro para mim. O cara até que era bem-apessoado e bem eu não tinha sexo a mais ou menos dois anos... na verdade, desde que me divorciei de Heitor eu não tinha um sexo decente, tanto que começava a achar que deveria me aposentar para o sexo, afinal tinha quase 30 anos e com toda a certeza não demoraria até chegar a menopausa.

Do jeito que sempre fui precoce, era bem capaz que a menopausa me fizesse uma visitinha antes do tempo, assim como quando completei dez anos e fiquei menstruada pela primeira vez. Minhas primas e amigas ficaram nessa situação chata só três anos depois, e como eu não queria ser a diferente do grupo, mentia que ainda não tinha virado mocinha... e elas, bem, elas acreditavam.

Sempre fui a mais avançada na escola, tanto que casei-me aos 18 anos, e enquanto minhas amigas iam as baladas e curtiam a noite, eu lavava e passava para o meu marido e o apoiava na construção da sua carreira. Tudo

isso para sete anos depois ser traída por ele. Quem mais sofreu com todo o divórcio foi nosso filho, Gabriel, que na época tinha cinco anos e estava na pré-escola.

Enquanto aquele cara insuportável tagarelava sobre ele mesmo, eu fazia mentalmente a lista de convidados para o aniversário de dez anos do Gabriel, que seria dali uma semana; por sorte bem antes da volta às aulas.

E enquanto eu fingia escutá-lo, meu celular por sorte tocou. Salva pelo gongo! pensei.

— Desculpe, mas eu preciso mesmo atender. — Disse encarando-o. Ele apenas assentiu com a cabeça.

— Alô, oi, está tudo bem aí? — Fingi uma expressão preocupada.

— Oi, amiga. Está sim, por quê? — Grazi disse do outro lado da linha.

— Oh não... — Fiz uma expressão preocupada — Diarreia? Sério? — O homem à minha frente quase cuspiu seu vinho a simples menção da palavra "diarreia". Tive de me segurar para não rir.

— Ei, Mari, do que você está falando? Ficou louca?

— É a minha babá — Disse encarando-o.

— Pirou, mulher? É a Grazi, sua melhor amiga e colega de trabalho, lembra?

— Oh, sim... eu estou num encontro, mas podemos marcar para outro dia. Vou para aí cuidar do Gabriel imediatamente! — Fiz uma expressão ainda mais sofrida — Oh sim, dê bastante liquido para ele, certo?!

— Oh... entendi, você está num péssimo encontro. — Disse ela gargalhando do outro lado da linha — Acho que liguei no momento certo, né?

— Sim, já estou a caminho. — Desliguei o celular e fiz uma expressão de desapontamento para ele. — Me perdoe, Marcos, é uma emergência.

— É Márcio. Você tem um filho? — Perguntou ele, cético.

— Sim, eu tenho. — Disse enquanto recolhia a minha bolsa e levantava da mesa.

— Mas você sequer mencionou esse fato. — Ele parecia ultrajado e fiquei ainda mais puta com a Cati por ter arranjado esse encontro. Irmã, você me paga!

— Bem, se você tivesse me dado qualquer chance de contar sobre meu filho eu teria dito... mas você passou a noite inteira falando de você e não me deu espaço. — Repliquei impaciente. Já estava pronta para partir quando ele disse:

— É que sou uma pessoa muito interessante e tinha muito o que contar.
— Bufei, contei até dez de trás para frente mas vezes que o necessário, mas não me aguentei e completei:

— Você tem um ego tão grande e adora ser o centro das atenções — Encarei-o com um olhar superior — E sabe o que eu acho de caras narcisistas como você? — Ele balançou a cabeça em negativa — Acho que se o seu ego é tão inflado deve ser para compensar a falta de algo. — Olhei de relance para a braguilha da sua calça e me retirei, deixando-o boquiaberto.

Em seguida caminhei até meu carro e dei partida rumo ao meu apartamento. Chegando lá, tirei meus sapatos, despi-me e fui para debaixo do chuveiro. Gabriel tinha ido naquela tarde para a casa do seu pai para passar o feriado e eu tinha a casa toda para mim. Eu iria aproveitar a solidão para organizar as aulas e para dormir além da conta.

Vesti meu roupão felpudo, desembaracei meus cabelos negros e fui até a cozinha. Lá servi-me de uma taça de vinho e me sentei em frente à TV. Quando iria colocar minha série favorita para carregar, a campainha tocou. Bufando, fui até a porta, espiei pelo olho mágico e meu coração saltou dentro do peito.

Não importava o tempo que houvesse se passado, sempre que via o Heitor na minha frente, meu coração acelerava ao mesmo tempo que um aperto doloroso me fazia engasgar, Cinco anos se passaram, por que eu ainda me sinto assim? O que ele está fazendo aqui? Suspirando pesadamente, abri a porta para enfrentar o homem que sempre me afetou e acho que sempre me afetaria.

— Oi — Dissemos em uníssono.

Ao abrir a porta, o impacto foi ainda maior. Ele estava mais lindo do que nunca, os anos que se passaram só o favoreceram; e droga, por que ele tinha que deixar a barba por fazer? Ele sabia o quanto aquilo me afetava. Lembrava vividamente da sensação da sua barba por fazer em minha pele. Corei com esse pensamento, censurando a mim mesma.

— O que você está fazendo aqui? — Tentei parecer o mais fria possível.

— Boa noite. — Cumprimentou ele. O tom grave de sua voz me trouxe lembranças de noites de amor do passado.

— Boa noite. — Cruzei os braços no peito em defensiva.

— Bem, eu tive uma emergência e vim trazer o nosso garotão.

Gabriel surgiu correndo, brincando com um avião de brinquedo.

— Oi, mamãe. — Disse. Ele estava tão lindo, ainda mais parecido com o

pai. Os cabelos eram de um tom loiro escuro e seus olhos eram verdes como o do pai, e quem o visse sabia que ele era a versão menor de Heitor. Eles eram tão parecidos que às vezes era até doloroso olhar para ele quando a saudade batia. Às vezes me permitia sonhar... se tudo fosse diferente, como estaríamos agora?

— Oi, meu amor — Beijei sua bochecha rechonchuda e ele logo entrou correndo no apartamento. Após ele se afastar, encarei Heitor; por mais difícil que fosse fitar sua íris verdes tão expressivas. — Achei que vocês iriam passar o fim de semana juntos. Aconteceu alguma coisa? — Voltei a cruzar os braços no peito como uma forma de proteção.

— Tive uma emergência no trabalho na filial de São Paulo e preciso ir para lá ainda hoje. — Disse ele entregando-me a mochila de Gabriel.

— Ah, claro... sempre o trabalho... — Bufe e dei uma risada amargurada — Se isso é tudo, você já pode ir.

— Mari, por que é sempre assim? Por que você sempre fica na defensiva quando estou por perto?

— Acho que depois do que você fez não tem o direito de obter uma resposta. — Respondi.

— Mari, quando você vai entender que aquilo foi um erro de apenas uma noite... Eu não estou com ela, eu sinto sua falta, Mari... Já faz cinco anos e não significou nada. — Disse ele em tom de súplica. Respirei fundo e congelei meu coração para não ceder.

— Você tem um filho de quase cinco anos que prova o contrário. — Respondi e tentei fechar a porta, mas ele me impediu.

— Mari, eu amo você, me perdoe... — O gelo estava derretendo, eu precisava fechar a porta logo.

— Chega, Heitor! Não comece esse assunto de novo! Não quero brigar na frente do Gabriel. — Rosnei. Meu coração apertou-se ainda mais.

— Mari, por todos esses anos eu não namorei ninguém, com a esperança de um dia voltar para você, Mari... você é a mulher que eu amo. — Insistiu ele.

— Que espécie de amor é esse que trai? — Disse exaltada.

— Foi um erro... um erro de uma noite estúpida de bebedeira. Droga, quantas vezes terei que pedir perdão para que você me perdoe? — Perguntou, frustrado.

— Nenhuma, Heitor, pois não o amo mais, então não há esperanças para nós... — disse amargurada, e o veneno da mentira escorria pelos meus lábios.

— Mentira! Eu sei que você me ama! Te conheço desde a escola, Mari... Não minta para mim... — disse exaltado.

— Mamãe... papai... por que vocês estão brigando?

Encarei meu pequenino e forcei um sorriso, engolindo com dificuldade aquele bolo que se formou na minha garganta.

— Nós não estamos brigando, meu amor... seu pai só quer se despedir de você — Encarei Heitor — Dê um beijo no seu pai enquanto eu vou até seu quarto guardar sua mochila.

— Marianne, essa conversa ainda não terminou! — Alertou Heitor.

— Boa noite, Heitor. — Fui a caminho do quarto do meu filho engolindo as lágrimas. Quando meu filho retornou, vestiu o pijama e após escutar a história do Peter Pan, adormeceu, liguei o abajur dos peixinhos.

Ao chegar no meu quarto, agarrada ao travesseiro, me permiti chorar.



Capítulo 2

Marianne

Era a última noite de carnaval. Gabriel tinha ido dormir na casa dos seus primos e eu me encontrava encolhida no sofá assistindo Smallville na TV. Meu celular estava desligado pois eu queria evitar qualquer tipo de contato externo, queria ficar apenas ali na minha bolha, quietinha com a minha pipoca e o meu seriado, sem ser importunada por ninguém. Talvez eu estivesse, na verdade, fugindo da minha irmã e da minha melhor amiga. Elas estavam tentando a todo custo fazer com que eu namorasse alguém e viviam marcando encontros com caras divorciados e grotescos. Já estava cansada dessa insistência. E hoje, por ser a última noite de carnaval, elas estavam muito piores. Queriam porque queriam me arrastar para um bar para um encontro triplo e por Deus, eu fiz de tudo para fugir disso.

Ficar me aglomerando no meio de um monte de gente e ainda fingir interesse no papo de um desconhecido que estará me bajulando apenas para que ele termine a noite entre as minhas pernas... eu realmente não estava com paciência para isso. Até mesmo porque, o cara viria até a porta da minha casa, falaria do tempo ou do quanto seria bom tomar um café e eu teria de fingir uma indisposição para mandar ele embora o mais rápido possível. Eu estava feliz em ser solteira. Poxa, uma mulher de 28 anos, professora de inglês e com um filho de quase dez anos não podia viver sozinha que já era taxada como velha solteirona e solitária?

Eu estava satisfeita com a minha vida e rotina. Vez ou outra saía para jantar com algumas amigas, lia meus livros — mais livros do que era considerado normal para a maioria das pessoas — e me sentia livre. Sabe o quanto é bom você não ter a obrigação de cozinhar todos os dias para o marido? Isso é libertador! Não que eu seja uma feminista, nada disso. Eu

apenas senti o gostinho da independência e me apaixonei por ela.

Sai da casa dos meus pais com 18 anos para ir para a faculdade, mas ao conhecer Heitor em um sarau na praia da Joaquina, em Florianópolis, foi como se sinos começassem a tocar e tudo pareceu perfeito. Nossa química foi instantânea, nosso papo rendeu boas risadas — senso de humor é algo que admiro em um homem — e mesmo ele parecendo um grande grosseirão e em meio as nossas gigantes diferenças, como eu eu amava ler e ele detestava, eu amava museus e ele detestava, eu sonhava conhecer Paris e ele sonhava conhecer Las Vegas... ainda assim nós éramos loucos um pelo outro.

Mesmo com ele começando sua brilhante carreira no mundo da engenharia e eu estudando feito louca para me formar em Letras, sempre dávamos um jeito de nos encontrar em um intervalo e outro... e assim sempre passávamos tardes quentes em meu minúsculo apartamento ou no dele. Ele na época tinha 25 anos e eu o admirava muito.

Eu estava tão encantada, era uma menina um tanto ingênua demais para a minha idade, que veio do interior do Rio Grande do Sul para estudar letras em Florianópolis me joguei de corpo e alma nesse relacionamento quando Heitor me pediu em casamento. Pensei estar vivendo um lindo conto de fadas, desses em que só lia em meus exemplares de Sabrina, Bianca e Júlia. Aconteceu tudo muito rápido, nosso casamento, nossa mudança para São Paulo, minha gravidez e o abandono da minha faculdade. Eu estava tão feliz com a vida classificada como perfeita que nem me dei conta de que abandonei meus ideais e meus sonhos para então viver os sonhos dele.

Alguns anos após o nascimento do Gabriel, pelo fato de eu me sentir extremamente solitária, já que Heitor vivia apenas para o trabalho, voltamos para Florianópolis para que ficássemos mais perto de nossas famílias, já que assim ele achou que nossos problemas se resolveriam... Claro que também, obviamente, tinha uma oportunidade de emprego irrecusável para ele ali, já que se fosse para ficar perto da minha família mesmo, iríamos para o Rio Grande do Sul onde moravam 90% dos meus parentes, mas me contentei com isso, pois ao menos assim eu ficaria perto da minha irmã Catiucia e minha melhor amiga desde a faculdade, Grazi. E lá no meu íntimo tinha a esperança de até mesmo voltar para a faculdade, mesmo sem nunca ter expressado isso.

Acabou que o ressentimento me dominava a cada vez que ele subia mais um degrau de sucesso em seu trabalho. Eu ficava feliz por ele, é claro... mas aquele ressentimento, aquela sensação de que todos estavam seguindo em frente e apenas eu ficando para trás era muito evidente. Tentei certa vez

desabafar com a minha mãe em uma de suas visitas, e tudo o que recebi como resposta foi:

— A mulher foi feita para servir o marido, Marianne. Eu mesma passei a vida servindo ao seu pai e o apoiando e tive uma vida muito satisfatória.

Satisfatória? Será que assim que era a vida de todas as mulheres... será que ninguém era verdadeiramente feliz? Eu me contentaria com essa vida acomodada?

E então a acomodação abandonou a minha vida, a dor da traição me domou, a dor da perda de um amor, o término de um casamento... E eu sofri, e sofri e sofri. Mas lá no fundo, me sentia livre. Finalmente realizaria os meus sonhos. Egoísta e frio da minha parte, não?

Eu me permiti curtir esse momento de egoísmo e empurrei a dor para debaixo do tapete quando necessário. Não permiti que o Heitor me dissesse uma palavra do que aconteceu, pois nada do que ele me dissesse mudaria o fato de ele ter me traído. E por mais que eu o amasse demais, eu amava ainda mais a mim. Eu precisava me permitir tentar, afinal queria ser uma mãe que meu filho sentisse orgulho. Por isso, voltei a faculdade e em alguns anos já estava dando aulas.

Havia terminado o episódio da série, mas sequer havia prestado a atenção. Estava perdida em meus devaneios, quando a campainha tocou. Peguei o controle remoto na mesma hora e congelei a cena na tela. Tentei não respirar muito alto ou fazer qualquer movimento brusco, sabia quem era na porta: Cati e Grazi. Elas sabiam ser insistentes e certamente foram até ali com o intuito de me arrastar para o encontro com algum cara tão desinteressante quanto o Sr. Collins. Encolhi-me no sofá, com a ideia ridícula de que elas pudessem me enxergar através da parede.

— Marianne, se você não abrir a porta nesse instante, eu vou dizer para o seu síndico que você é suicida e ele me dará a chave reserva. — Gritou Cati.

Ela não teria coragem. Pensei.

— E se você pensa que eu não teria coragem, porque sei que você pensou exatamente isso, saiba que está muito enganada!

A maldita da minha irmã agora escuta pensamentos?

Bufando, me levantei do sofá, coloquei no rosto a maior carranca que pude e abri a porta. Catiucia e Grazi estavam vestidas para matar. Catiucia mantinha seus belos cabelos castanhos escuros presos a um coque com alguns cachos caindo sobre seus ombros, usava um vestido cor de rosa acima dos

joelhos e saltos pretos. Já a minha melhor amiga Grazi estava com seus belos fios louros soltos e vestia um short jeans com contas de metal, uma blusinha de seda preta e nos pés também saltos pretos; o que deixou ambas muito mais altas do que eu.

— Mari, você está super atrasada. Por sorte nós trouxemos tudo o que você precisa bem aqui. — Elas praticamente invadiram meu apartamento com sacolas e mais sacolas. — Vá tomar um banho logo — ordenou Grazi.

— Eu já tomei banho hoje de manhã. — Sentei no sofá e as encarei — O que vocês estão fazendo aqui afinal? — Perguntei, brincando com as cordinhas do short do meu pijama.

— Viemos buscar você para o encontro, oras. — Disse Cati, impaciente.

— Mas como sabíamos que você iria tentar fugir desligando o celular, viemos arrastar você. — Finalizou Grazi.

— Estou cansada. — Eu disse.

— Trouxemos energético. — Disse Cati, retirando da sacola um latão de energético.

— Estou com dor de cabeça. — Inventei outra desculpa.

— Que bom que compramos remédio na passada. — Disse Grazi e me mostrando a sacola da farmácia.

— De qualquer forma... eu não tenho roupa para ir. — Me arrependi de dizer isso no mesmo momento, pois as duas tiraram das sacolas várias opções de roupas e sapatos.

— Mas... estou ocupada e...

— Sem mas, Marianne. — Disse Cati, irritada — Eu sou sua irmã, te amo e você vai sair para se divertir conosco.

— Mas eu não sinto vontade de sair.

— Nós amamos você e sabemos o que é o melhor para você. — Disse Grazi — E ficar enfiada dentro de um apartamento não é o melhor. Então se vista logo ou vamos levar você assim mesmo do jeito que está para o barzinho. — Pensei em me fingir de morta ou não trocar de roupa para matar ambas no cansaço, mas do jeito que as duas são quando se unem, eu não teria muitas chances de lutar.

Então, vencida fui me vestir. Coloquei o vestido vermelho e os saltos pretos com solados vermelhos, deixei meus cabelos soltos e fiz uma maquiagem básica e como se fosse uma menininha emburrada pronta para ir para a escola depois das férias e fui até o tal bar com elas...

Chegando lá, elas já estavam com seus pretendentes e eu entediada. Ao

meu ver, ele me deu o bolo, eu estava um tanto aliviada por isso, pois não precisava fingir simpatia ou qualquer outra coisa. As duas me trouxeram, e bem, eu estava louca para fugir dali, então disse que iria ao banheiro e bem... fugi para procurar um taxi.

Estava muito frustrada por não conseguir um taxi... mas também, na última noite de carnaval e com a cidade lotada de turistas, seria realmente difícil conseguir um taxi. Quando finalmente decidi que iria andar até achar um taxi, aquela velha frase me veio em mente: “Quanto mais eu rezo mais assombrações me aparecem”. Heitor surgiu na minha frente, diabolicamente lindo, vestindo uma camisa escura, com aquela barba sexy e o olhar quente que derreteria até uma calota polar.

— Oi, Mari. Você está bem? — Ele parecia verdadeiramente preocupado.

— Heitor, oi... eu estou bem... só vou tomar um taxi e ir para a casa. — Olhei a minha volta a procura inútil de um taxi, tentando olhar para qualquer lugar menos para ele.

— Venha comigo, eu te dou uma carona. Você não vai conseguir um taxi hoje.

— Não precisa se incomodar comigo, Heitor. Vá se divertir... seus amigos devem estar esperando você.

— Na verdade, estava indo embora... fugi deles. — Eu o encarei desconcertada e ele sorria travesso. O fato de termos feito a mesma coisa me deixou um pouco abalada.

— Você não estava se divertindo? — Por que isso me importa? Pensei.

— Você me conhece bem o suficiente para saber que locais assim não me agradam. — Disse ele.

Quis dizer: Conheço mesmo? Mas me contive. Eu precisava ir embora e ele era a minha única esperança. Aqueles saltos estavam me matando.

— Aceito a carona. Vamos?

Ele me indicou o caminho onde seu carro estaria estacionado; e para a minha surpresa ele não viera de carro, mas sim com uma moto. Isso me trouxe lembranças perturbadoras do nosso namoro.

— Ainda lembra como se anda numa dessas? — Perguntou com um sorriso de lado, desafiando-me a fugir. Mas o álcool em meu cérebro e a autoconfiança que adquiri com todos aqueles anos me permitiram ter forças para responder e não fraquejar em sua frente, por mais que meu coração pulasse dentro do peito.

— Claro que lembro. — Peguei o capacete que me foi estendido e o coloquei, logo que ele montou na moto, respirei fundo, ergui meu vestido e montei atrás dele.

— Você sabe que precisa segurar firme em mim, certo, Marianne? — Senti o sorriso em sua voz ao dizer isso e amaldiçoei a mim mesma por não ter sido mais persistente em achar um taxi ou em simplesmente ter pedido as meninas que me levassem embora, pois seria completamente aceitável depois do bolo que levei. Mas não, a rainha do drama tinha que fugir furtivamente e encontrar o homem que mais amava, o homem que mais a magoou e montar em sua moto; o que o tornava ainda mais perigoso. Era mais seguro ter pego uma carona com algum desconhecido.

Só esperava que isso não terminasse com um flashback do passado. Não, eu não estava bêbada a esse ponto... por mais que fosse tentador fingir estar embriagada o bastante para abusar da ocasião. Com a minha imaginação fervilhando, fomos a caminho do meu apartamento em alta velocidade, agarrada a sua cintura e sentindo na ponta dos dedos o calor da sua pele.



Capítulo 3

Heitor

Aquele era o último dia de carnaval e ao invés de estar em casa descansando, eu estava trancado no escritório, trabalhando como louco. Mas que sentido havia em ir para a casa se não havia ninguém lá à minha espera? Não, era apenas um grande apartamento vazio que fazia com que eu me sentisse ainda mais solitário. Larguei a caneta em cima da minha austera mesa de trabalho, abri a gaveta e peguei a foto de Marianne. Ela tinha um lindo sorriso nos lábios, aquele sorriso que pensei que ficaria para sempre em minha vida, aquele sorriso que iluminava meus dias.

Mas se tem uma coisa certa na vida é que se você não cuidar de quem você ama, estará fadado a perder essa pessoa. Infelizmente, esse foi o maior dos meus erros. Marianne estava sofrendo calada, e isso era algo imperceptível para mim. Eu vivia no paraíso, mas fui levado ao inferno em questão de segundos. Como diz Paulo Coelho: “A vida é muito veloz, faz-nos ir do céu ao inferno numa questão de segundos”.^[1]

Sentado em meu escritório, perdido em devaneios, com o coração doendo e lágrimas correndo soltas pelo meu rosto, lembrei-me de nosso último feriado de carnaval juntos



Era um dia extremamente quente. Fevereiro estava a todo o vapor e a agitação do carnaval parecia tomar todos os lugares, mas eu nunca dei importância... e para minha sorte, nem ela. Para mim, o melhor daquele feriado era poder adiantar o trabalho do escritório em casa. Acho que esse foi o maior dos meus erros: meu vício em trabalho. Isso alimentava minha sede

em subir cada vez mais para um dia chegar onde eu realmente me sentiria pleno e feliz. Acabei por descobrir que já tinha tudo o que precisava para ser feliz, só que já era tarde demais. Lembro-me que nossas brigas começaram naquele último dia de carnaval...

— *Como você quer que eu saiba disso se você não me fala que quer?* — Gritei, muito alterado com Marianne. Não era de meu feitio gritar ou descontar nela as minhas frustrações do trabalho, mas vê-la ali tão ressentida comigo por coisas que eu negligenciei ou sequer adivinhei sem ela me contar era muito frustrante. O motivo de nossa discussão era o fato de eu ter aceitado o trabalho em uma cidade distante, era um contrato muito grande que nos estabeleceria financeiramente e ela havia mencionado só agora o seu desejo em voltar para a faculdade, só após os acertos com o contrato.

— *Você nunca presta a atenção em mim! Você nunca está aqui! Acho que o fato de você nos arrastar para outra cidade ridículo.*

— *Por que você não se opôs quando mencionei a proposta de trabalho? Porque você não me disse que não queria ir?*

Deus, eu estava tão frustrado, não sabia o que fazer para deixá-la feliz.

— *Porque eu pensei que você recusaria o trabalho* — Gritou ela a plenos pulmões.

— *Pois pensou errado! Você acha que eu gosto de trabalhar feito louco? Você acha que eu gosto de passar os fins de semana inteiros trancado no escritório?*

— *Sim, eu acho que você gosta sim!*

— *Eu faço isso por vocês, Marianne! Para dar uma boa vida para você e o Gabriel.*

— *Mentira! Você gosta de trabalhar! Acabou se tornando igualzinho ao seu pai.* — *Aquela menção ao meu pai fez com que eu me retraísse por completo.* — *Heitor... me desculpe eu...*

— *Chega! Estou saindo...*

— *Eu não queria compara-lo ao seu pai...* — *Vi que ela havia se arrependido no momento que mencionou meu pai. Ela sabia como era nossa relação.*

— *Eu sei... eu só preciso sair.* — *Falei. Estava me sentindo um merda por gritar com ela.*

— *Onde você vai?*

— *Não sei... caminhar por aí.*

Ela sabia que mencionar o meu pai era terrível para mim. Fui criado por um homem cruel e perverso, que nunca deu um pingô de atenção a mim e a minha mãe. E sempre que ele nos doava um pouco de seu tempo, era com crueldades, para nos lembrar de que não éramos bons o bastante como ele. Quando me formei em engenharia, ele me humilhou ainda mais, pois para ele aquele não era um trabalho decente. Ele queria que eu assumisse os negócios da família, mas ao contrário dos seus desejos, eu fui embora de nossa casa e recomecei tudo do zero, já que aquele homem perverso me deserdou. Visitava minha mãe uma vez por ano e as escondidas, já que meu pai a proibia de me ver.

Para ele eu não era mais seu filho. Ele havia perdido o filho perfeito e havia ficado o defeituoso para substituir. Meu irmão mais velho, Erick, faleceu quando eu tinha 16 anos e ele 24. Ele era o espelho de meu pai e com toda a certeza seguiria seus passos, mas perdeu a vida em um acidente de carro, fazendo assim meu amargo pai ficar ainda mais frio e perverso.

Foi aí que começou a ruína de meu casamento. Marianne me tratava com certa frieza. Ela era cordial e sorria, mas sabia que por dentro ela estava gritando e aquilo me matava. Houveram diversos impedimentos para construirmos o prédio comercial em Itajaí e com isso eu comecei a beber com mais frequência, pois ao chegar em casa após um dia estressante de trabalho, tinha a Marianne fria e cordata; nada como aquela mulher quente e alegre de antes. Com isso parei de ir para casa com tanta frequência, sentia-me cansado e derrotado. Sentia-me só e carente.

Foi assim que cometi o pior erro da minha vida, a coisa que mais me envergonhava, aquilo que destruiu tudo o que tínhamos na vida. Certa noite eu estava entorpecido pela bebida, deitado sobre o sofá do escritório montado em Itajaí quando a minha secretária, Livia, apareceu. Eu estava grogue pela bebida e acabei por não resistir quando ela subiu em meu colo e começou a fazer o serviço necessário que destruiria a minha vida. Não culpava a bebida, eu sabia o que estava fazendo... eu sabia que era errado, mas me sentia tão cansado de tudo. Foi um ato sexual rápido e frio, me senti sujo, me senti o pior ser humano da terra e a culpa me consumia dia a dia. Quando voltamos para Florianópolis, descobri que meu ato impensado havia tido consequências. Um filho. A culpa me invadiu e contei tudo a Marianne esperando uma reação, que ela talvez me batesse e me xingasse. Mas ela

apenas respondeu friamente que queria o divórcio e aquele foi o fim da minha vida. Eu havia merecido.

Eu havia perdido o amor da minha vida, havia me afastado do meu filho e tudo o que Marianne me disse no dia em que assinamos os papéis foi que aquilo não iria mudar muita coisa, já que quase não nos víamos enquanto morávamos juntos. E o que mais doeu foi o fato de ela estar coberta de razão.

Quanto ao meu outro filho, pedi exame de DNA e fiz tudo o que era correto por lei. Pagava uma pensão significativa para Gustavo e ele crescia saudável, trazia ele para a minha casa a cada 15 dias e ele e Gabriel se davam muito bem apesar da diferença de idade. Meu contato com Livia era frio e distante. Ela era uma mulher fútil e desagradável, e só não me arrependia por completo por ter feito sexo com ela pois tinha o Gustavo, que eu amava muito.

Eu não tinha namorada e nem nada do tipo. Vez ou outra tinha um caso de uma noite, mas não passava disso. Eu não queria outra mulher na minha vida, só queria a Marianne pois ela era o amor da minha vida e tinha esperanças de um dia reconquistá-la. Eu a esperaria para sempre ou morreria sozinho.



— Ei, cara, vamos beber? — Despertando-me dos meus devaneios, André, meu sócio na empresa, me chamou da porta. Já tinha escurecido e eu sequer havia me dado conta disso.

— Aqui no escritório? — Questionei desanimado e guardei o retrato com a foto de Marianne na gaveta. Ele costumava ficar em cima da minha mesa, mas era doloroso demais quando um cliente chegava em meu escritório e questionava se ela era a minha esposa. Era doloroso demais responder que ela não era mais minha esposa, que eu havia perdido aquilo de mais precioso na minha vida por um ato impensado.

— Não, cara, em um bar! Vamos, é a última noite de carnaval, todos os caras vão...

Eu o encarei desanimado.

— Não serei uma boa companhia. Vou para a casa.

— Ah, deixa de ser um velho caquético. Vai fazer o que em casa sozinho? Tenha dó, Heitor! Vamos para o bar! — Insistiu. Realmente, a ideia de ir para o meu apartamento vazio não era nada atraente.

— Tudo bem, eu vou... mas estou com a minha moto, então vão vocês de carro.

— Não vá mudar de ideia.

— Como se isso fosse possível. — Resmunguei.

Duas horas depois estávamos em um bar lotado, e na pista haviam mulheres que usavam saias minúsculas e decotes ainda maiores para chamar a atenção. Cansado como eu estava, resolvi ir embora de uma vez.

Os caras ficaram protestando, mas eu fugi deles ainda assim. O bom é que eu estava suficientemente sóbrio para dirigir minha moto. Para quem estava acostumado a beber uísque, algumas latas de cerveja não faziam lá muita diferença no organismo; e quando saí do bar lotado, desviando de bêbados e casais aos amassos eu a vi. Ela parecia uma miragem, uma joia preciosa em meio a tantas bijuterias.

Ela estava linda como sempre, com seus cabelos castanhos soltos ao vento. Seu olhar perdido lembrou-me do dia em que a conheci em um sarau na praia... ela havia se perdido das suas amigas e tinha aquele mesmo olhar. Quando prometi ajudá-la a encontrar suas amigas ela me chamou de seu herói; e por mais louco que pudesse parecer, naquela primeira noite eu soube que seria seu para sempre.

No presente, consegui convencê-la a montar em minha moto. Sentir suas mãos sobre meu abdômen era uma das melhores sensações do mundo. Sabia que precisava arrumar um jeito de prolongar esse momento e minha bexiga veio a calhar.

— Você se importa se pararmos no meu apartamento? — Gritei, afinal estávamos na moto e era difícil se fazer escutar.

— Por quê? — Gritou de volta. Havia desconfiança em sua voz.

— Bebi muita cerveja. — Justifiquei — E meu apartamento é mais próximo do que o seu. — Ela pareceu pensar por alguns minutos e enfim respondeu.

— Tudo bem.

Sorrindo abertamente, segui rumo ao meu apartamento. Acionei o portão do estacionamento e entramos.

— Então... vamos subir? — Questionei a ela, apontando o elevador. Ela parecia hesitante, em dúvida do que deveria ser feito.

— Tudo bem. — Respondeu. Eu a guiei para o elevador, mantendo minha mão pousada possessivamente em suas costas. *E agora, depois de ir ao banheiro, o que farei para prolongar esse momento?* Eu estava tão nervoso,

meu coração dava saltos e mais saltos dentro do peito. O perfume de Marianne era doce e refrescante como uma manhã de primavera e ao mesmo tempo quente como um dia de verão. É possível um cheiro ser quente? Ou eu estava bobamente apaixonado a ponto de fazer suposições? Bem, o amor de certa forma é um tanto bobo, e eu prefiro ser um bobo do que ser frio como o meu pai.

Mas afinal por que ele me veio à cabeça agora? Na verdade, eu estava pensando tanto enquanto entrávamos no elevador que achei que a minha cabeça explodiria.

— Então... você saiu com as meninas? — Puxei assunto, tentando acabar com aquele silêncio constrangedor.

— Sim. — Respondeu ela e ficou encarando o painel do elevador.

— Você está linda. — Elogiei com a voz rouca.

— Obrigada. — Ela começou a tamborilar os dedos em sua bolsa de mão, gesto que fazia sempre que estava nervosa. — Achei que ainda estava em São Paulo. — Disse mudando de assunto.

— Foi uma viagem rápida, consegui resolver tudo em um dia só. — Suspirei assim que as portas abriram. — Chegamos.

Eu a guiei pelo no interior do meu austero e masculino apartamento. Ela ficou na sala observando tudo em sua volta. Fui até o banheiro, e ao sair, não sabia mais o que fazer para prendê-la ali. Fui até o quarto que o Gabriel tinha em minha casa e avistei nosso álbum de fotos do dia em que fomos ao parque aquático.

— É isso! — Falei para mim mesmo, esperançoso.

Marianne

Seu apartamento era muito masculino. Era tudo em preto e branco e alguns móveis em laminado. O sofá era elegante e preto, na grande estante de canto havia uma enorme tela de LCD e videogames. Porta-retratos com fotos do Gabriel e algumas de um outro menininho, que deveria ser seu outro filho. Em um porta-retratos havia uma foto de nós dois, na noite em que nos conhecemos, e estremeci diante de tal foto.

— Voltei. Você gostaria de beber alguma coisa? Tem algo que queria te mostrar antes que você fosse embora. — A voz de Heitor soou rouca atrás de mim. Definitivamente, eu precisava de um vinho após ver aquela foto nossa, tão jovens e tão apaixonados.

— Um vinho, por favor. — Respondi e sentei-me no sofá. Não confiava em minhas próprias pernas.

— Tinto suave. — Ele disse e se afastou. Ele sabia exatamente o que eu gostava... mas é claro que sabia, afinal foram vários anos de casamento. Tentei ignorar o fato da sua calça jeans escura fazer com que seu bumbum parecesse ainda mais apetitoso, afinal, eu não era cega. Dois anos sem sexo e cinco anos sem um sexo decente fazia isso com uma mulher. Eu não tive um sexo bom desde que me divorciei do Heitor, e era inevitável compará-lo aos outros poucos que tive logo depois. O sexo até era bom, mas faltava aquela conexão que eu só sentia com ele. Aquilo era uma bosta.

— Aqui está — Despertando-me dos meus devaneios, Heitor retornou a sala com duas taças de vinho tinto e com um álbum embaixo do braço.

— Obrigada. — Bebi três goles grandes do vinho e fiquei levemente tonta. Eu era um tanto fraca para a bebida. — O que queria me mostrar?

Ele sentou ao meu lado, muito próximo, próximo demais. Ele estendeu um álbum de fotos. Encarei-o, questionando em silêncio.

— São fotos do parque aquático, aquele em que levei o Gabi. — Explicou.

— Ah sim, ele ficou falando desse lugar por vários dias.

Abri o álbum e sorri espontaneamente. Ali estava o Gabriel descendo em um tobogã infantil e rindo muito. Ficamos comentando sobre nosso filho. Heitor voltou a cozinha e logo apareceu novamente para servir-me mais vinho.

— Está tentando me embebedar, Heitor? — Lancei a ele um sorriso leve, resultado da taça de vinho que me deixou um tanto ousada.

— De maneira nenhuma. — Ele sorriu torto, terminando de servir a bebida. Bebi mais um pouco do vinho e notei que ele me encarava. Suas íris verdes me confundiam. Senti um aperto no peito e o calor alastrou-se pelo meu corpo. Assustei-me e levantei rapidamente, o que foi um grande erro, já que senti o mundo girar em minha volta.

— Eu devo ir embora. — Disse após me soltar do apoio de Heitor, que segurava em meus braços para que eu não caísse.

— Você não tem que ir... fique. — Pediu ele, encarando-me. Meu coração acelerou e quis fugir dali e ao mesmo tempo me jogar em seus braços. Desviei meu olhar e dei uns passos em direção a porta quando ele veio atrás de mim e me segurou contra seu corpo.

— Eu não posso... eu não devo... — Sussurrei. Seu corpo quente e forte

contra as minhas costas nuas não estava deixando-me se concentrar.

— Você não pode ou você não quer? — Sussurrou ele próximo a minha orelha. Seu hálito quente causou arrepios em meu pescoço desnudo.

— Me deixe ir, Heitor... — Eu me sentia uma massa de sensações em seus braços, me derretendo por completo contra ele. Um desejo reprimido por tantos anos, tanta saudade acumulada e a bebida não estava ajudando a me controlar.

— O que você quer Marianne? — Ele sussurrou meu nome lentamente, como uma carícia. — Fique, meu amor...

— Não... — Meu protesto foi tão sem convicção que nem eu mesma acreditei nas minhas palavras. Ele me virou de frente para ele, seu olhar intenso colou no meu.

— Sim, *mein leben*^[2].

Era assim que ele me chamava quando éramos casados. Não me deixando mais ter qualquer tipo de raciocínio, Heitor tomou meus lábios com paixão e fome. Sua língua deslizou para dentro da minha boca e violou meu muro de resistência. Suas mãos estavam em meus cabelos, e eu agarrei suas costas largas. Começamos a nos mover e ele me guiou para o seu grande quarto. Heitor me prendeu contra a parede branca e deslizou sua língua quente e macia pela extensão do meu pescoço, sua barba por fazer raspou na minha pele, deixando-me ainda mais quente e excitada.

Enquanto seus lábios trabalhavam em meu pescoço, suas mãos agarraram meus seios sob a seda do vestido, provocando meus mamilos enrijecidos. Enquanto seus lábios trabalhavam ávidos em meus ombros, beijando cada centímetro quadrado do meu colo, eu tentava a todo o custo arrancar sua camisa.

Depois dele deslizar as alças do meu vestido pelos meus ombros, arranquei a camisa de Heitor com violência, fazendo com que todos os botões voassem longe. Passei minhas mãos avidas por seu peitoral forte, contornando suas tatuagens; o que me deixava ainda mais excitada, pois quem via o homem responsável não sabia que dentro dele havia um bad boy rebelde.

Passei minha língua por cada desenho de seu corpo, fazendo com que ele soltasse gemidos e grunhidos de desejo. Ele então me jogou sobre a cama e encarou-me com paixão e um misto de um sentimento mais intenso e forte, que preferi ignorar.

— Cada dia mais linda. — Ele disse, e então inclinou-se sobre a cama e

passou a língua por meu mamilo delicado, chupando-o e mordendo-o com avidez.

Gemendo enlouquecida, me perdi em um mar de sensações e implorei por coisas indistintas. Heitor introduziu dois dedos dentro da minha calcinha e começou a explorar meu sexo quente e úmido com movimentos intensos e deliciosos.

— Por favor... por favor... — Minha voz saiu irreconhecível aos meus ouvidos. Eu parecia alguma fera selvagem, algum animal enjaulado que precisava de liberação.

— *Mein leben*, como você desejar... — Sua voz soou rouca e carregada de sentimentos. Com movimentos rápidos, Heitor arrancou a minha calcinha e penetrou-me profundamente. Eu o senti acomodar-se dentro de mim, nos encaixávamos com perfeição. — Oh Deus, como eu te amo Mari... Deus, eu faria qualquer coisa para tê-la de volta.

Senti as lágrimas brotando em meus olhos enquanto ele me encarava com amor. Eu me agarrei aos seus cabelos e fechei os olhos, sentindo o homem da minha vida tomando conta do meu corpo, da minha alma e do meu coração.

Mas assim como ele era o homem da minha vida, o meu grande amor, ele também foi aquele que mais me magoou. Ignorando esse sentimento de dor, agarrei-me em suas costas, beijei cada centímetro do seu rosto e minhas pernas enlaçaram sua cintura. Eu iria aproveitar esse momento ao máximo, iria abraçá-lo e beijá-lo quanto pudesse. Após atingir o orgasmo mais uma vez, Heitor se derramou dentro de mim. Senti suas lágrimas contra meu pescoço, quentes e pesadas. Choramos juntos nesse ato de amor.

Devo ter adormecido em seguida pois despertei assustada. Olhei no relógio de cabeceira e vi que já passava das 05 da manhã, e um braço forte e tatuado estava pousado possessivamente em cima da minha cintura. Flashes da noite anterior vieram à tona em minha mente e o meu corpo dolorido só mostrava o quão vívidas essas lembranças ainda ficariam para mim. Então, com o coração acelerado, me dei conta, não usamos preservativos e eu não tomava pílula.

Com o coração aos saltos, saí de fininho da cama. Fiz uma rápida higiene no banheiro de Heitor e me vesti mais rápido que um raio. Precisava sair dali, precisava fugir do Heitor e de tudo o que eu sentia quando estava com ele. Encarei sua silhueta adormecida mais uma vez, engolindo em seco as lágrimas que teimavam em querer escapar e fugi dali. Cheguei na portaria e um senhor que deveria beirar os 50 anos me encarou desconfiado.

— O seu Orlando não aprende mesmo... — resmungou ele. Na certa não queria que eu escutasse, mas foi inevitável.

— Bom dia, senhor?

— Carlos.

— Bom dia, senhor Carlos. Eu estou vindo do apartamento do Heitor e ele está cansado demais para me levar em casa. — Sempre que eu ficava nervosa dava explicações desnecessárias. — O senhor sabe onde tem um ponto de taxi?

— Não precisa acobertar o senhor Orlando, moça... todos no prédio sabem que cada noite é uma namorada diferente, não se ofenda. — Disse ele rindo e pegando o telefone — Deixa que eu chamo um taxi para a senhorita.

— Mas eu não sei quem é Orlando. estou falando sério vim do apartamento do Heitor. — Só neste momento ele pareceu acreditar em mim e estava impressionado. Ele ligou para o taxi e quando desligou, me encarou.

— Bem, senhorita?

— Marianne.

— Senhorita Marianne... parabéns e desculpe ser inconveniente. — Ele sorriu genuinamente.

— Tudo bem. Mas por que parabéns? — Questionei curiosa.

— A senhorita é a primeira mulher a vir no apartamento do seu Heitor, por isso custei a acreditar... parabéns pelo namoro... ah seu taxi chegou. — Disse ele, apontando para a entrada do prédio. Não tive tempo de raciocinar direito, então mecanicamente entrei no taxi e conclui minha fuga.



Capítulo 4

Marianne

Passaram-se alguns dias desde a minha fuga da casa do Heitor, e meu celular tocava incessantemente com mensagens de texto e ligações dele. Eu não estava pronta para falar com ele, não estava pronta para vê-lo, mas sabia que seria impossível evitá-lo para sempre; e hoje, sem dúvidas iríamos nos ver. Era o dia da festa de aniversário de 10 anos do Gabriel. Eu estava desperta desde cedo para montar a decoração, confirmar com o buffet, os salgadinhos e os doces; e claro, preparando o bolo de cinco camadas que o Gabriel insistira que fosse eu a preparar.

Meu bolo de chocolate era delicioso e todos insistiam sempre para que eu o preparasse, com cinco camadas de massa de chocolate preto, todas devidamente recheadas com morangos e um creme de chocolate ao leite, uma receita velha de minha avó. Aquele bolo, sem sombra de dúvidas, era um pecado capital, tão gostoso quanto um beijo de Heitor, tão tentador quanto uma noite em seu apartamento e me deixava tão culpada ao comê-lo como fiquei ao passar a noite com meu ex-marido.

Fiz uma decoração do Scooby Doo com a ajuda de Grazi e Cati que estavam me infernizando a manhã inteira sobre a minha fuga misteriosa, e não ajudou em nada eu ter gaguejado, ruborizado e as vacas terem ido até o meu apartamento naquela noite.

— Então, Mari... vai abrir o jogo ou não? — Questionou Cati uma vez mais, talvez por força do hábito, já que ela me perguntou aquilo mais vezes do que deve ter respirado naquele dia. Ao encará-la carrancuda, vi em seu rosto uma expressão zombeteira e me dei conta de que ela estava mesmo era tentando me torturar e incomodar.

— Já disse que vim para a casa e dormi. — Insisti.

— Se você tivesse vindo para a casa mesmo, não ficaria corada toda a vez que mencionamos aquela noite... sem contar o olhar sonhador e sua pele de pêssgo. Mulher, assumo logo que você fez sexo.

— E sexo do bom. — Completou Grazi.

— Sabe o quão indiscretas vocês estão sendo? — Bufoi e terminei de ajeitar a mesa. Os convidados logo chegariam, e Gabriel estava no quarto dele terminado de se arrumar.

— Ah, não começa, Mari! Você sempre me contou tudo e agora está fazendo segredo disso? Aí tem coisa. — Grazi nos deixou sozinhas e foi até o quarto de Gabriel.

— Eu só acho que se eu fiz sexo, o problema é meu, certo? Nem sempre preciso te contar tudo, mas eu não fiz. — Disse atrapalhada.

— Claro que fez... mas tudo bem, você é um livro aberto Marianne, não tente mentir para sua própria irmã. — Disse ela sabiamente.

— Deus, você não é minha irmã, é um ser do inferno que mamãe colocou no mundo para me atormentar.

— Também amo você, maninha. — Zombou ela.

— Esse é o pior dos problemas. Amo você e por isso não posso matá-la, — Ela mostrou a língua para mim e eu para ela, como fazíamos quando éramos crianças. Meu celular apitou com uma mensagem de texto, era do Heitor.

“Estou chegando em 15 minutos, espero que possamos conversar sobre aquela noite antes do restante dos convidados chegarem, beijos mein leben.”

— Quem é? É o cara? — Perguntou Cati, vindo na minha direção. Apressadamente escondi o celular em meu bolso.

— Do que... do que você está falando? Não era ninguém, ok? — Disse. Minha voz soou falha e meu coração batia descompassadamente no peito, tanto que creio que Cati poderia escutá-lo tamanha velocidade que ele palpitava.

— Vermelha como um tomate, voz trêmula... e Mari, sua mão está suando. — Disse ela ao pegar em minhas mãos. Eu as puxei bruscamente, tentando proteger-me não sei do que.

— Estou suando porque estou com calor. Vou tomar um banho antes da festa. — Fugiu da sala e corri para o chuveiro em meu quarto. Tomei um banho demorado, tentando aliviar dores em partes do meu corpo que pensei que estivessem adormecidas. Havia separado uma legging preta confortável e uma blusinha leve, afinal precisaria lidar com as crianças que estariam

correndo descontroladas pela casa, mas estranhamente quis ficar feminina naquele dia, então peguei meu vestidinho de verão no guarda roupa, um vestidinho floral rosa, de alcinhas, que ficava acima dos joelhos, apropriado para ser usado em uma festa infantil pois não era curto e nem comprido. Tinha uma faixa que amarrava na cintura e deixava-me com uma silhueta esguia e feminina. Após pentear os cabelos, escutei a voz de Heitor vindo do corredor e senti meu corpo inteiro estremecer. Teria dez minutos para vê-lo se eu enrolasse mais um pouquinho aqui no quarto, ou talvez eu devesse fingir ainda estar tomando banho e enrolar por mais uns vinte minutos?

— Deus, não seja ridícula Marianne. — Disse para mim mesma.

— Pelo jeito você continua com o costume de falar com você mesma. — Disse Heitor atrás de mim. Dei um salto e levantei subitamente, quase derrubando tudo o que tinha em cima da minha penteadeira.

— Heitor! O que você está fazendo aqui? — Disse, encarando-o. *Por que Deus? Por que ele tinha que estar tão lindo?* Ele estava vestindo uma calça jeans, camiseta branca e sapatos combinando... estava casual, simples ao ver de qualquer pessoa, mas aos meus olhos ele estava diabolicamente irresistível.

— Vim para o aniversário do Gabi.

— Eu... — Balancei a cabeça, confusa — Eu sei disso. Quero dizer aqui no meu quarto! O que você está fazendo aqui? — Ele deu um passo à frente e cruzei os braços no peito, tentando me proteger dele ou talvez de mim mesma. O medo me dominando, era tão difícil resistir quando ele estava assim, tão perto.

— Vim te trazer um presente — Ele inclinou a mão, que até agora estava oculta nas suas costas. Ele trazia um belo buque de flores do campo, minhas favoritas. Nunca gostei de rosas, tulipas ou magnólias, para mim as mais belas flores eram as do campo. — São as suas favoritas, né? — Ele sorriu olhando para as flores, mas sem olhá-las... era como se ele tivesse vendo uma cena diante dos seus olhos e me peguei hipnotizada por ele, admirando-o enquanto ele vagava para longe de mim, e então prosseguiu — Lembro-me do nosso segundo encontro que te levei rosas e você já foi direta, dizendo que suas favoritas eram as flores do campo, pois além de belas, eram as mais fortes, pois lutavam e sobreviviam mesmo com as ervas daninhas tentando tomar conta de tudo... assim como você, Mari... mesmo com todas as dificuldades, continua linda e forte, a mais bela das flores do campo. — Deus, por que ele tinha que sempre saber o que dizer? Por que ele sempre

tinha de dizer as palavras certas e porquê? Por que diabos ele tinha que lembrar de coisas que eu mesma não lembrava que tinha dito?

— Obrigada. — Peguei as flores da sua mão, nossos dedos se roçaram e o calor espalhou-se pelo meu corpo. — São lindas. — Desviei meu olhar do seu e me afastei.

— Mari, nós precisamos conversar.

— Não temos nenhum assunto para tratar, Heitor. — Disse seca e coloquei meus brincos rapidamente. Eu só queria fugir dali antes que fraquejasse de novo, antes que a barreira que criei tão cuidadosamente ruísse novamente.

— Mari, aquela noite... ela significou...

— Não significou nada, Heitor. Foi um erro. — Cortei-o — Vamos esquecer que aquilo aconteceu, está bem? Eu preciso ir. — Deixei o quarto apressada. Algumas pessoas já tinham chegado e as crianças começavam a brincar na sala. Os móveis já haviam sido devidamente afastados do centro, deixando ali um grande espaço para as crianças.

Engoli em seco, sorrindo para as mães, cumprimentando pessoas, só então percebi que ainda estava segurando o buque firmemente em meus dedos. Fui até a cozinha e comecei a procurar as cegas algum vaso para colocar as flores, vi o vinho na bancada, servi-me de uma taça e após colocar as flores num vaso de vidro, bebi o líquido com um só gole.

— Belas flores... você não acha que é inadequado a mãe do aniversariante ficar bêbada? — Provocou Cati.

— Eu disse que você é um ser do demônio que veio ao mundo para me torturar. — Disse brusca.

— Calma, estou só brincando. — Defendeu-se Cati — Prometo que essa é a última vez que me meto em sua vida.

— Que alívio. — Suspirei.

— Mas...

— Estava demorando... — Bufei.

— É a última vez juro. — Insistiu ela.

— Fala logo Cati.

— Você não acha que já passou tempo demais e que o Heitor, apesar de ser um cretino que errou feio, também é um cara incrível e que merece ser perdoado? Por Deus, todas nós sabemos que o Heitor é um homem em um milhão! Ele não é mulherengo, não é cafajeste... ele te ama, Mari, e isso é nítido... e você o ama também. Não acha que está na hora de dar uma chance

para ele e voltar a ser feliz?

Deus, como eu detestava a minha irmã.

— Eu concordo com a Cati... — disse Grazi, entrando na cozinha — Ei, Mari, não me olha assim... — Resmungou ela por eu estar encarando-a furiosa. — Só estou dando a minha opinião. Sabe que amamos você e queremos apenas a sua felicidade.

— Vocês deveriam odiá-lo! São minhas amigas! E eu não pedi a opinião de ninguém e sou muito feliz! — Elas me encararam, céticas, sabendo da grande mentira que eu estava proferindo, por Deus, até eu não acreditava naquelas palavras, mas salva pelo gongo, o Gabriel entrou na cozinha chamando por mim.

— Mamãe, mamãe, cadê o mágico? — Ele parou na minha frente ofegante como se tivesse corrido em uma maratona.

— Filho, acalme-se. Por que está tão ofegante? — Ergui seu rostinho e vi o quão pálido ele estava. — Gabriel, você está bem? — Questionei preocupada.

— Estou, mamãe. Só um pouco cansado e ansioso... Onde está o mágico? — Perguntou ele mais uma vez, e seus olhinhos brilhavam em antecipação.

— Eu vou ligar para ele agora, mas você vai me prometer sentar-se um pouco no sofá. Você está pálido, Gabriel. — Falei preocupada.

— Mas mãe...

— Só uns minutinhos, tudo bem?

Desanimado, ele cedeu e foi para a sala. Encarei as duas a minha frente com um olhar que dizia que não era para tocar mais naquele assunto e peguei meu celular. O mágico havia pego um resfriado e não viria, e iriam reembolsar o dinheiro; mas eu estava furiosa pois tudo que o Gabriel mais queria naquela festa era o show de mágica.

— Que saco mesmo. — Bufei ao desligar o celular.

— O que houve? — Perguntaram em uníssono.

— O mágico não vem! A festa de dez anos está arruinada...

— Eu posso ser seu mágico. — Heitor entrou na cozinha, fazendo com que o cômodo parecesse menor do que realmente era.

— Como? — Eu estava tão frustrada, Gabriel pediu tanto pelo show de mágica, não queria decepcioná-lo.

— Preciso de um copo plástico, uma colher, um baralho, uma caixa de fósforos... moedas eu tenho. — Ele foi arregaçando as mangas e me encarou.

Eu estava paralisada. Deus, por que me portava como uma adolescente sem saber o que fazer quando ele estava por perto. — Então, Mari?

— Ah... sim, claro... — Com a ajuda de Grazi e Catiucia encontramos rapidamente os itens, pegamos uma capa de chuva antiga e transformamos em uma espécie de capa de mágico. Como boa estilista e costureira que Cati era, logo Heitor se transformou em um mágico de esquina, e as crianças não notariam a pobreza da fantasia e as mães certamente suspirariam pelo mágico misterioso. Senti-me incomodada com isso, não queria as mães admirando-o ou o desejando. *Mas que diabos estava acontecendo comigo?*

— Pare de ser ridícula, Marianne! — Murmurei sozinha.

No fim transcorreu tudo perfeitamente, Heitor foi um mágico excelente e as crianças ficaram animadíssimas. Notei que o Gabriel continuava com uma expressão cansada. Ele estava muito feliz, claro, mas eu não pude deixar de me preocupar. Heitor foi um grande cavalheiro ao encerrar as festividades após 4 horas intensas de festa. É claro Grazi e Cati fugiram logo que viram que Heitor tomou a frente, parecendo o dono da casa, limpando e recolhendo pratos e guardanapos sujos para colocar no lixo.

Após o último convidado partir, Gabriel estava além da exaustão e abraçou seu pai e eu, e seguimos juntos até o quarto, acomodando nosso filho na cama, que antes de adormecer, disse:

— Essa foi a festa mais irada do mundo! Obrigado, mãe. Obrigado, pai... Será que no ano que vem podemos fazer a festa em um parque de diversões? Ou quem sabe num circo? — Seus olhinhos se iluminaram e nós rimos de suas ideias.

— Podemos pensar a respeito, filho. — Eu disse.

— Mas agora vá dormir, campeão. Precisa recuperar as energias para poder brincar com todos os brinquedos que você ganhou. — Disse Heitor.

— Será que meu pedido vai se realizar? O que fiz quando soprei a vela?

— Se Deus quiser, sim, meu amor. — Beijeí sua testa e fomos nos afastando em direção a porta.

— Tomara que ele queira, pois quero muito ser colocado na cama todos os dias pelo meu papai e minha mamãe. — Virei-me em sua direção com o coração aos saltos. Gabriel já havia fechado os olhos. Heitor me encarou e saímos do quarto.

— Bem, acho que você deve ir também... deve estar cansado. — Falei ao chegarmos na sala.

— Até quando ficaremos nisso, Mari? — Questionou ele.

— Heitor, por favor... eu estou cansada. — Suspirei.

— Tudo bem, Marianne... mas não pense que você vai fugir para sempre. — Ele me encurralou contra a parede e seu corpo pressionou o meu. Foi um movimento tão rápido e ágil que não consegui reagir. Ele me encarou e disse: — Eu amo você, Marianne. Sei que fui um completo idiota e que eu mesmo coloquei tudo a perder, mas só peço uma chance para provar a você que tudo será diferente.

— Eu não posso — sussurrei, fraca.

— Eu vou lutar por você, por nós... por nossa família. — E então o inevitável aconteceu, ele beijou minha boca com fúria, e sua língua acariciou cada recanto da minha boca, deixando-me mole, quente... e então ele se afastou bruscamente — Eu não vou prolongar isso. Quando você estiver na minha cama de novo, Marianne, será do jeito certo... você vai querer isso de verdade.

Eu o queria com todas as células no meu corpo, pensei em dizer isso, mas uma barreira imaginária me impediu... talvez eu não o quisesse como ele queria que fosse e talvez se acontecesse isso novamente, tudo se complicaria ainda mais, tudo doeria ainda mais e então ele me despedaçou.

— Você acha que por que sou homem. não tenho sentimentos? Como você acha que me senti ao despertar sozinho em minha cama? — Ele parecia perdido — Como acha que me senti ao você ter me ignorado? Bem, tanto faz... acho que a fiz sofrer muito mais com o que fiz a você. Eu talvez mereça isso. — Ele suspirou, afastou-se de mim e caminhou em direção a saída. — Ter dito que não significou nada aquela noite, Mari, que foi um erro, doeu demais... pois para mim, aquela noite, significou tudo. — E então ele partiu, deixando-me só com meus pensamentos. Eu o amava com todo o meu coração e é claro que queria lhe dar uma chance, mas o medo me corroía. Tinha medo de ser despedaçada de novo... medo de confiar e me decepcionar.



Capítulo 5

Heitor

Segunda-feira, 4 de março de 2002

É incrível o quão incerta a vida é. Nós pensamos ter tudo sob controle, pensamos que tudo é certo, que nada vai mudar, que tudo ficará assim para sempre. Assim era o que eu pensava quando estava casado com a Mari. Pensava que ficaríamos juntos para sempre, que a crise em que estávamos passando era temporária. Ambos cometemos o grande erro de nos calarmos, empurrar os problemas para debaixo do tapete, fingir que nada estava errado, sorrir para os vizinhos, sorrir um para o outro, quando na verdade estávamos gritando por dentro.

Se aprendi algo com a nossa separação é que um casamento nunca daria certo sem diálogo, temos ao nosso lado o amor da nossa vida, a pessoa que escolhemos para formar uma família, uma vida. Ficar em silêncio sobre nossos sentimentos é um erro terrível e além de ser desleal com a pessoa que amamos, é desleal conosco. Temos que ser honestos, por mais que doa falar, por mais que doa ouvir, é a verdade e todos merecemos saber a verdade. Se há um problema, converse a respeito, se abra, pois guardar para si o ressentimento só tornará as coisas piores e creio que não há nada mais corrosivo em um relacionamento do que isso.

A Mari era a minha esposa, mas não era a minha melhor amiga, não era mais a minha parceira, a minha companheira e por fim não era a minha amante e sequer a minha namorada. O ressentimento a tornou fria... ela sorria com os lábios, mas não com o olhar. Eu cometi um erro terrível, e infelizmente não tenho o poder de voltar no tempo, de mudar isso, de consertar isso e nem sei se seria o correto a fazer, já que com esse erro estúpido aprendi tantas coisas... aprendi a dar mais atenção a minha mulher e

ao meu filho, mesmo não vivendo mais com eles. Eu a vi crescer, se formar na faculdade, realizar seu sonho e cada realização que eu observava de longe só fazia com que eu me apaixonasse ainda mais por ela.

— Senhor? Posso entrar? — Despertando-me de meus pensamentos, o entregador da floricultura chegou na minha sala.

— Sim, pode entrar, por favor. — Acenei para que ele entrasse. Ele carregava um esplêndido buque de flores do campo em sua outra mão uma caixa de trufas de chocolate com pimenta, as favoritas de Mari. Assinei o cartão e coloquei em um envelope. — Pronto, aqui está. — Remexi em minha carteira e lhe dei uma gorjeta gorda. — Já passei o endereço a você, certo?

— Sim senhor.

Sorri imaginando sua reação ao receber as flores no meio de uma de suas aulas. Assim que ele sumiu de minha vista, verifiquei se meu celular estava no alto, pois sabia que receberia uma ligação sua a qualquer momento e não pude conter o sorriso. Estava sorrindo muito ultimamente, depois do que vivenciei aquela noite. Senti que ela ainda me amava e tudo o que eu precisava agora era que ela me perdoasse e me desse uma segunda chance.

Eu precisava dela, e depois que a tive novamente em meus braços a sensação de necessidade cresceu ainda mais. Precisava dela comigo, de nenhuma mulher mais, pois apenas ela me completava. Queria mais filhos com ela... por Deus, eu deixaria de trabalhar 10 horas por dia por ela, viveria no meio do mato por ela. Eu precisava reconquistá-la como na época do namoro.

Fui avisado de uma reunião pelo interfone, iria começar dali a cinco minutos. Coloquei o celular no bolso pois queria atender prontamente quando ela ligasse e foda-se se eu teria que parar a reunião no meio, eu iria atendê-la, pois ela era a minha prioridade e nunca mais eu deixaria o meu trabalho atrapalhar isso.

A reunião seguiu tranquilamente, era sobre um novo projeto de tráfego na cidade, uma estrada que reduziria o trânsito. A ilha de Florianópolis estava se tornando superpopulosa e acreditava que eventualmente tudo iria parar e que os carros não conseguiriam se mover, mas talvez aquela estrada ajudasse. Sabíamos que era um projeto ousado; sem contar que o governo não nos daria muito apoio, mesmo que nos jornais alegassem ter investido milhões, mas na verdade o que receberíamos era um terço do anunciado. Acabei focando tanto na reunião que levei um enorme susto quando meu celular começou a tocar,

olhei a tela e vi seu nome. Apenas ler seu nome no visor do meu celular já fez meu coração disparar.

— Podemos terminar a reunião? — Questionou o arrogante assessor do prefeito.

— É importante, preciso atender. — Sorri para ele e disse: — Vamos analisar esse projeto e entraremos em contato. Temos que ver a verba disponível, senhor... não queremos parar tudo pela metade por falta de verba. — O homem minúsculo me encarou com desdém — Senhores, se me derem licença. — Apontei para o celular e deixei a sala.

— Mari, bom dia. — disse bem-humorado.

— Heitor, o que você tem na cabeça? — Rosnou ela entredentes. Podia visualiza-la em minha mente com a face vermelha e aquele olhar que fuzilava qualquer um.

— Bem... cabelos, um par de olhos, uma boca muito bonita devo acrescentar, e.... — Provoquei.

— Não venha bancar o engraçadinho! O que você tem na cabeça para enviar flores e chocolates para mim no meu trabalho? — Disse ela impaciente.

— Não é obvio? — Não pude conter o sorriso.

— Não, nada obvio... a não ser o fato de você querer me deixar constrangida diante de todos os meus alunos. — Vociferou ela.

— Garanto a você que esse não era o objetivo. — Cheguei no meu escritório e passei a chave na porta.

— Então qual era? Me irritar? — Sorri mais uma vez, Mari irritada era tão fofa.

— Estou cortejando você! — Ela ficou em silêncio alguns instantes na ligação e quase pensei que ela pudesse ter desligado — Mari? — Sentei-me na minha mesa e observei sua foto que voltei a colocar sobre a mesa.

— Estou aqui. Como assim cortejando? Voltamos para o século dezenove? — Sua voz já estava um tanto suave e mais calma.

— Eu quero namorar você, te levar ao cinema, para jantar fora... Você aceita ir num encontro comigo? — Quase podia visualizá-la em conflito. Ela provavelmente estava tamborilando os dedos de nervosismo.

— Não tenho mais idade para isso. — Resmungou ela.

— Não seja tola, Mari. Vamos, vai ser divertido. — Insisti.

— Não estou interessada em namorar.

— Ótimo, então casamos de novo... até porque esse é o objetivo

central... quer casar comigo, Mari, de novo?

— Heitor, você bebeu?

— Nunca estive mais são na minha vida. Eu amo você, Marianne... você é a mulher da minha vida e é contigo que quero passar o resto dos meus dias. Já tenho 37 anos e sei muito bem o que quero para a minha vida. Quero você, Mari... somente você para sempre.

— Heitor, acho que esse é um assunto que não deve ser tratado por telefone. — Disse ela relutante. Conseguia visualizá-la fechando os olhos nesse momento... era algo que ela fazia sempre quando se sentia sem saída.

— Eu concordo. Janta comigo na sexta-feira?

— Heitor! — Censurou-me.

— Por favor, Mari! Me dê uma chance. — Implorei.

— Ah, Heitor... — suspirou ela — Tudo bem. — Cedeu. — Apenas sairemos como amigos. Vamos apenas conversar.

A esperança foi renovada em meu interior.

— Perfeito, eu mal posso esperar. — Um sorriso de orelha a orelha surgiu em meu rosto. Sabia que ficaria sorridente até sexta-feira, mas não me importava, pois ela abriu a porta para mim, ela me permitiria entrar.

— Agora eu preciso voltar para a aula, Tchau, Heitor.

— Tchau, *mein leben*.

Marianne

Sexta-feira, 8 de março

Eu ainda não acreditava que tinha concordado com isso. Será que estava fazendo a coisa certa? Será que tentar de novo era o certo a fazer? Não sabia dizer. Pensei em uma rota de fuga, mas não conseguia pensar em nada. Era educada demais para deixá-lo esperando, era curiosa demais para não ir, o amava demais para não ir. Vi uma dor profunda em seu olhar aquele dia na festa do Gabriel e não queria magoá-lo e nem machucá-lo, então eu iria, mesmo que isso fosse um desastre.

Estava conduzindo a turma, que estava no frenesi pela volta as aulas, de reencontrar os amigos; então no início era um tanto difícil mantê-los sob controle.

— Mari, telefone para você na diretoria... é importante. — A orientadora apareceu na porta da sala. — Sugiro que leve sua bolsa, sua aula está encerrada por hoje. — Meu coração gelou no mesmo instante.

— O que está acontecendo? — Questionei colocando a mão sobre o peito. *Gabriel!* Foi o nome que me veio em mente. Havia algo de errado com meu filho, eu sabia que era isso. Pode-se chamar de instinto materno ou coisa assim, mas eu apenas sabia em meu íntimo que uma tempestade se aproximava após essa breve calmaria.

— Apenas vá, Mari.

Recolhi minhas coisas rapidamente, sentindo as lágrimas se formarem. Não sabia o que estava acontecendo, mas senti aquele aperto no peito. A turma ficou em silêncio, o que tornava tudo tão anormal que tive medo.

Despedi-me de todos com um aceno pois não conseguia falar, nem encarar seus olhares preocupados. A orientadora Sônia ficou com os alunos e corri para a diretoria. Lá, todos me encaram com preocupação. Peguei o telefone rapidamente, sentindo raiva de todos por me olharem daquela forma, sem nem ao menos saber o que estava havendo.

— Alô — Atendi com a voz rouca pelas lágrimas que engoli.

— Senhora Marianne Goulart?

— Sim é ela...

— Aqui é Diretora Carmen Lúcia, da Escola Fundamental Hercílio Luz. O seu filho, o Gabriel... ele desmaiou durante a aula de educação física, eu não estava conseguindo me comunicar com você, a ambulância chegou

primeiro, então a professora Noeli o está acompanhando, eles foram para o hospital infantil no centro e...

Desmaiar? Pedi a Deus que me desse forças, pois eu quem estava prestes a desmaiar. Respirei fundo, anotei o endereço e corri para o meu carro. Lágrimas quentes e salgadas escorriam pela minha face, então liguei para a única pessoa que me veio à cabeça: Heitor.

— Mari, oi... não vem dizer que vai cancelar que isso não vai me desmotivar.

Pude perceber o sorriso em sua voz. Como é possível? Apenas sua voz já me trouxe um pouco de conforto. Não liguei para ele apenas porque ele era o pai do Gabriel, mas também porque eu precisava dele.

— Heitor — Nessa hora eu já estava chorando em frente ao volante. Eu, que sempre me considerei tão forte, me sentia tão fraca.

— Mari, o que houve? — Perguntou preocupado.

— Eu... eu não sei. O Gabriel desmaiou na escola e está no hospital e eu tenho que ir... Eu... Eu... tenho que ir.

— Mari, se acalme. Você está na escola? — Perguntou.

— Sim, estou no carro. Vou encontrá-lo no hospital ... — Um soluço escapou dos meus lábios.

— Não saia daí, estou a caminho.

— Heitor, eu tenho que ir...

— Não vou deixar você dirigir nesse estado, Marianne. Fique aí, já estou no estacionamento... vamos juntos para o hospital. — Concordei.

Respirei fundo e tentei manter o controle. Podia não ser nada demais e eu estava só fazendo uma tempestade em um copo d'água. Porém, eu já havia notado que algo estava errado com meu filho, tanto que tinha marcado consulta com o pediatra. Eu precisava ser forte, na frente de Gabriel eu iria sorrir e seria a mãe valente que ele precisava.

Em menos de dez minutos Heitor estava batendo na janela do carro.

— Heitor — Abri a porta e me joguei em seus braços. Não sabia porquê estava assim, ainda não sabia o que o Gabriel tinha, mas para um menino que nunca ficou doente era algo assustador saber de seu desmaio... e por Deus, em meu coração eu sentia que era algo grave, por mais que tentasse afugentar tal ideia.

— Acalme-se, Mari. Vai ficar tudo bem. — Disse ele em meu ouvido, acariciando meus cabelos.

— Eu vou me acalmar — Afastei-me dele — Não quero assustar o

Gabriel, vou me manter serena. — Respirei fundo e engoli o choro que queria retornar e me deixei ser conduzida para o carro de Heitor.

— Vai dar tudo certo, Mari. — Ele me confortou no caminho para o hospital. Tentei acreditar nele, mas não consegui.

O que ocorreu nas próximas horas foi como um borrão para mim. Gabriel fez vários exames e o médico me encheu de perguntas e seu olhar era extremamente assustador. Ficar sem um diagnóstico estava me matando.

Expliquei para ele que o Gabriel estava constantemente cansado ultimamente, por isso eu havia marcado consulta para a semana seguinte, que ele começou a se queixar de dores de cabeça recentemente e Heitor mencionou que Gabriel reclamou que estava com dores no corpo, o que só me deixou ainda mais apreensiva.

Gabriel fez vários exames e o médico parecia um tanto tenso. O resultado sairia na segunda, mas eu temia já saber o que era, conhecia aqueles sintomas, Jorge meu primo havia feito um trabalho de escola no ensino médio e o auxiliei e infelizmente os sintomas eram todos esses. Deus, como eu estava assustada! Gabriel estava já bem-disposto no banco de trás do carro do Heitor... eles conversavam animadamente e eu as vezes sorria e fingia prestar a atenção, mas na minha mente estava apenas uma prece: “Por favor Deus, com meu filho não, faça o que quiser comigo, mas com ele não”.

Engoli em seco durante o caminho todo, não queria chorar, não queria deixar o Gabi sobrecarregado. Ele era apenas um menino de dez anos, deveria viver para brincar, aprender e jogar videogame. Não deveria passar meses em um hospital, o que ocorreria se esse fosse o diagnóstico.

Chegamos ao meu apartamento e Gabriel estava feliz, tanto que nem parecia que havia desmaiado naquela manhã. As horas que passou em observação no hospital deixaram-no até animado, inclusive havia feito amigos. Ele era um menino tão alegre, não conseguia imaginá-lo doente.

— Mamãe, mamãe! — Gabriel me chamou, entusiasmado.

— Fala, meu amor. — Encarei seu rostinho lindo e acaricie seus cabelos dourados.

— Será que o papai pode jantar conosco hoje? Sabe, como uma família de verdade.

Encarei Heitor pelo canto dos olhos e ele parou momentaneamente, como uma criança aguardando a minha resposta.

— Claro, filho. O que você quer comer?

— Pizza! Pizza, podemos?

— Claro, Heitor, ligue para a pizzeria, por favor. Eu vou tomar um banho, foi um dia e tanto.

— Claro.

Fui para debaixo do chuveiro, me sentei no chão do box e continuei minha suplica a Deus. *Por favor, Senhor, que não seja essa doença maldita, que seja apenas uma anemia... por favor...* minhas lágrimas se misturavam a água morna do chuveiro e após colocar tudo para fora, saí do banho.

Vesti uma roupa confortável e fui me encontrar com eles na sala. Eles conversavam animados e Gabriel mostrava ao seu pai diversos folhetos. Parei no batente da porta admirando-os conversarem.

— E então no meu aniversário de 11 anos, acho que o parque aquático. Seria irado, pai! — Disse ele entusiasmado —. O Gui, meu colega de escola, faz natação... eu queria fazer também e então minha festa pode ser aqui né.

— É um bom plano, mas vamos conversar com a sua mãe antes. — Respondeu Heitor.

— Se você pedir ela deixa, papai... ela sempre faz o que você pede, mesmo que não pareça...

— Nem sempre, filho. E se ela não permitir, faremos sua festa em outro lugar, tudo bem? Tem que obedecer sua mãe.

— Eu sempre obedeco a mamãe. — Replicou Gabriel, orgulhoso.

— Você é um garoto esperto demais, Gabriel... Desde quando você cresceu tanto?

— Ora, papai, acontece todos os dias, sempre crescendo um pouco mais a cada dia. — Gabriel logo me viu parada no batente da porta. — Mãe, você chorou? — Perguntou ele.

— Não, filho, caiu xampu nos meus olhos. — Menti.

— Pai, uma vez caiu xampu nos meus olhos e chorei muito. — Gabriel voltou-se para seu pai e os dois começaram a conversar de novo.

Aquela cena era tão comovente, os dois eram tão lindos juntos. Segunda-feira saberíamos o destino de Gabriel, então iria aproveitar esse fim de semana com os dois ao máximo. Os dias que se seguiriam eram incertos, mas iria aproveitar aquele momento com eles.



Capítulo 6

Marianne

— Ele dormiu. — Disse Heitor atrás de mim. Aquela noite foi muito animada apesar dos pesares. Bebi um pouco de vinho e tentei esquecer os problemas momentaneamente. O que foi em vão, pois a cada dois minutos o medo assumia e o temor do diagnóstico voltava com força total. Porém mantive os sorrisos, não fraquejei na frente do Gabi, fui forte pois ele precisava disso... ele precisava de confiança e se não fosse isso, na segunda-feira estaríamos todos felizes tomando um sundae de chocolate delicioso para comemorar.

— Uhum — Respondi apenas. Havia terminado de limpar a cozinha há dez minutos, mas estava parada em frente a pia, olhando pela janela e pensando em tudo. Nós sempre pensamos que nossos problemas são enormes, ficamos abatidos, estressados por quase tudo, mas ao ver tudo por outra perspectiva vemos que nossos problemas não são nada quando comparados a problemas que muitas pessoas têm.

— Mari, você está bem? — Heitor apoiou suas mãos em meus ombros. Bastou aquela pergunta doce e preocupada para me fazer desabar. Os soluços vieram do fundo da minha alma. Ele fez com que eu me virasse para ele e me deixei ser abraçada e amparada. — Shhh... meu amor, tudo ficará bem... — Ele acariciava meus cabelos e me agarrei aos seus braços, mergulhando meu rosto em seu peitoral forte, e minhas lágrimas de dor encharcaram sua camisa. Ele me manteve ali em seus braços, acariciando meus cabelos e me dizendo palavras de conforto, como se eu fosse uma criança em seus braços.

— Eu... eu estou com tanto medo. — Confessei, acalmando-me e encarando seu olhar. Vi em seu olhar por milésimos de segundos o medo também, mas logo ele me pegou no colo firmemente, me carregou até o sofá

confortável da sala e disse:

— Vai dar tudo certo, meu amor. Sei que quando chegarmos no hospital na segunda-feira as notícias serão boas.... eles vão ver que o Gabi é um menino forte e sapeca, e tudo o que aconteceu na escola foi porque ele esqueceu de comer pois estava ocupado demais indo brincar. — Heitor acariciou meu rosto com as pontas dos dedos. Fiquei grata por suas palavras positivas, mas recordei-me do olhar preocupado do médico e não pude evitar me sentir apreensiva.

— Eu só quero que segunda chegue logo e ao mesmo tempo não quero que ela chegue nunca. — Dei uma risada nervosa e o encarei — Louco, não? Você deve me achar maluca ou bipolar.

— Não... Também estou com o mesmo pensamento que o seu, quero que segunda-feira chegue logo para acabar com esse suspense e ao mesmo tempo não quero que ela chegue nunca se isso for nos deixar quebrados.

— E se ele tiver...

Ele calou meus lábios com dois dedos.

— Não fale essa palavra. O que quer que o Gabriel tenha, nós vamos superar isso, juntos, como uma família.

Assenti.

— Tudo bem.

Ele apontou para o vinho e afirmei que queria, então Heitor serviu-me uma taça e olhou no relógio.

— Acho que devo ir, já passa da uma da manhã. — Virei a taça de vinho com um só gole.

— Tudo bem... é.... bem, pelo menos tivemos nosso encontro afinal, não é mesmo? — Sorri para ele um tanto tonta.

— Não mesmo... isso não conta, senhorita Marianne. — Ele sorriu. Tentei levantar do sofá para conduzi-lo até a porta, mas fiquei levemente zozza.

— Ei, parece que como o Gabriel, você também precisa ser colocada na cama. — Ele me ergueu em seus braços novamente.

— Heitor, o que você pensa que vai fazer? — Ia protestar mais firmemente, mas estava tão cansada.

— Colocar você na cama antes de ir embora. — Ele beijou minha testa enquanto abria a porta do quarto, então me colocou na cama e tirou minhas sapatinhas. Eu me aconcheguei na cama e ele sorriu, admirando-me.

— Nem pense nisso. — Eu disse a ele preguiçosamente.

— Eu não pensei em nada, Mari... a não ser o fato de como você está linda e como minha noite foi maravilhosa ao lado da minha família. — Ele inclinou-se na minha direção e beijou castamente meus lábios. — Boa noite, *mein leben*. — Ele foi em direção a porta lentamente e cada passo que ele dava para se afastar de mim, eu sentia um buraco se abrir em meu peito.

— Heitor! — Involuntariamente minha boca pronunciou seu nome. Ele virou-se e encarou-me.

— Sim, Mari?

— Por favor, fique. — Pedi.

— Ficar? Tem certeza?

— Sim. Por favor, não me deixe sozinha. — Ele retirou o paletó e a camisa, descalçou os sapatos e dei espaço para que ele deitasse ao meu lado para que eu me acomodasse em seu ombro forte e quente. — Obrigada.

— Eu amo você, Mari. Não precisa agradecer, meu amor. — Então ele começou a acariciar meus cabelos. Sentia-me amparada e protegida, e aos poucos o medo que me dominava foi esvaindo-se. Eu me sentia um pouco mais forte com seu apoio e cuidado, e em menos de cinco minutos acabei adormecendo em seus braços.



Despertei na manhã seguinte com o sol invadindo através das cortinas. Um braço forte pendia em volta da minha cintura, o braço de Heitor, que respirava calmamente ao meu lado ainda adormecido. Por alguns instantes havia me esquecido do episódio do dia anterior e aquele foi o instante mais feliz do meu dia, até que 1 minuto depois tudo voltou.

— Mamãe. — Gabriel surgiu ao lado da cama e visualizou o braço de seu pai sobre mim e um sorriso iluminou seu rosto — Papai? Mamãe e Papai? — Ele começou a rir sem parar e bater palmas. Nisso Heitor começou a se mexer e encarou-o com um sorriso preguiçoso. — Mamãe, meu desejo se realizou! Você tinha razão, quando queremos uma coisa com muita vontade ela acaba acontecendo!

— Bom dia, meu barulhento filho. — Disse Heitor sonolento.

— Filho, acalme-se... seu papai dormiu aqui hoje pois ficou tarde para ir embora ontem, assim como você quando vai dormir na casa de um amiguinho. — Eu disse, tentando acalmar sua excitação.

— Então o papai não vai morar aqui? — Agora me dei conta da grande bobagem que fiz ao convidar Heitor para passar a noite. Estava tão carente e precisando ser reconfortada que não me dei conta de que iria dar esperanças ao meu filho. *Marianne como você é estúpida!*

Vendo que fiquei completamente sem fala diante do olhar quase decepcionado de Gabriel, ele olhava de um para o outro em expectativa e Heitor disse: — Filho, vamos aproveitar hoje, tudo bem? o que você acha de tomarmos um café da manhã reforçado e ir no cinema á tarde?

— Podemos ver um filme em 3D? — Perguntou entusiasmado.

— Podemos ver o que você quiser. Vamos, Mari? — Perguntou Heitor levantando-se da cama.

— Tenho tantas provas para corrigir. — Disse, lembrando-me do trabalho que tinha para o fim de semana.

— Ah, mamãe... são só algumas horas no cinema. — Disse Gabriel sentando-se na cama e encarando-me com o olhar pidão. Heitor me encarou também e fez um beicinho que me deu vontade de rir.

— Tudo bem, vocês venceram. — Sorri.

— Oba! — Pulou Gabriel, animado.

— Que filmes será que estão em cartaz? Pena que X-Men 2 só lança ano que vem... ver o Wolverine em tela grande é muito bom.

Sorri ao ver a cara de Heitor.

— Também é fã do Wolverine, mamãe? — Perguntou Gabriel inocentemente.

— Mas é claro! Super fã. — Disse sorrindo, quase caindo na gargalhada ao ver a carranca de Heitor. *É sério que ele estava com ciúmes de um personagem?*

— Eu também! Acho super irado aquelas garras de metal e o poder de se curar. Imagine que legal seria se machucar e logo ficar curado. — Acariciei seu cabelo, sentindo a melancolia voltar.

— Sim, incrível...

— Tem aquele filme novo que parece muito bom, “A era do gelo”. Podemos ver? — Perguntou animado.

— Ele só estreia dia vinte e dois, filho. — Respondeu Heitor. — Quando lançar, iremos... mas hoje assistiremos outra coisa, okay?

— Okay.

Aquele sábado foi perfeito e fiz tudo, menos trabalhar. Após o café da manhã fomos até um parque e dei muitas risadas com Heitor e Gabriel,

almoçamos num restaurante incrível e passamos a tarde no shopping entre o cinema e tomando um sorvete na praça de alimentação. Acabamos por chegar em casa no fim da tarde, Gabriel estava tão exausto como nunca o vi antes que após tomar um banho foi dormir.

— Acho que não deveríamos ter saído hoje. Olha como ele se cansou, devemos ficar mais em casa. — Disse preocupada.

— Não se arrependa do dia de hoje, Mari... é normal as crianças se cansarem e o Gabriel estava tão feliz hoje... e nós também. Parecíamos uma família novamente. — Disse ele.

— Eu sei, mas não consigo evitar... me preocupo que ele esteja se prejudicando.

Ele segurou em minhas mãos.

— Ei, Mari, está tudo bem... não fizemos nada extremo que o cansasse. — Seu olhar me confortava. Era incrível que esse problema em comum me fizesse esquecer as coisas do passado, mesmo que momentaneamente.

— Mas ele estava exausto demais, muito diferente do normal.

— Ei, vá descansar um pouco, você também se cansou muito. Tenho de ir até meu apartamento, checar os e-mails do escritório e trocar de roupa. Tomei banho aqui, mas vesti a mesma roupa e ainda me sinto imundo. — Disse rindo.

— Tudo bem, vou aproveitar e corrigir aquelas provas antes de dormir.

Minha vontade era de pedir que ele ficasse, queria deitar em seu ombro abraçada a ele, ter seu apoio, mas me contive.

— Nos vemos segunda-feira então? — Perguntou ele relutante.

— Sim. — Disse triste e o guiei até a saída.

— Me ligue qualquer coisa... não importa o horário, eu vou atender você. — Disse ele e instintivamente o abracei.

— Obrigada, Heitor. — Depois de cinco anos sendo a fria e forte, era bom poder ser fraca e ter um apoio.

— Boa noite Mari. — Disse ele, afastando-se.

— Heitor! — Eu o chamei quando ele já estava afastando-se no corredor.

— Sim...

— Sabe... se você não tiver nenhum compromisso, gostaria de almoçar conosco amanhã?

— Adoraria.

— Não quero te atrapalhar nem nada... você já deve ter se cansado de

nós, e...

Ele aproximou-se rapidamente de mim e calou minha boca com um beijo desesperado. Nossos lábios se conectaram com perfeição e nossas línguas se entrelaçaram em um beijo faminto. Com os dentes, ele puxou meu lábio inferior e pressionou firmemente minha coluna com a mão, então ele se afastou ofegante, encarou-me e disse:

— Eu nunca me cansarei de vocês. Tudo o que mais quero é viver o resto dos meus dias com você e o Gabriel... basta você dizer sim, Mari, e tudo será diferente... eu prometo, meu amor. — Ele soltou-me de seu abraço. Senti meus lábios inchados e doloridos pelo beijo intenso.

Ele entrou no elevador e me deixou zozza. Eu queria muito mais daquele beijo, mas como ele mesmo disse naquele dia, não faria mais nada, respeitaria meu espaço e o amei um pouco mais por causa disso. Eu poderia pedir para que ele ficasse e fizesse amor comigo, me fizesse esquecer dos problemas e me levasse para o paraíso... e se eu pedisse isso, sabia que nosso destino estaria selado, pois eu o amava e precisava dele. Mas será que estava pronta para retomar de onde paramos?

A segunda-feira chegou depressa demais e com ela não consegui trabalhar, tampouco me concentrar boa parte do dia. A consulta de Gabriel era a tarde e na minha aula da manhã, e apenas coloquei um filme em inglês e pedi que meus alunos praticassem diálogos em inglês em dupla e apresentassem um trabalho sobre isso na sexta-feira.

Heitor veio me buscar e Gabriel já estava no banco de trás, animado. Seguimos para o hospital, e no caminho não consegui me concentrar em nada do que eles conversavam, pois minha mente cheia de pensamentos e preocupações. Após examinarem Gabriel, chamaram uma enfermeira e pediram que o levasse até a sala de um outro médico para pegar pirulitos, ficando apenas eu e Heitor na sala. O pediatra logo mandou chamar outro médico, o Dr. André Gomes, que depois de muito suspense e ansiedade começou a falar, mas tudo o que escutei foi:

— ...Leucemia linfóide aguda...

E ali meu mundo caiu. E ali me despedicei.



Capítulo 7

Heitor

Aquele dia inteiro foi um borrão para mim. Tratamentos, remédios, efeitos colaterais... eu era leigo nesse assunto, não entendia quase nada que era dito ali... só queria que tudo aquilo fosse um pesadelo e que quando acordássemos, Mari, Gabriel e eu estaríamos felizes e saudáveis em alguma praia tranquila. Mas a realidade sabia ser mais cruel que qualquer outra coisa. Mari escutava tudo em silêncio; notei que ela segurava o choro e eu também. Nenhum pai espera que isso vá acontecer com seu filho. Costumamos pensar que algo assim pode acontecer com qualquer um, menos com nosso filho. Acho que é isso o que todos os pais pensam, nós nos recusamos a crer que um filho nosso pode passar por uma situação tão difícil, e cá entre nós, deveria ser proibido criança ficar doente, principalmente com essa doença.

Quando nos tornamos pais, ganhamos uma graça divina, um presente de Deus que faz nossa vida mudar completamente, e é claro, encher de felicidade plena. Já que ganhamos esse dom tão divino da vida, Deus poderia nos conceder também o dom poder de trocar de lugar com um filho. Se um filho sente dor ou adocece, deveríamos conseguir com algum poder mágico retirar a dor e a doença dele e passar para nós. Se esse mundo um dia for criado, eu adoraria viver por lá.

Passamos boa parte do dia no hospital, tiramos dúvidas e Gabriel fez mais testes. Ele iria dar início ao tratamento o quanto antes, primeiro ministrando um medicamento via oral por quatro semanas e então faríamos novos testes para ver o resultado. Nosso objetivo era destruir o máximo possível de células cancerígenas... estávamos esperançosos e em estado de puro choque ainda.

Alguns dias depois voltamos ao hospital, recebemos todos os resultados

dos exames e iniciamos o tratamento com remédios imediatamente. Mari parecia entorpecida e Gabriel parecia alheio a tudo isso, brincando com seu vídeo game e seus brinquedos.

Tínhamos a esperança, por menor que fosse, que o remédio ajudasse e assim ele não precisasse colocar o cateter para receber a medicação direto na veia.

— Eu acho que talvez devêssemos pedir uma segunda opinião. — Disse Mari, encarando seu copo de vinho e recostada no sofá. Gabriel já estava na cama. Aquela semana foi exaustiva para todos nós, parecia que um trator havia esmagado cada centímetro do meu corpo.

— Não confia no Dr. André?

— Ele pode estar errado e não ser a... isso. — Disse ela entorpecida.

Eu admirei ainda mais a força da minha mulher naquela semana. Por vezes eu pensei que ela iria cair no choro, mas ela se manteve forte e positiva durante todos os momentos em que Gabriel estava por perto.

— Dr. André fez todos os testes necessários e ele é médico há 15 anos... não acredito que ele tenha cometido um erro. — Falei. — Por mais que deseje isso. — Completei.

— Mas ele pode errar... as pessoas cometem erros todos os dias! — Ela disse exaltada. Era esse o momento em que ela iria cair no choro, só me restava ser seu ombro.

— Mari — Disse calmamente me aproximando dela — Eu adoraria que ele estivesse equivocado também, meu amor, mas o Gabi está com todos os sintomas. O que mais poderia ser? — Acariciei seu rosto com a ponta dos dedos e ela apenas fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Lembra que ele falou das fases do tratamento, e que se tentássemos tudo e não funcionasse faríamos o transplante? — Disse ela acariciando seu ventre. Engoli em seco com a cena.

— Sim. — Eu disse cauteloso e uma lágrima solitária escapou dos seus olhos.

— Eu torci para que estivesse ficado grávida naquela noite, mas não aconteceu. — Disse ela desolada e uma dor forte aninhou-se no meu peito.

— Mari, você corria o risco? Eu pensei...

— Eu não tomo pílula... não tenho uma vida sexual ativa então não achei necessidade disso. — Ela sorriu tristemente — Naquele dia que deixei sua casa estava desesperada com a chance de estar grávida, mas desde que soube o diagnóstico do Gabriel não pude deixar de fantasiar estar grávida e

hoje desceu a maldita.

— Ei, Mari... vai dar tudo certo com o Gabi... talvez nem haja necessidade de transplante. Acabamos de começar o tratamento, e se Deus quiser, ele vai ter bons resultados.

Ela limpou as lágrimas com as pontas dos dedos e não pude evitar, aconcheguei-a em meus braços, acariciando seus cabelos. ela tinha se mantido forte, mas ao aninhar-se em meu colo, desabou a chorar.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. — Disse enquanto acariciava seus cabelos. Lágrimas solitárias escaparam dos meus olhos, mas eu as engoli. Precisava ser a rocha que a mulher que amo e meu filho precisavam naquele momento. Sequei as lágrimas com discrição e senti uma necessidade enorme de arrancar a dor de Marianne e tomar aquela dor para mim, aliviar seu coração, poder fazer algo a respeito.

— Heitor, nós não somos compatíveis com o Gabi... E se ninguém mais for? E se o irmão dele, o Gustavo, também não for? — Mari sempre pensava adiante. Ainda teríamos um longo caminho pela frente até cogitar o transplante e ela já estava preocupada com isso.

— Ei, Mari, vai dar tudo certo, tudo bem? — Tentei parecer positivo.

— Mas não paro de pensar nisso, já tenho quase 30 anos, talvez tenhamos de pensar nisso logo, num filho.

— Está me convidando para a sua cama, Mari? — Questionei, tentando quebrar um pouco aquele clima e fazê-la sorrir.

— Se for necessário, sim. Quero salvar meu filho. — Disse desesperada.

— Também quero salvá-lo, mas isso não fez doer menos a sua frase em mim.

— Como assim?

— Não estamos com cabeça para conversar sobre nós hoje, Mari. Foi pressão e estresse demais para uma semana só. — Acariciei seu rosto com o dorso da mão.

— Eu quero... sabe, mas tenho medo e...

— Shhh... hoje não, meu amor. Agora vou colocar você na cama e vou para casa.

— Fique comigo, por favor. — Disse ela suplicante.

— Para sempre, Mari... para sempre.

Adormecemos em seguida, nos braços um do outro. Mari contorceu-se na manhã seguinte com cólica e Gabriel ficou deitado na cama ao seu lado assistindo desenhos animados. Ele estava abatido, muito pálido e o cansaço o

dominava.

— Eu volto com almoço para nós. — Disse quando já estava de saída.

— Papai, por que não vem morar aqui de uma vez? O senhor já vive praticamente aqui. — Disse Gabriel sonolento.

— Vamos pensar em algo, tudo bem, filho? — Disse Marianne. Meu olhar iluminou-se e então me despedi de ambos e fui rumo ao meu objetivo: encontrar Livia.

Livia, minha ex secretária e mãe do Gustavo meu filho, morava no Centro, em um espaçoso apartamento que ela havia herdado de uma tia distante. As vezes em que ia ali eram apenas para buscar Gustavo para passar os fins de semana comigo, mas hoje queria conversar com Livia para que o Gustavo fizesse o hemograma para ver se havia compatibilidade, caso Gabriel precisasse de um transplante de medula.

— Heitor! O que faz aqui? — Perguntou Livia assim que atendeu a porta, Livia tinha uma frieza no olhar que sempre me fazia lembrar de meu pai e aquilo me deixou ainda mais apreensivo com sua resposta. Mas ela como mãe, na certa toparia — Hoje não é seu fim de semana e Gus não está.

— Vim conversar um assunto sério com você. Posso entrar?

— Fique à vontade? — Ela me deu espaço para que eu passasse, sorrindo com malícia — Se for para reajustar a pensão, acho muito justo mesmo, pois você nos paga muito pouco. — Disse ela categoricamente, sentando num sofá bege e confortável.

— É um assunto pessoal. — Disse seco.

— Pessoal é? — Ela sorriu sugestivamente e inclinou-se para frente para que seu decote ficasse ainda mais insinuante. — Sentiu saudades?

— Vou ser breve, Livia, não pretendo demorar. — Disse ignorando-a por completo e então encarando-a friamente prossegui — Gabriel, o meu filho, foi diagnosticado com leucemia. Marianne e eu fizemos testes para ver se era possível sermos doadores de medula óssea caso ele precisasse um dia, mas não fomos, e há uma chance de o Gustavo ser, Ele faria apenas um hemograma e veríamos se é compatível, já que eles são irmãos.

— Você está pedindo minha autorização? — Perguntou friamente.

— Bem, sim, você é a mãe dele...

— A resposta é não. Me recuso a furarem meu filho.

— Livia é só um exame de sangue, apenas para termos certeza.

— Não. Eu não autorizo.

— Meu filho pode morrer. — Disse desesperado.

— Se isso acontecer, será triste e lamentarei sua perda — Disse ela e fez uma careta — Mas o Gus pode fazer bem uso da pensão dele... pense em como o Gus seria brilhante e estudaria nas melhores escolas.

— Lívia! Não me faça cometer uma infâmia e enforcá-la até a morte. — Levantei-me do sofá, lívido — Ele é meu filho e está doente, porra! Você não tem sentimentos? E você é mãe!

— Não é meu filho que está doente. E por que você precisa de um de filho doente se você tem outro bem saudável aqui? Quando algo tem defeito, jogamos no lixo e ficamos com o novo. — Não pude conter a minha raiva, aquela mulher era inacreditável. Apertei seu braço e a sacudi, não consegui me controlar. Eu era contra qualquer tipo de violência, principalmente contra mulher, mas não pude me conter.

— Você não tem sentimentos, não tem coração... e vai morrer sozinha! — Disse com a voz tremendo pelas emoções intensas. — Se o Gabriel, meu filho, irmão de Gustavo precisar de um transplante, vou entrar na justiça, afinal ele é meu filho também e eu tenho direitos a fazer o teste nele!

Ela começou a gargalhar feito louca.

— Isso se eu não estiver bem longe daqui com o meu filho no encalço.

— Você não vai! Você é uma vadia e precisa de um trouxa para te sustentar.

— Posso arrumar um trouxa melhor que você. Na verdade, se você aumentar a pensão... posso pensar em mandar o Gustavo para fazer um exame de sangue.

— Adeus, Lívia. — Deixei sua casa nauseado. Voltaria para a minha verdadeira família, procuraria meus direitos perante um advogado e certamente conseguiria uma autorização para o hemograma.

Eu iria unir minha família novamente e salvar o meu filho. E que Deus me ajudasse a ter forças.



Capítulo 8

Marianne

A minha cabeça estava uma bagunça, meu coração estava perdido e despedaçado em algum beco qualquer, repleto de escuridão e dor. Porém, por mais que eu sentisse uma necessidade enorme de fugir, dormir por um ano inteiro ou simplesmente me deitar na cama sem fazer nada a não ser me queixar a Deus sobre o quanto minha vida era injusta. Tudo o que fiz foi simplesmente tomar um bom banho, vestir uma roupa confortável, preparar uma refeição carregada de vitaminas e tudo o que era possível para nos tornarmos a família mais saudável do mundo e me permiti sorrir para o meu lindo filho Gabriel, que estava deitado em frente à televisão assistindo um desenho animado.

Eu soube que tudo havia mudado realmente quando após três semanas usando aquele medicamento, Gabriel ficava cada vez mais sem apetite e sem vontade de brincar como antes. Aquele menino arteiro que quebrou minha miniatura da Torre Eiffel enquanto corria pelo apartamento de patins não estava mais ali, e isso era por demais doloroso.

Heitor e eu nos unimos ainda mais após esse problema surgir em nossas vidas. Ele me acolhia, me dava amor e isso tornou a situação um pouco mais tolerável. Era reconfortante saber que eu podia deitar no seu ombro e chorar à noite após Gabriel ir se deitar. Eu nunca chorava na frente do Gabriel.

Precisava ser forte na frente do meu filho, precisava lutar por ele, levasse o tempo que fosse ele iria sair dessa, pois se não saísse.... bem, eu não quero pensar nisso. A campainha tocou, despertando-me de meus devaneios. Mais uma vez me vi esperando o Gabriel passar correndo por mim para ele atender a porta; porém ele não se mexeu, pois voltava exausto da escola. Fui atender a porta, eram Catiucia e Grazi. Havíamos combinado de jantar juntas

já que Heitor passaria essa noite em São Paulo se reunindo com investidores.

— Olá, meninas! Gabi, amor, olha quem está aqui! — Gritei na esperança de que ele levantasse do sofá e viesse até nós, mas não aconteceu. Ele apenas resmungou algo ininteligível e encarei as meninas com um sorriso fraco —, Entrem por favor.

— Oh, Mari, como você está? — Perguntou Cat.

— É, como está? Parece tão cansada. — Disse Grazi. As duas me encaravam com piedade e suspirei um tanto irritada, cansada disso tudo.

— Pergunta idiota, não é mesmo? — Disse Cat. — É óbvio que não está bem.

— Eu estou bem, não estou cansada, estou ótima. — Disse assim que elas entraram na cozinha atrás de mim.

— Sabemos que você está enfrentando uma barra, não precisa se mostrar forte na nossa frente. — Disse Cat.

— Só queremos ajudar vocês a superar isso, fomos fazer o teste para transplante de medula essa semana. — Disse Grazi.

— Oh! — Disse impressionada com o gesto altruísta de ambas. Eu não havia lhes pedido que o fizesse e ainda assim ambas o fizeram. Aquilo fez com que eu me sentisse culpada por trata-las daquele jeito. — Obrigada.

— Não se empolgue, meu amor... infelizmente nenhuma de nós é compatível, mas ainda há o irmão dele, né, o Gustavo. — Assenti com a cabeça, desanimada. Heitor havia me dito que conversaria com Livia, porém não me disse quando o faria; e por mais que eu detestasse aquela mulher, se ela ajudasse meu filho, seria grata a ela pelo resto dos meus dias, pois se fosse Gustavo nessa situação, eu não pensaria duas vezes e deixaria o Gabriel salvar a vida do irmão. Só esperava que ela pensasse assim também.

— De qualquer forma, se o remédio der certo, nem precisará de nada de transplante e tudo dará certo. — Disse Cat animada. — E claro que dará certo.

— Sim, dará certo. — Disse Grazi confiante. Abracei as duas com lágrimas nos olhos e agradei a elas pelo apoio incondicional.

— Obrigada, meninas! Vocês são as melhores pessoas no mundo. — Ambas fizeram pouco caso do elogio e foram até o Gabriel cumprimentá-lo. Eu havia retirado do forno a lasanha vegetariana e terminei de fazer o suco de acerola, pois sabia que a vitamina C era excelente no combate contra a leucemia e fazia o Gabi obter essa vitamina diariamente para que ele não precisasse fazer a quimioterapia. Se ele melhorasse apenas com os remédios

de uso oral, seria um lindo milagre de Deus e de Nossa Senhora Aparecida.

Jantamos em repleta harmonia. Gabriel infelizmente estava com um pouco de enjoo e não comeu muito, mas o fiz tomar todo o suco de acerola, e enquanto as meninas lavavam a louça, eu o levei para a cama para lhe contar uma história antes que ele adormecesse. Quando terminei a história e pensei ter feito ele dormir, ele me chamou.

— Mamãe, por quanto tempo ainda ficarei assim? Com essa preguiça e essa vontade de dormir muito? — Eu o encarei com ternura. Meu pequeno guerreiro que tomava seu remédio com coragem e sempre dizia ao tomar o remédio que faltava pouco para ficar bom.

— Por mais um tempo, meu amor... só o tempo de você ficar bom, tudo bem?

— Eu não sei se quero ficar bom. — disse ele de repente, me surpreendendo.

— Como assim, Gabriel? — Perguntei espantada. — Não fale uma coisa dessas, meu amor... por que está dizendo isso?

— Porque você e o papai só estão juntos porque eu fiquei doente. Quando eu ficar bom vocês vão brigar de novo e dormir separados... e mesmo com o sono e a preguiça, estou mais feliz agora que você e o papai me colocam para dormir todas as noites.

Nesse momento eu já estava com lágrimas nos olhos encarando aquele menino tão amado e astuto.

— Meu filho... — Acariciei seu rosto com a palma da minha mão e prossegui — Você vai ficar curado e eu e seu pai ficaremos juntos ainda.

— Você promete? — encarou-me com expectativa.

— Sim, eu prometo. — Sorri.

— Não está fazendo figa? Promete de verdade mesmo?

Ri da sua desconfiança e ergui as duas mãos no ar.

— Prometo. De verdade. — Eu faria qualquer coisa por Gabriel.

— Então logo ficarei bem e iremos comprar uma casa juntos com piscina, igual àquela que o papai desenhou.

— Sim, você ficará bom logo. — Suspirei e sorri para ele.

— E vamos morar na casa que papai desenhou para nós? — Perguntou.

— Vamos fazer o impossível depois que você melhorar, meu filho. — Beijei sua testa com ternura — Agora descanse, amanhã quando acordar, seu pai já estará chegando aqui.

— Tudo bem, mamãe. Eu te amo. — Ele se acomodou, abraçando seu

coelhinho de pelúcia.

— Também te amo, meu pequeno guerreiro.

Saí do quarto com lágrimas nos olhos e surpresa com a forma que a cabeça de uma criança funciona, Gabriel podia ter dez anos, mas ainda era um menino muito inocente. Dizer que queria permanecer doente para que eu e o pai parássemos de brigar era demais para o meu emocional. Não foi só eu e Heitor que ficamos destruídos após o termino de nosso relacionamento, mas Gabriel também ficou abalado. Eu estava tão preocupada com a minha dor que pensei que por ele ter cinco anos de idade não sofreria tanto... mas que grande equívoco cometi.

As meninas logo foram embora e fiquei sozinha com meus pensamentos, e mesmo exausta eu não conseguia dormir. As palavras de meu filho ecoavam na minha cabeça, as palavras de Grazi e Cati, que sempre me disseram que eu deveria perdoar Heitor e nos dar uma nova chance ecoavam na minha cabeça. Heitor me recriminava por nunca lhe dar uma chance para se explicar, foi quando a campainha tocou novamente, me assustando. Olhei no relógio de parede e já se passava da meia-noite. Quem seria uma hora dessas?

E qual foi minha surpresa a encarar Heitor no batente da porta.

— Oi, eu pensei que...

— Sim, eu sei, mas não consegui dormir no hotel então peguei o último voo e vim dormir com minha família. Posso entrar?

Eu o encarei. Ele estava abatido, a barba por fazer, e por Deus, eu amava aquele homem acima de tudo.

— Entre... — disse ainda um tanto zozza com aquela noite.

— Você está estranha. Aconteceu alguma coisa? Como está o Gabriel?

— Ele está bem. Aconteceu uma coisa sim... acho que hoje devemos conversar...

— Conversar? Tudo bem, mas sobre o que?

— Sobre nós... sobre tudo... chega de adiar essa conversa...

— Entendi. Eu estive esperando por esse dia há anos. Você dará uma chance para nós dois, Mari?

— Vamos a conversa primeiro, há muito o que falar...

— Claro.

Heitor

Aquela situação estava me matando. Ver meu filho padecer dia após dia era doloroso demais. Eu tentava ser o homem mais forte do mundo, engolindo minha melancolia para dar forças para meu filho e minha mulher. Sim, ela era a minha mulher e eu era o seu homem. Marianne e eu sempre nos pertencemos, mas como todos sabem, por erros do passado acabamos nos afastando. Mas isso mudaria, se dependesse de mim. Em meio a luta contra a doença de Gabriel, eu também estava lutando para receber o perdão da mulher que amo. Estava lutando por nossa família, para que fosse reconstruída, e com a confiança que depus em Deus, sabia que em breve seríamos felizes juntos novamente... nós três, e quem sabe mais um filho no futuro.

Eu não havia comentado com Mari sobre minha conversa perturbadora com a Livia pois ela já tinha coisas demais na cabeça e estava tentando resolver isso com meus advogados. Eu sabia que Livia era uma mulher frívola desde o começo, pois ela mesma me disse que estava esperando o momento certo, que surgiu quando me embabedei no escritório, para ela dar o bote. Ela falou claramente que queria conforto, e sabia que ter um filho do chefe traria esse conforto garantido. Ela até mesmo, certa vez, após o nascimento de Gustavo, foi ao meu escritório e tentou me seduzir. Naquele momento senti náusea e a rejeitei. Discutimos muito e ela se foi. Desde então ela nunca mais me fez esse tipo de proposta pois agora já tinha seu pote de ouro. Ouvi certa vez no escritório que ela era amante fixa de um juiz casado, mas que sustentava Livia e lhe enchia de presentes.

Nunca soube se essa história era mesmo verdadeira, mas para mim não fazia a menor diferença, desde que meu filho fosse bem tratado e viesse sempre a minha casa, não me importava o que aquela mulher fazia de sua vida. A única mulher que importava para mim era Marianne, mas na época eu me mantive afastado, pois sabia que tinha quebrado o seu coração e me sentia o pior homem do mundo, o mais infeliz dos homens, e sabia que eu merecia tudo o que estava sofrendo.

Minha maior surpresa essa noite ao chegar em sua casa, foi o fato de enxergar em seu olhar a centelha que a muito não via. Seria amor aquilo que vi em seus olhos? E o fato dela querer conversar comigo sobre o que aconteceu de errado em nosso relacionamento fez com que uma centelha de esperança ardesse em meu peito.

Sentamos confortavelmente no sofá após eu tomar um bom banho e dar um beijo no pequeno Gabriel, que estava adormecido como um anjo. Ela me

estendeu uma taça de vinho e aceitei de prontidão e colocou entre nós um prato de queijos e azeitonas para comermos enquanto conversávamos.

— Então... eu quero saber ... — Ela parecia pensativa. Eu havia lhe dito que ela poderia perguntar o que bem quisesse e eu esclareceria tudo. — Quantas vezes foram? Com a Livia... eu preciso saber. — Ela fez uma careta e começou a massagear suas têmporas.

— Uma vez. — Senti vontade de lembrá-la que eu sempre lhe disse isso, mas preferi me manter neutro. — Uma única e maldita vez.

Era o que bastava, não é mesmo? Uma mentira para quebrar a confiança, um erro para não ser perdoado, um pequeno ato para destruir todos os outros atos.

— Não fale assim, você tem o Gustavo.

— Não me leve a mal, eu amo o Gus... apenas gostaria que a mãe dele fosse você e não... bem, você sabe. — Ela assentiu, bebeu dois goles de vinho, encarando o líquido arroxeadado e prosseguiu.

— Vocês flertavam? Como aconteceu? Eu... deixa pra lá, eu não sei por que perguntei isso. — Ela fez uma careta e com as pontas dos dedos fez que ela erguesse o queixo e me encarasse.

— Nunca flertei com ninguém enquanto estivemos casados, Mari. Eu poderia colocar a culpa nela, afinal descobri que ela estava só esperando o momento certo para dar o golpe, mas enfim, eu fui tão culpado quanto ela nisso... Eu estava me sentindo sozinho, frustrado, nós brigávamos o tempo todo e comecei a passar as noites no escritório. Não que isso justifique o meu erro. — Acrescentei. — Nada justifica o que fiz. E eu estava tão cego que não notava o quanto negligenciava você e o Gabriel... só pensava em trabalhar e trabalhar para provar ao meu pai que eu era um vencedor e não um fracassado. — Engoli o restante do vinho enquanto ela me encarava atentamente. — Mas que grande tolice, não? Um garotinho tentando provar seu valor ao pai que o despreza, isso é ridículo.

— Ei, você não é ridículo. — Disse ela afagando meu cabelo.

— Obrigado, mas eu era ridículo sim. Por causa dessa obsessão com o trabalho perdi vocês dois, mas aprendi minha lição. — Peguei um pedaço de queijo no palito e o comi antes de prosseguir. — Resumidamente, numa dessas noites bebi feito um gambá, deitei-me à vontade no sofá do escritório e então tudo aconteceu. Não houve beijo, não houve carinho e deve ter durado cinco minutos.... quando acabou, soube o quão desgraçado eu era.

— Por que você não me contou?

Aí, meu grande erro. Não ter contado a Mari no primeiro momento. Ter escondido o erro dela talvez tenha sido o pior dos erros.

— Eu fui covarde, tive medo. Nosso casamento já estava na corda bamba e bastava uma brisa para derrubá-lo. Eu me sentia culpado todas as noites, dormia no sofá da sala, fingia adormecer assistindo televisão, mas a verdade era que não me sentia digno de deitar ao seu lado. Marianne. Sabia que eu era um fraco e merecia essa culpa que me corroía por dentro.

— E então ela ficou grávida e você tinha de me contar. — disse ela amargurada.

— Não, eu não precisava contar para você. — ela piscou confusa — Eu fui até o hospital naquele dia e Lívia me contou que tinha planejado tudo, e que por sorte bastou uma vez para que desse certo seu plano. Ela propôs ser minha amante, disse que se lhe desse uma casa e uma boa pensão, criaria Gustavo escondido e que você nunca saberia da existência deles dois.

— O acordo perfeito para qualquer homem. — disse ela encarando-me.

— Não para mim. Eu não queria ser amante de mulher alguma... eu queria, eu quero ser o homem da Marianne para sempre, eu acredito nessas coisas, Mari. — Suspirei — Bem, naquele dia voltei para a casa e você já sabe o que aconteceu.

— Meu inferno começou. — Disse ela.

— O meu também, mas eu não podia fazer nada, afinal eu merecia sofrer, eu merecia ficar só... eu merecia ser castigado. Me perdoa, Mari. — Peguei em suas mãos e a encarei. — Eu amo você, eu nunca deixei de amar... nunca deixei de sofrer por nós... eu nunca vou amar mais ninguém além de você.

— Me perdoe, Heitor. — Disse ela, com lágrimas escorrendo por sua face.

— Pelo quê? Não há nada a ser perdoado, Mari. Você nunca fez nada de mal para mim.

— Eu fiz... claro que fiz... eu ajudei a destruir nosso casamento. — Disse ela, levantando-se frustrada — Se eu me abrisse com você, se dialogássemos, se falasse sobre meus sentimentos, talvez estivéssemos juntos até hoje... mas não, tudo o que fiz foi empurrar nossos problemas para debaixo do tapete e colocar sorrisos falsos em meu rosto. Eu me distanciei de você, eu desisti de lutar.

— A culpa do que aconteceu não é sua, é só minha. Eu fui fraco, eu fui um lixo. — Queria deixar isso bem claro para Mari. Lembranças da minha

mãe sofrendo quando eu era mais novo me vieram a memória, pois ela sempre se culpava pelas traições de meu pai, sempre pensou que havia algo de errado com ela. A vítima sempre se culpava, e aquilo era muito errado. Só quem traía que tinha culpa, apenas o traidor merecia sofrer e ser castigado. Se o cara era um escroto e traidor, o problema estava com ele e não com a mulher.

— Mas ainda assim... eu... — Cobri seus lábios com a ponta dos dedos.

— Mari, meu amor, ainda há tempo de lutar por nós... me dê uma chance para provar o quanto amo você, me deixe lutar por nossa família.

— Eu sempre amei você, Heitor... — Ela me encarou com os olhos marejados e o lábio inferior ligeiramente trêmulo — E vou lutar ao seu lado, não vou desistir dessa vez. — Meu coração saltava dentro do peito. Aproximei-me dela, ficando a centímetros do seu corpo.

— Você me ama? — Perguntei com a voz rouca, nossos lábios quase se tocando.

— Mais do que posso medir... Vamos dar uma chance a isso... — Não permiti que ela falasse mais, minha boca arrematou a sua com um beijo longo e demorado. A forma como seus lábios se encaixavam aos meus beirava a perfeição. Minha língua acariciou cada recanto de sua boca, apoderando-se dela.

Nós nos movemos por instinto até o quarto e lá comecei a despir. Com os dedos trêmulos, Marianne lutou contra os botões da minha camisa e quando a camisa finalmente escorregou pelos meus ombros, ela depositou beijos quentes e molhados por meu peitoral desnudo. Seus dedos finos desceram até a braguilha de minha calça de moletom e ela puxou minhas calças até os pés para que eu as chutasse para longe.

— Heitor... Meu amor, por favor... — Ela gemeu e entreabriu as pernas em um convite explícito do que ela desejava. Me posicionei entre suas pernas, excitando-a.

— Me diga, *mein leben*, o que você quer? — Sussurrei ao morder sua orelha e passar a língua úmida em sua clavícula.

— Quero você.

Sem deixar de encará-la, mergulhei dentro dela.

— *Mein leben*, eu amo você... Deus, Marianne, como amo...

— Eu também o amo, Heitor...

Fizemos amor apaixonadamente naquela noite, esquecendo-se ao menos por algumas horas dos problemas.

Quando Mari adormeceu em meus braços fiquei observando-a dormir e meu amor transparecia no olhar. Minha confiança estava renovada e se Deus permitisse, além da luta para reconquistar minha família, também venceria a doença de nosso filho. E assim eu me tornaria o homem mais abençoadamente feliz do mundo.



Capítulo 9

Marianne

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida! — disse Gabriel após nossa longa conversa sobre tentarmos novamente. — É sério, mamãe e papai! Acho até que minha doença se foi! Me sinto bem melhor agora. — disse ele pulando.

— É mesmo? Isso é maravilhoso, meu filho, ver essa disposição em você. O que acha, Mari, de darmos um pequeno passeio até a beira-mar com o pequeno campeão aqui. — Sugeriu Heitor sorrindo como criança.

— Acho que é uma boa ideia, mas apenas por umas duas horas... não quero que você se canse muito, filho.

— Ah mãe... — Lamentou-se Gabriel.

— Filho, obedeça a sua mãe, ela sabe o que diz. — Disse Heitor.

— Papai vira casaca. — Disse Gabriel e Heitor sussurrou no seu ouvido.

— Ei, estou limpando minha barra com sua mãe, tem que ser assim, né.
— Gabriel riu e Heitor veio até mim e me deu um beijo estalado nos lábios.

— Eu escutei o que você disse. — Alerttei-o em tom de brincadeira.

— Eu sei que sim, *mein leben*. — Ele sorriu. — São coisas de rapazes, sabe como é....

— Aham, sei. — Disse cruzando os braços no peito — Acho que falta uma mulher aqui para dar igualdade.

— Quem sabe ela não esteja a caminho. — disse pousando uma mão sobre meu ventre — Eu seria o homem mais feliz do mundo, sabia? Claro, ainda mais se tudo der certo na próxima consulta com o Gabriel.

— Vai dar. — Disse mais para mim mesma do que para ele.

— Vai sim.

Ambos calçamos nossos tênis de caminhada e saímos rumo à beira-mar,

e o cheiro salgado e tropical do mar me deixou um pouco mais animada e esperançosa de que tudo daria certo dali para a frente. Caminhamos de mãos dadas e não conversamos, apenas trocávamos olhares cúmplices um com o outro enquanto respondíamos as diversas curiosidades de Gabriel.

Naquele momento lindo esqueci-me por alguns momentos de sua doença, mas esse momento infelizmente durou pouco tempo.

— Eu estou muito cansado de caminhar. — Disse Gabriel com os ombros caídos.

Heitor e eu trocamos um olhar em reconhecimento... a conexão entre nós havia sido reestabelecida.

— Ei, garotão, o que acha de irmos até ali pegar uma água de coco enquanto sua mãe nos espera aqui? — Sugeriu Heitor, apontando para o quiosque.

— Tudo bem. — Disse Gabriel um pouco mais animado.

— Heitor, eu não...

— Eu sei, você não gosta de água de coco. — Ele sorriu e retribui seu sorriso.

— Será que você lembra do que eu gosto de beber na beira-mar? — Perguntei zombeteira.

— Claro que sei, caldo de cana com muito limão.

Assenti e sorri enquanto ele e Gabriel se distanciavam. Antes que eles se afastassem muito, escutei Gabriel sussurrando.

— Mandou bem pai! Mas se você não se lembrasse eu daria cola para você...

Suspirei, feliz. A vida poderia ter nos dado um atropelo, mas eu tinha esperanças de que tudo daria certo. Sentei-me no banco e fechei os olhos por alguns instantes escutando o som do mar. O som das ondas batendo contra as pedras, o som do vento, o som da paz... os cheiros que se misturavam no ar, em algum restaurante ali próximo estariam preparando camarões com alho e óleo, o cheiro do alho fritando deixando-me com água na boca. Sorri abertamente ainda de olhos fechados, aproveitando aquele momento de silêncio e paz.

— Mari! — Uma voz masculina que não me era nada estranha chamou meu nome. Ao abrir os olhos, me deparei com Murilo... ele havia sido meu mentor em meu último ano da faculdade e tivemos um lance de uns três meses após minha formatura.

— Murilo! — Sorri abertamente. Faziam mais de dois anos que não o

via e ele continuava maravilhoso. Cabelos escuros, porte atlético, barba por fazer e as diversas tatuagens por todo o corpo. Ele era O Cara e poderia ter sido o meu cara, mas eu nunca consegui seguir a diante, já que nunca tirei Heitor da minha cabeça ou coração.

— Mari, você está maravilhosa! — Ele me abraçou forte me erguendo do chão. — Cada vez que nos reencontramos você fica ainda mais bonita. — Disse ele com admiração após nos separarmos.

— Obrigada, Murilo. Você também não está nada mal, hein... — Sorri educadamente. — E a Giovana, como está? — Disse, me referindo a sua namorada anterior.

Havíamos nos reencontrado em um bar há dois anos e ele estava em um namoro sério com Giovana, uma loira bonita e muito simpática.

— Ah, não deu certo entre nós. — Disse ele tristonho.

— Oh, sinto muito...

— Não sinta. Quando não é para ser, não adianta, minha linda. — Ele deu de ombros.

— É verdade, mas quando é para ser até o que atrapalha ajuda. — Pensei em Heitor.

— Isso é verdade. — concordou ele — Então linda, você gostaria de se encontrar comigo qualquer dia desses para tomar um café ou algo assim? Senti saudades. — Disse ele com um sorriso sedutor nos lábios.

— Eu...

— Amor, não vai me apresentar ao seu amigo? — Heitor surgiu nesse instante; e se Murilo pretendia flertar comigo, desistiu nesse instante.

— Anh... Heitor, esse aqui é o Murilo, um velho amigo meu. — Disse sem jeito

— Velho amigo?! Ei, cara, eu sou o marido dela, muito prazer. — Disse Heitor arrogante. Murilo arregalou os olhos por alguns instantes mas logo se recompôs.

— Oh, Mari, meus parabéns! Não sabia que você tinha se casado.

— Você está surpreso? — Heitor me interrompeu novamente.

— Bem... sim... Ela disse que depois da experiência ruim com o primeiro casamento não pretendia se casar de novo.

Putz! Murilo não poderia ter dito coisa pior nesse momento. Senti Heitor enrijecer do meu lado e ele respondeu entredentes.

— Bem, certas coisas podem mudar. Marianne, Gabriel e eu estamos te esperando na mesa próxima ao quiosque... ele estava com fome e decidimos

pedir batatas fritas. Você nos acompanha. — Não foi uma pergunta, foi uma afirmação, Heitor estava todo possessivo comigo e não iria discutir a respeito disso com ele na frente do Gabriel, mas ele iria pagar por isso mais tarde.

— Bem, Murilo, foi um prazer ver você, mas preciso ir. — Disse sem jeito.

— Tudo bem, Mari... a gente se vê por aí.

Assenti educadamente e caminhei em direção as mesas.

— Nós conversaremos sobre isso mais tarde. — disse irritada a Heitor.

— Ah, você pode ter certeza disso. — Alertou-me.

Por sorte o ânimo de Gabriel acalmou as coisas por ora. Comemos batatas fritas e fiquei feliz por ele estar comendo finalmente com tanto apetite. Bebi meu caldo de cana, admirando enquanto ele e Heitor comentavam sobre o misterioso desenho que Heitor nunca havia me mostrado da casa que planejava fazer para nós.

Após nosso passeio Gabriel adormeceu em sua cama enquanto assistia seus desenhos animados e fui tomar meu banho enquanto Heitor trabalhava em seu notebook. Ao sair do banho, vesti um roupão rosa felpudo e caminhei lentamente até o quarto, e quase cai para trás ao encontrar Heitor com uma expressão furiosa no rosto na beirada da cama.

— Posso saber que cara é essa de quem comeu e não gostou? — perguntei.

— Quem era o tal Murilo... e não venha me dizer que vocês foram só amigos pois não acredito nisso.

— Olha aqui, Heitor, eu não vou mentir para você pois isso não é do meu feitio. — Disse irada com ele — Sim, eu e Murilo somos velhos amigos, mas também tivemos um caso que durou alguns meses, mas eu terminei tudo pois não estava apaixonada por ele e ele estava envolvido demais comigo. — Suspirei — Eu não queria magoá-lo, então terminei tudo na amizade antes que alguém se magoasse. E agora outra coisa, o que eu fiz ou deixei de fazer enquanto estive separada de você não lhe diz respeito.

— Você estava toda simpática com aquele cara e eu não gostei! Está nítido que o cara ainda é louco por você, eu reconheço aquele olhar.

— Heitor, quanto aos sentimentos de Murilo, eu não posso lhe dizer o que ele sente ou não sente, mas quanto aos meus sentimentos, eu lhe asseguro que te amo! E porra, estou te dando uma segunda chance, não é mesmo? — Respondi impaciente.

— Mas me incomoda esses cinco anos que estivemos afastados.

— Bem, conforme-se Heitor! Eu não vivi como celibatária e tenho certeza que você também não. Esses cinco anos não podem ser apagados, o que nos resta é seguir a partir de agora. E aí, você está dentro? Ou vai ficar me questionando cada passo que dei enquanto eu era solteira? — Indaguei.

— Tudo bem, me desculpe. Eu te amo muito, Mari, e fiquei louco de ciúmes quando aquele cara ficou te secando.

— Eu entendo Heitor, apesar de achar ridícula a sua cena, mas também não precisava inventar que era meu marido.

— E o que nós somos então Mari? Namorados?

— Nós somos nós, apenas isso. Mari e Heitor... para que rotular?

— Quero me casar com você, Marianne, de novo. — Ele enlaçou minha cintura e beijou meus lábios com ardor, sua língua acariciando meus lábios sedutoramente, causando-me arrepios frios e quentes em toda a minha pele.

— Você é louco. Vamos continuar como estamos...

— Mas um dia você se casará comigo?

— Quando Gabriel estiver curado... aí te darei essa resposta.

— Gostei da resposta...

Fizemos amor naquela noite, um pouco mais selvagem, possessivo. Sem qualquer tipo de proteção, eu queria curar meu filho e também amava aquele homem. Ter outro filho com ele seria o céu, ficar grávida seria uma luz em meio a toda essa confusão.

— Mãe! Mamãe! — Os gritos de Gabriel no meio da noite me despertaram. Vesti meu robe de seda e corri para o seu quarto com Heitor ao meu lado. Pânico puro tomou cada célula de meu corpo. O travesseiro de Gabriel estava empapado de sangue e seu nariz não parava de. Heitor agiu mais rápido do que eu e colocou um pano para conter o sangramento.

Peguei as chaves do carro e saímos em disparada para o hospital. Dentro do carro, Gabriel murmurava em desespero:

— Eu quero ficar bom, mamãe. Diz para o papai do céu que eu estava mentindo... eu não quero ficar doente... — e então Gabriel desmaiou em meus braços.

Engolindo o choro e encarando Heitor pelo espelho retrovisor, reconheci que aquele era apenas o começo. O que tínhamos, aconteceu. O remédio não estava fazendo efeito, ele teria que ir para a quimioterapia.



Capítulo 10

Heitor

Vinte de abril de 2002

A quimioterapia era um processo lento e doloroso. Ela não afeta apenas a vida do paciente, mas da família inteira. Gabriel passou por diversos exames antes de colocarem o cateter nele. Aquele maldito cateter... Quando fecho meus olhos, posso me lembrar da cena de meu filho chorando de dor e incomodo por causa daquele maldito cateter. Depois de algum tempo ele pareceu se acostumar com aquilo, e eu fiquei orgulhoso de ver o quão forte ele era, mas com o coração despedaçado por vê-lo passar por tudo aquilo.

Marianne e eu passamos por psicólogos, orientadores e o conselho era sempre o mesmo: “Não deixe o câncer se tornar o centro da sua vida”. Eles nos aconselharam a viver a vida o mais normal possível, Gabriel precisava disso, precisava dessa segurança, precisava dessa rotina.

Lembro-me também do dia em que o levei para cortar os cabelos. Gabriel sempre foi um grande fã de X-Men em especial do Wolverine, e tive de convencê-lo a ser por algum tempo o professor Charles Xavier. Claro que o acompanhei nessa jornada e fiquei careca como meu filho. Havia muitas restrições alimentares, infelizmente; e Gabriel ficava muito enjoado após as sessões de quimioterapia, e tentávamos a todo o custo parecermos amistosos e animadores em relação a ele.

— Heitor, nós temos um problema. — Mari sentou-se em frente a mim no sofá. Era uma noite fria de outono a chuva caía cadenciadamente lá fora. Larguei os papéis da empresa de qualquer jeito em cima da mesa e a encarei.

— Que foi, amor?

Ela parecia apreensiva e segurava com firmeza um envelope nas mãos.

— Chegaram as contas do hospital e... bem, olha. — Ela me entregou

o papel e quase cai para trás... eram quase 9 mil reais em dívidas com o hospital.

— Uau... bem, eu vou pagar. — Peguei o notebook e já fui abrindo o aplicativo da minha conta corrente para fazer o pagamento online.

— Heitor, sei que você está prosperando na empresa... mas eu sou só uma professora e a quimio pode durar anos, e.... não sei se vamos dar conta. — Disse ela, frustrada.

— Mari, não se preocupe com nada disso por enquanto, tudo bem? O Luiz está louco para comprar minha sociedade na empresa e estou pensando em fazer isso.

— Mas Heitor, você lutou tanto para construir a empresa e você ama seu trabalho. Não acho que você deva fazer isso.

— Eu amo meu trabalho, Mari, mas amo muito mais você e o nosso filho. — Ela piscou com os olhos marejados.

— Oh, Heitor isso é lindo, mas não acho que você vai ser feliz sem o seu trabalho. Sei que você nos ama, mas seu trabalho faz parte de você é quem você é de verdade.

— *Mein leben*, eu não vou parar de trabalhar. Vender a minha parte da empresa irá nos render dinheiro o suficiente para comprar uma casa na praia, que é um bom lugar para o Gabriel por causa do ar puro e a natureza, para pagar o hospital por mais uns três anos pelo menos e também e ainda sobra para o nosso casamento. — Sorri tentando tranquiliza-la.

— Tudo bem, Heitor. Mas eu vou tentar encontrar outro jeito. Vi sua luta por essa empresa e não vou deixar que seu trabalho seja jogado fora assim.

Acariciei seu rosto com ternura.

— Minha doce e teimosa Marianne...

— Só quero que você seja feliz.

— Eu já sou feliz. Onde vocês dois estiverem eu estarei feliz. — Eu a encarei, sério. — Ainda está atrasada? — Referia-me a sua menstruação.

— Sim, cinco dias de atraso amanhã.

— Amanhã comprarei o teste de farmácia.

— Tenho tanto medo de não estar grávida. Estou cansada de fazer o teste e sempre me decepcionar. E se estiver algo errado comigo, Heitor? — Ela abaixou a cabeça com tristeza.

— Não há nada de errado com você. — Ergui seu rosto na minha direção. — E vamos continuar tentando se você não estiver grávida.

— Tentar é bom... — Ela sorriu.

— O que acha de tentar agora? — Pisquei, flertando com minha mulher.

— Acho que é uma excelente ideia... — Eu a ergui nos braços e comecei a caminhar em direção ao quarto. — Mas e o trabalho que você estava fazendo? — Perguntou ela.

— Tenho coisas melhores para fazer, o trabalho que espere.

Eu a coloquei sobre a cama, desfiz o nó do seu roupão felpudo e quente e a descobri nua por baixo. Um gemido involuntário escapou dos meus lábios e meu coração encheu-se de amor enquanto meu corpo foi tomado pelo desejo.

— Marianne, não me canso de olhar para você... — Ela ficou de joelhos em cima da cama e deslizou o roupão por seus ombros, jogando-o no chão. Seus cabelos castanhos chegavam até os bicos rosados de seus seios, que enrijeceram de frio.

— Vem me aquecer, Heitor... Está uma noite muito fria... — Ela se deitou sugestivamente entre os travesseiros.

Arranquei a calça de pijama junto com a cueca e a blusa, que foram lançadas ao chão. Eu estava tão excitado que chegava a doer. Queria expulsar meus demônios e toda a frustração das últimas semanas, queria me perder em Marianne e tirar a dor que via em seus olhos.

A cama rangeu quando subi nela. Marianne separou as coxas me dando liberdade total sobre seu corpo, mas queria me perder em seus lábios antes de provar o néctar entre suas pernas. Então me posicionei em cima dela, deixando meu pau roçar em sua maciez quente e cremosa. Beijeí sua boca com paixão e luxúria, e minha língua brincou e provocou a sua, acariciando cada canto daqueles lábios macios.

Percorri sua pele com beijos ternos e exigentes, mordiscando sua orelha e descendo pelo seu pescoço até chegar a curva de seus seios. O frio do outono já não era mais sentido por nós, ambos agora ardíamos em chamas, nossos corpos quentes e colados um no outro. Descendo pelo seu ventre a beijeí ali, quase podia ter certeza de que ali já estava sendo concebido um filho nosso. Que iria trazer alegria para a nossa vida e esperanças para Gabriel.

Quando mergulhei dentro dela, ela enlaçou as pernas em volta da minha cintura, fazendo com que nos aproximássemos ainda mais, como se fôssemos um só. Apenas uma unidade. Apenas um corpo e um coração. Beijeí sua boca queria perder os sentidos, me perder dentro dela a amando como uma mulher

deve ser amada.



Capítulo 11

Marianne

Acordei muito cedo no dia seguinte. Sabia que Heitor hoje ficaria trabalhando em casa e daria assistência para o Gabriel. Precisava sair sem ser vista, pois não deixaria Heitor abrir mão de sua empresa e de tudo pelo que ele lutou durante todos aqueles anos. Eu iria procurar aquele homem e tentar amolecer o coração dele... ao menos tentar amolecê-lo. Só esperava não me arrepender disso.

Tomei um banho rápido e me vesti apressadamente. Logo estava em meu carro a caminho do conglomerado Duarte. Fui anunciada por uma secretária loira, com cara de modelo, assim que cheguei no último andar do prédio.

Aguardei ansiosa, com medo de estar cometendo um erro terrível, mas com bondade no coração. Se tinha alguém que poderia nos ajudar esse alguém era Carlos Eduardo Duarte, pai de Heitor.

— Senhora Marianne, o senhor Duarte pediu que entrasse imediatamente. — Disse a moça. *Bem, pelo menos ele não me ignorou por completo. Isso é um bom sinal.*

Ao atravessar as portas duplas, me vi em uma sala decorada, com tons de cinza e preto. A sala era impessoal, fria e um tanto intimidante, mas não me deixei intimidar.

— Bom dia, senhor Duarte.

O senhor idoso não aparentava a idade que tinha, ele parecia seguro de si e arrogante. Ele me encarou dos pés à cabeça e parecia um tanto incomodado com a minha presença.

— Tenho pressa, senhorita Marianne; então se apresse em dizer do que se trata a sua visita tão inesperada. — Disse ele, sentando-se atrás de sua

mesa e fazendo com que eu me sentisse inconveniente. — Por favor, sente-se.

Não me deixei amedrontar, larguei minha bolsa na poltrona de couro e sentei-me na do lado e disse:

— Vou ser bem direta com o senhor. Meu filho, o seu neto Gabriel foi diagnosticado com leucemia há dois meses... e bem, para ser bem clara, as contas do hospital não são nada baratas e gostaria de saber se o senhor tem algum plano de saúde para nos ajudar a cobrir ou quem sabe diminuir um pouco dos gastos. — Me arrependi no momento que disse aquelas palavras, me senti diminuída e inconveniente.

— Então você quer dinheiro... o inútil do meu filho não dá conta de pagar o hospital. Que conveniente. — Disse ele friamente, entrelaçando os dedos em cima da mesa.

— No momento que disse as palavras, soube que foi um erro vir até aqui falar com o senhor. Desculpe por tomar seu tempo. — Peguei minha bolsa e me levantei. Era uma sala tão grande, mas me senti sufocada e presa, como se estivesse em um minúsculo elevador.

— E foi mesmo... mas na verdade isso só mostra o quanto estive certo o tempo todo.

— Como assim certo? — Questionei irritada.

— Que ao seguir o sonho de ter uma “carreira” — Disse fazendo aspas no ar — É uma idiotice e que Heitor é um fracassado.

— Fracassado é o senhor! — Disse muito irritada.

— Agora você vai me insultar? Quem você pensa que é para me insultar, sua abusada! Eu sou dono de

— Por mim, o senhor pode ser dono até do caralho da lua — Eu não estava me reconhecendo, falando palavrões... isso não era do meu feitio. — Heitor é mil vezes melhor do que o senhor. Ele chegou onde chegou pelo esforço dele, não se apoiando na fortuna da família.

— E o que você está fazendo aqui agora? Me pedindo ajuda, não é mesmo? Parece que a fortuna da família não é assim tão repulsiva agora. — Disse ele com sarcasmo.

— Vim aqui por uma estupidez. — Balancei a cabeça e suspirei. — Pensei, por um milésimo de segundo em que meu cérebro falhou, que o senhor se preocuparia com o seu neto — Ri com amargura — Mas olha como sou ingênua, não é? Você nunca quis conhecer o Gabriel, e agora que sabe que ele está doente, sequer perguntou como ele está.

— Eu não tenho netos, Heitor não é meu filho... eu disse isso há anos

quando o deserdei.

— Dinheiro... dinheiro... dinheiro... — Bufe! — Pois fique com o seu dinheiro, fique aí tendo uma vida fria e solitária em sua torre de marfim que eu não estou nem aí, esqueça que eu vim aqui.

— Pode ter certeza que esquecerei sua visita insignificante.

— Adeus!

Deixei o prédio com raiva de mim mesma por ter cogitado por alguns momentos pedir ajuda a esse grande idiota. Eu realmente não sabia o que tinha na cabeça. *Devem ser os hormônios*, pensei.

— Hormônios? — Eu ficava assim emotiva e sem raciocinar direito apenas quando estava grávida. Será que haveria alguma luz nesse dia tão perturbador?

Meu celular tocou quando parei em frente a uma farmácia. Atendi Heitor no terceiro toque.

— Mari.

— Sim amor, bom dia.

— Onde você foi tão cedo? — Perguntou ele.

— Vim até a farmácia. Vou comprar o teste de gravidez e vou para a casa. — Menti.

— Tudo bem. Gabriel e eu estamos à sua espera.

Na volta para casa, fiquei pensando em como deve ter sido doloroso para Heitor ter sido criado por um homem como aquele, um pai tão cruel e frio. Eu desconhecia tal coisa. Meus pais sempre foram tão amorosos comigo e minha irmã que desconhecia tal frieza.

Ao chegar em casa, fui recebida por um par de carequinhas. Gabriel e Heitor estavam brincando e sorrindo. As vezes era difícil olhar para o meu filho, cada vez mais magro e abatido; mas ainda assim eu morria de orgulho dele e de quão corajoso ele estava sendo.

— Mamãe volta já, ela precisa ir ao banheiro. — Disse Heitor ao Gabriel enquanto me empurrava para o banheiro.

— Heitor! — Protestei.

— Vá logo, mamãe! Temos uma surpresa a você. — disse Gabriel.

Me enfiei ao banheiro e fiz o teste de gravidez. Enquanto esperava os minutos necessários, minha ansiedade só aumentava. Ainda estupefata, saí do banheiro.

Gabriel segurava uma faixa que dizia: Não foi dessa vez, mas será da próxima.

— Acho que você deve ter uma segunda opção de faixa, não é, meu amor. — Eu disse a ele, e um sorriso iluminou seu rosto.

Ele então ergueu a faixa: Feliz demais! Vou ganhar um irmãozinho!

— Sim! Essa faixa parece muito mais apropriada. — Sorri abertamente, um arco-íris surgiu após a tempestade. Eu estava grávida, tinha uma família maravilhosa e o dinheiro nós conquistaríamos com o tempo. A vida era maravilhosa e tudo daria certo.



Capítulo 12

Marianne

Quinze de outubro de 2002

Saímos de mais uma sessão de quimioterapia, e minha barriga de sete meses despontava e me causava dor nas costas, mas eu estava feliz e esperançosa apesar de tudo. Daniel estava a caminho e a esperança de salvar a vida de Gabriel aumentava, sem contar a alegria de ter um novo membro na família.

— Ei, garoto... O que acha de irmos até a praça tomar sol até que seu pai venha nos buscar? — Perguntei carinhosamente ao Gabriel, acariciando seu rostinho magro e cansado.

— Eu não quero, mãe! Quero ficar aqui deitado... estou cansado disso e quero dormir. — Disse ele irritadiço e desanimado.

— Ei, nada de desanimo. Eu estou louca para ir para a praça e seu irmão também. — Disse acariciando minha barriga.

— Ele não fala nada ainda... — Disse Gabriel emburrado — Ele está aí dentro e pra ele tanto faz estar aqui dentro como lá fora.

— Ei, filho, mas eu quero muito ir lá fora... Você precisa proteger sua mãe até seu pai chegar, não é mesmo? E quanto ao seu irmão, quando ele nascer você poderá ensinar ele a falar. Vamos, Gabi, aproveitar esse momento só nós dois hein? Logo teremos mais um integrante na família e não poderemos ter mais tantos momentos como esse.

— Está certo. — Disse ele vencido e ergueu-se da cama do hospital.

Eu não iria deixar meu filho entregar-se a doença. Eu queria levar ele até a praça, curtir o momento, ver os pássaros pousando nas flores que começavam a florescer na primavera. Nosso inverno foi sempre trancafiado dentro de casa, íamos vez ou outra no cinema, mas nada comparado a um

passeio, com a luz do sol iluminando a nós e o doce aroma das flores da primavera.

Descemos de elevador e logo alcançamos a praça que tinha em frente ao hospital, sentamos em um banco em baixo de uma grande figueira que deveria ter uns 20 anos de idade, Gabriel parecia distraído, olhando para o banco mais à frente. Segui seu olhar e vi uma mulher e uma menina de mais ou menos uns 9 ou 10 anos de idade. A menininha era linda, cabelos dourados, olhos claros e um sorriso iluminava seu rosto. Pude perceber as olheiras em seu rosto e no rosto de sua mãe.

— Quem é ela, filho? — Gabriel parecia assustado e apenas me encarou.

— Ela quem?

— A menina que você está olhando. — ele fez uma careta e ajustou o lenço azul em sua cabeça.

— Não estou olhando para ninguém, ok?

— Ok... deixe para lá... — *O que foi que eu perdi aqui?* Meu filho parecia incomodado.

— Acho que devemos ir embora. — Ele disse e antes que se levantasse a menina do outro banco começou a chorar. Sua mãe a abraçava com ternura e dizia coisas em seu ouvido.

De repente o olhar daquela mulher encontrou o meu e houve uma leve comunicação entre nós. Foi como se ela me chamasse até lá. Ergui-me, seguindo meu instinto materno, e peguei a mão de Gabriel.

— O que você está fazendo mamãe? — perguntou ele corado.

— Estou indo até ali ver se tudo está bem.

— Mas... — Mesmo com seus protestos fui até elas.

— Podemos nos sentar? Está tudo bem?

A menina foi acalmando-se pouco a pouco, notei que quando ela pousou seu olhar sobre Gabriel, ele corou. Estaria meu filho apaixonando-se pela primeira vez?

— Claro, por favor. — Disse a mulher.

— Você poderia me mostrar a fonte? — Perguntou a menina ao Gabriel.

— Tu... tudo bem... — Disse ele sem jeito.

— Eu sou a Ana Maria, mas pode me chamar só de Ana.

— Eu sou o Gabriel.

— Tudo bem, Gabe. Vamos até a fonte? — A menina puxou a sua mão e ambos foram em direção a fonte que ficava a poucos metros de nós.

— Que bom que você apareceu... não estou lidando muito bem com isso.

— Disse a mulher — E eu sou Raquel.

— Marianne. — Apertamos as mãos uma da outra.

— O que aconteceu, Raquel?

— Leucemia mileoide aguda, foi isso o que aconteceu... — Seu olhar foi até a pequena Ana e meu coração apertou-se dentro do peito. Havia feito muitas pesquisas quando Gabi foi diagnosticado e sabia que a LMA era mais grave do que a que Gabi tinha, e fiquei aliviada por ele ter a LLA.

— Eu sinto muito, Raquel. Foi diagnosticado quando?

— Há duas semanas, teremos daqui duas horas a primeira sessão de quimioterapia e estava falando para a Ana que ela terá que cortar o cabelo... foi esse o motivo das lágrimas.

— Eu imagino. Se já é difícil para um menino, imagine para uma menina cortar seus cabelos... — Peguei em sua mão. — Tenho certeza de que tudo dará certo, Raquel. — confortei-a.

— Eu espero que sim...

— Temos que ter fé em Deus que sim.

— Deus nem sempre é justo. — Disse ela amargurada. — Se fosse, não deixaria uma criança ter câncer.

Apenas apertei sua mão uma vez mais. Eu mesma já havia usado aquela frase sobre Deus; ,as sabia que tudo tinha um propósito e tinha fé que tudo se acertaria.

— Eu estou aqui me lamentando... mas me conte, Marianne, para quando é o bebê? — perguntou ela sorrindo.

— Para Dezembro, perto do natal.

— Que presente maravilhoso, não é mesmo?

— Sim sem dúvidas que é... eu estou muito feliz em ter outro filho, mas ficarei ainda mais feliz se ele for compatível com o Gabriel. — Falei honestamente.

— Há quanto tempo estão na quimio? — Questionou ela, empurrando uma mecha dos seus cabelos dourados para trás da orelha.

— O mesmo tempo que fiquei grávida, sete meses... — Falei, acariciando meu ventre.

— Ele vai precisar do transplante?

— Ainda é cedo para saber se será necessário, mas já nos precavemos a respeito disso... sem contar que me dá arrepios. Tanta coisa pode dar errado, pode haver rejeição e todas as outras complicações... mas tenho ido a Seichon-[ie](#)^[3] e isso tem me ajudado muito.

— Seicho-no-ie?

— Sim, como poderei te explicar de uma forma fácil... — Pensei por alguns instantes. — Bem, eles acreditam que somos filhos de Deus e por isso somos a imagem de Deus, somos perfeitos e a doença não existe.

— Ah, eu posso dizer o contrário. — Sorri com seu comentário.

— Eu sei... mas eles dizem que a doença não foi criada por Deus, por isso não existe na nossa alma, na nossa imagem verdadeira. A doença existe nesse mundo fenomênico cheio de sombras. Resumindo, é um excelente local que me faz sentir bem e esperançosa. Oramos, agradecemos... se você quiser ir um dia, sei que lhe fará um bem danado.

— Obrigada. — Ela agora observava Gabriel e Ana, que pareciam ter se dado bem — Sabe, ela é tudo o que eu tenho. Meu marido trabalha na plataforma de petróleo e ainda não consegui contatá-lo sobre isso, mas é certeza de que quando ele receber a minha carta, virá correndo para a casa.

— Ei Raquel, por que você e Ana não vão nos visitar qualquer dia desses? Compramos uma linda casa na praia de Palmas, com muita paz e tranquilidade e muito ar puro.

— Eu adoraria.

Do outro lado da rua, Heitor nos chamou de dentro do carro.

Raquel e eu trocamos telefones e eu dei o endereço de nossa casa na praia. Depois de nos despedirmos, Gabriel parecia mais animado.

Muita coisa havia mudado desde que eu soube que estava grávida. Em resumo Heitor vendeu sua sociedade na empresa e comprou uma casa na praia para nós, ele trabalhava lá aos fins de semana na reforma. Eu havia tirado uma licença da escola e ficava em casa dando aulas para o Gabriel, já que ele não queria voltar a escola. Aluguei meu apartamento na beira-mar e esse dinheiro estava ajudando a pagar parte do plano de saúde.

Heitor ainda trabalhava na firma, mas como não era mais sócio, trabalhava menos. Ele parecia mais feliz agora que ficava mais tempo conosco e menos tempo no escritório. Pensei realmente que ele fosse ficar amargo com o tempo por ter aberto mão de seu sonho de vida, mas ele simplesmente me fez apaixonar-me por ele mais uma vez ao dizer:

— Meu sonho de vida é isso! A minha família. Eu aqui com vocês, Marianne.

E eu sabia que eram verdadeiras as suas palavras. Eu estava tão cheia de amor e perdão que me afeiçoei como nunca. Gustavo que vinha passar dois finais de semana por mês conosco. Antes olhar para o outro filho de Heitor

era doloroso demais, mas agora eu o olhava com amor. Heitor tinha entrado com uma ação na justiça para tirar o menino daquela mulher, já que ela era negligente com Gustavo, que vivia cercado de babás e nunca com a mãe. Heitor chegou a ficar apreensivo ao me dizer o desejo de ter o filho para si, mas como estávamos dando uma chance a tudo isso, eu o apoiei no que era necessário.

Gabriel estava agitado naquela noite e quis ficar assistindo TV conosco na sala. Ele logo adormeceu no sofá e relatei o que aconteceu hoje á tarde no parque para Heitor.

— Ele está apaixonado e você ter notado que ele estava encarando a menina o deixou constrangido. — Disse Heitor sorrindo.

— Mas ele é tão novo para isso.

— Ele faz 11 anos em fevereiro.

— E daí? Ele ainda é meu bebê.

Heitor riu de mim.

— Não seja ciumenta, Mari... e agora teremos outro bebê a caminho.

— Não estou com ciúmes, só acho que o Gabriel não está apaixonado.

— Nossa, que mãe coruja... — Zombou ele de mim.

— Para provar a você que não sou uma mãe superprotetora vou chamar a Ana e sua mãe para virem aqui no fim de semana.

— E então provarei que nosso filho está vivenciando seu primeiro amor. — Disse ele sorrindo.

Fomos nos deitar exaustos naquela noite, pois Daniel chutava a minha barriga que era uma beleza. Dali a alguns meses nasceria Daniel e traria mais alegrias a nossa vida. Dali a alguns meses saberíamos se ele seria o salvador de Gabriel... ou se seria Gustavo, caso Heitor ganhasse sua custódia. Fiz a minha oração antes de dormir e sonhei com um universo paralelo em que Gabriel nunca ficou doente, conheceu Ana na escola e veio aos quinze anos me apresentar ela como sua namoradinha...



Capítulo 13

Heitor

Estávamos a poucos dias do natal e Marianne pediu que eu fosse ao shopping comprar os presentes de todos. Ela, com o seu barrigão de nove meses, não queria sair de casa a não ser que fosse extremamente necessário. Já que já havia passado da data do parto que foi previsto para o dia 21 de dezembro e o médico disse que se o pequeno Daniel não desse sinal de nascer, Marianne faria uma cesárea no dia 26 de dezembro.

Peguei minhas chaves e minha carteira, e tinha em mãos a lista que deveria comprar de presente para todos. Gustavo queria um uniforme de futebol completo, Gabriel queria um videogame e para a pequena Ana uma boneca Barbie. Quando estava pronto para sair, Gabriel me chamou.

— Pai, você está saindo para comprar os presentes? — Perguntou ele.

— Não, filho, estou indo para levar os pedidos ao Papai Noel. — Falei sorrindo.

— Pai. — Disse ele impaciente.

— Sim?

— Eu sei que Papai Noel não existe. — Fiz uma expressão de surpresa.

— É claro que ele existe, filho. — Disse decidido a manter a fantasia. — Quem você acha que come os biscoitos que deixamos perto da árvore na noite de natal?

Ele franziu a testa e me encarou.

— Não é você ou a mamãe?

— Claro que não. É o papai Noel. — Falei determinado.

— Tudo bem, você me convenceu, pai... então será que você poderia mudar meu pedido para ele?

— Você não quer mais o videogame? — Gabriel fez que não

balançando a cabeça. — O que você quer então?

— Eu... bem eu queria um presente que eu pudesse dar de presente. — Disse ele e não entendi nada.

— Como, filho? — Questionei confuso.

— Sabe pai... — Começou ele remexendo as mãos nervosamente — A Ana... ela... bem, ela está muito triste porque não tem cabelos e queria comprar cabelos para dar de presente de Natal, sabe... sei que ela pediu uma Barbie para o Papai Noel, mas acho que isso apenas vai fazer com que ela chore ainda mais, porque a Barbie terá cabelos e ela não tem. Queria que ela ficasse feliz, pois assim brincaríamos juntos e eu ficaria feliz também.

Engoli o bolo que se formou em minha garganta.

— Então você abriria mão do seu presente para dar um presente para a Ana? — Questionei, minha voz soou rouca pela emoção.

— Sim, pai. O meu videogame velho está funcionando bem e que graça tem ter um videogame novo se Ana está triste. — Disse ele simplesmente. Meu filho de 10 anos me dando essa grande lição — Eu vou ficar bem sem videogame, mas não ficarei bem sem amigos... onde mamãe me leva eles nos ensinam isso... — Ele estava se referindo as reuniões da Seicho-no-ie, que Marianne o levava sempre que podia para participar das palestras e escutar palavras de esperança e orações.

— Você está certo, meu filho. Venha cá. — Ele veio na minha direção e o abracei forte — Estou muito orgulhoso de você, Gabriel. — Disse agora sem conseguir conter as lágrimas.

— Está tudo bem com vocês?

Afastei-me de Gabriel e encarei Marianne, que nos encarava preocupada.

— Sim, está tudo bem. — Disse limpando as lágrimas que teimavam em escorrer pela minha face. — Que cor você quer, Gabriel?

— Da mesma cor do da mamãe. — Disse ele, olhando para sua mãe com admiração.

— Tudo bem, assim será. — Disse sorrindo para ele.

— Desculpa interromper o papo dos dois. — Disse ela encolhendo-se — Mas minha bolsa estourou. — Arregalei os olhos e só agora notei a água que escorria pelas suas pernas.

— Meu irmão vai nascer hoje? — perguntou Gabriel sorrindo abertamente.

— Parece que sim, meu filho. — Disse sorrindo também. acariciei sua

cabeça que estava coberta com um lenço preto com uma caveira, ele estava com uma grande obsessão agora com piratas. — Bem, meu filho, pegue a bolsa da sua mãe no quarto que vou pegar a mala do seu irmão no quarto dele.

Gabriel correu para um lado e eu corri para o outro.

Eu estava uma pilha de nervos, mas tentei manter o sangue frio por causa de Marianne. No caminho para o hospital, Marianne ligou para Catiucia sua irmã, para que ela tomasse conta de Gabriel, já que eu entraria na sala de parto para acompanhá-la.

— Você não vai ligar para a sua mãe? — Perguntou Marianne.

— Não, provavelmente ela não vai poder vir mesmo. Ele não vai permitir e não quero que ela saia às escondidas como se fosse uma criminosa.

Mesmo com dor, Marianne pousou sua mão sobre a minha perna para me confortar.

— Sei que isso um dia vai acabar e você e seu pai vão se entender. — Disse ela, mas eu sabia que nem mesmo ela acreditava nisso; mas mesmo assim fui grato por ela tentar me acalmar, sendo que eu é quem deveria estar tentando confortá-la.

— Quem sabe um dia. — Engoli em seco e continuei a encarar a paisagem.

— Meus pais vem de Porto Alegre no fim de semana para passar o natal conosco, devem chegar amanhã ou no sábado. Será que vou passar o natal em casa?

— Hoje é dia 22, é possível que sim, depende apenas do nosso pequeno Daniel. — Marianne parou de falar e contorceu-se ainda mais com outra contração.

— Estamos quase lá, Mari. — Disse ao entrar na rodovia.

— Dói muito, mamãe? — Questionou Gabriel do banco de trás.

— O bastante, meu filho. Mas hoje é um dia feliz e nem me importo com a dor.

— Será que meu irmãozinho vai poder me ajudar?

— Esperamos que sim, meu amor. Se não, temos o Gustavo também, não é mesmo?

— Sim, mamãe. Na verdade, estou mais ansioso para conhecer o Daniel... Ana disse que adora bebês, você vai deixar ela pegar ele no colo?

— Sim, meu amor. Você, como irmão mais velho, supervisiona enquanto ela segura seu irmão.

— Perfeito. — Disse Gabriel satisfeito — Serei o melhor irmão mais velho do mundo, vou ensiná-lo a jogar bola e videogame.

— Eu sei que vai, meu amor. Eu sei que vai... — Marianne apertou-se no banco e gemeu de dor assim que entramos no estacionamento da maternidade.

Assim que saímos do carro uma enfermeira surgiu acompanhada de Catiucia e Grazi. A enfermeira trazia uma cadeira de rodas, onde Mari logo sentou-se.

— Ei, lindão, vamos até o lago dos patos? — Perguntou Cati enquanto verificavam se Mari estava bem.

— Vamos sim, tia. — Gabriel sorriu para mim e deu um beijo em sua mãe antes de seguir com sua tia e sua madrinha Grazi.

Logo fomos guiados ao saguão e preenchi a ficha de Marianne o mais depressa possível. Então seguimos para a sala de parto e acompanhei Mari, segurando firmemente em sua mão. Perguntava-me se o parto seria tão dramático e demorado quanto foi o de Gabriel, pois sabia que Mari estava cansada e na certa ela iria pedir a anestesia se o parto fosse tão demorado quanto o do Gabi.

A enfermeira, acompanhada do obstetra, fez o exame de toque e sorriu.

— Já está com 10 centímetros, mamãe. Você já pode começar a fazer força.

Mari sorriu para mim e trocamos um olhar cúmplice de entendimento. Segurei firme em sua mão quando o médico se posicionou e uma contração veio com força total.

— Pronto, mamãe, vamos trazer esse menino ao mundo.

Após fazer força algumas vezes escutamos o sonoro choro de Daniel. Ele era lindo, maravilhoso e perfeito. contei os seus 20 dedinhos rechonchudos, dos pés e das mãos. Ele tinha os cabelos um pouco mais escuros, como os da Mari, logo que ele foi limpo e examinado foi colocado nos braços de Mari e logo começou a amamentar. Meus olhos estavam vermelhos de tantas lágrimas de emoção que derramei. Eu estava muito feliz, nosso lindo filho havia nascido. Além de ser uma dádiva de Deus me tornar pai mais uma vez de um filho com Marianne, ainda havia a esperança de Daniel poder ser a salvação de seu irmão. Eu estava muito emocionado, eu não sabia que merecia tantas coisas maravilhosas, mas agradeço a Deus por todas elas.

Marianne

Não existe emoção maior na vida do que colocar os olhos no rostinho de seu filho pela primeira vez. Daniel era uma miniatura de Heitor e Gabriel, e se não fossem os meus cabelos escuros em sua cabecinha, eu diria que ele era apenas filho de Heitor.

Por sorte tudo ocorreu maravilhosamente bem, e o médico disse que faria os testes necessários para descobrir se Daniel poderia ajudar seu irmão. Como tudo ocorreu às mil maravilhas, na manhã do dia 25 de dezembro já estávamos de volta em casa. Perdemos a véspera de Natal, infelizmente, mas podemos passar o dia de Natal em casa. Cheguei exausta e deitei o pequeno Daniel no seu berço. Gabriel entrou no quarto e ficou admirando seu irmãozinho.

— Ele é tão pequeno, mamãe, mas gosto dele. Ele se parece comigo... assim quase sem cabelo. — Disse Gabriel, sorrindo. — Vim lhe trazer seu presente. — Gabriel estendeu uma pequena sacola de papel na minha direção e peguei o quadro.

No quadro estava um desenho feito por ele. Era muito bom, na verdade, com traços e sombreamento quase profissionais. Nele estávamos todos na praia, Gustavo, Gabriel, Heitor, eu, Ana e sua mãe e o pequeno Daniel em meus braços. No desenho retratado por Gabriel, ele tinha longos cabelos loiros e Ana também tinha longos cabelos, só que escuros... fiquei emocionada com seu presente e o abracei apertado.

— Quando eu crescer, mamãe, vou deixar meu cabelo ficar bem comprido, igual ao dos piratas.

— Uau, acho que teremos que comprar um barco muito em breve. — Falei.

— Um navio, mamãe! Piratas comandam navios.

— Tudo bem, meu amor. Eu já entendi... não se preocupe, compraremos um navio.

Passamos aquela semana apenas nós. Como Daniel ainda era muito novo, Heitor pediu que viessem nos visitar apenas uma semana depois e por sorte hoje na noite da virada vi toda a família reunida. Meu pai e minha mãe, com seus gestos antiquados que tanto sentia saudades, e repreendiam minha irmã Catiucia por ainda não ter se casado. Para os meus pais era assim, a mulher tinha que arrumar um marido e ser uma boa esposa para sempre.

Também passaram a virada conosco Raquel e Ana. Ana estava usando uma bela peruca de cabelos ondulados e castanhos, muito parecidos com os meus e um belo vestido azul. Ela parecia uma princesinha. Heitor havia me contado sobre a troca de presentes e fiquei comovida... aliás, parecia que era apenas isso que eu fazia nos últimos dias, chorar e chorar. Estava muito sensível e ansiosa para receber o resultado do exame que determinaria o futuro de Gabriel.

— Tia, estou com sono. — Gustavo que veio passar o réveillon conosco e puxava a barra da minha saia. Peguei o pequeno nos braços e sorri para ele.

— Vou te levar para a cama, moço. Você teve um dia longo e logo chega a meia-noite, então é bom que você esteja descansando quando começar a bagunça.

Levei-o até o quatinho que tinha sido preparado especialmente para ele. Eu havia me afeiçoado a esse menino, e na verdade, me compadecia dele. Sua mãe não valia nada, infelizmente, e ele era tão carente de afeição que sempre que ia ali me abraçava forte e não me soltava por um bom tempo. Ele era filho dela, mas ela não dava qualquer carinho ou amor para o menino.

— Tia, eu queria morar aqui. — Disse Gustavo, me encarando com aqueles olhos azuis brilhantes.

— Oh, meu lindo. Mas e a sua mãe? Você vai deixar ela sozinha? — Perguntei, sentando-me ao pé da cama dele e acariciando seus cabelos.

— Minha mãe nunca está sozinha, tia. Eu quem sempre estou... Gosto daqui... a senhora deixa eu morar aqui? Por favor... — Ele me encarou com os olhos cheios de lágrimas. Engoli em seco. O que eu poderia fazer? Heitor ainda não tinha a guarda dele e a audiência seria dali a 15 dias. Tirei os sapatos dos seus pés e o encarei.

— Gus, meu amor, vou pedir ao seu pai para que ele converse com a sua mãe para você passar as férias de verão aqui, tudo bem?

— Mas queria ficar aqui para sempre... — Disse ele, triste.

— Ei... — Apertei sua bochecha. — Um passo de cada vez, tudo bem? Ele assentiu ainda triste.

— Agora eu quero aquele sorriso em seu rosto.

Ele sorriu.

— Gostei de ver, agora descanse que amanhã vamos comer muita salada de frutas e sorvete.

Ele pegou seu bichinho de pelúcia e sorriu ao fechar os olhos.

Fiquei encarando-o por alguns segundos. Gustavo havia passado mais

tempo na nossa casa nos últimos meses do que na casa de sua mãe. Eu realmente torcia para que Heitor ganhasse essa audiência.

Ao me levantar para deixar o quarto, escutei Gustavo murmurar.

— Queria que você fosse minha mãe, tia...

Engoli em seco e encarei seu corpinho tão frágil em cima da cama e meu coração apertou-se no peito. Quem diria que ali estava o lembrete da traição de Heitor, mas eu não me importava mais, eu amava aquele menino, queria salvá-lo e cuidar dele. Queria minha família feliz. As coisas realmente mudam, quando algo trágico acontece em nossas vidas, vemos as outras coisas com outras perspectivas.

— Eu também gostaria de ser sua mãe. — Disse antes de sair do quarto. Minhas palavras eram sinceras, tão sinceras que me assustei com a força delas.

E como que como uma prova da força de todo o amor, ao sair do quarto me deparei com Heitor abraçado a sua mãe. Ela veio! Isso me encheu de alegria.

Gabriel (Cena adicional)

Esse poderia ter sido o pior natal de todos os tempos. Eu estava morrendo, afinal de contas. Ninguém falava em morte, mas eu notava que haviam crianças diferentes cada vez que íamos ao hospital, porque elas haviam morrido.

Mas não foi um natal ruim... eu ganhei um irmão, mamãe e papai estavam juntos de novo e pararam de brigar. E tinha a Ana. Quando ela apareceu lá em casa para almoçar no dia de Natal, ela usava um lindo vestido verde, aquela passou a ser minha cor favorita a partir daquele dia.

— Ana! — Eu a chamei. — Papai Noel te trouxe um presente... venha. — Eu a puxei pela mão e a guiei até a árvore de natal.

— Você ainda acredita em Papai Noel? — Perguntou ela, rindo.

— Não! — Respondi rapidamente. — Mas papai acha que sim, então vamos deixar ele pensar assim, tudo bem? — Ela assentiu. — Aqui. — Entreguei uma grande caixa e ela sorriu.

— Uau, é uma caixa um tanto grande para ser uma Barbie. — Disse ela, admirando o pacote.

— Abra logo! — Falei ansioso.

— Tudo bem. — Ajudei-a a rasgar o pacote. Estava ansioso para que ela

visse o seu presente.

— Gabe! — Ela arregalou os olhos e sorriu abertamente. — Não acredito nisso.

— Bem, pedi para o papai comprar da cor dos cabelos da mamãe.... você está sempre dizendo como minha mãe é linda e que os cabelos dela são incríveis. — Ela continuou encarando o presente e sorrindo. Senti vontade de sorrir também. — Vamos, coloque.

Ana pegou a peruca e fui até o meu quarto com ela. Lá, diante do espelho, ela ajustou a peruca que ficou com o encaixe perfeito.

— Eu estou...

— Sim, até que está bem bonita para uma garota. — Falei envergonhado.

— Nossa. — Ela deu um passo para trás e quase caiu ao tropeçar em meu carrinho.

— Cuidado, é o meu carrinho de controle, meu presente de natal. — Falei pegando meu belo carrinho vermelho.

— E o videogame, você ganhou? — Perguntou ela.

— Não, eu não queria ele tanto assim. — Falei despreocupado.

— Ah, Gabe! — E foi nesse momento que recebi um abraço apertado de Ana. Senti meu coração bater tão forte que pensei que fosse morrer. — Obrigada.



Capítulo 14

Marianne

Um mês depois...

Estava passeando na praça XV de Novembro com Daniel. Heitor estava há 30 minutos na audiência de guarda de Gustavo. Ele era nossa esperança. Nosso pequeno Daniel foi uma benção de Deus e alegrava nossos dias. Gabriel lia seus livros infantis para ele todas as noites... era lei, Gabriel nunca deixava de ler para o pequeno Daniel e a conexão entre eles era tão grande que até mesmo se Daniel estivesse chorando, ao escutar a voz tranquila do irmão, ele logo se acalmava.

Daniel não era compatível com Gabriel para a doação, mas sem dúvidas eles eram compatíveis em seus corações e suas almas. Confesso que a duas semanas atrás quando soubemos do resultado, foi decepcionante. Mas não me senti tão arrasada. Podíamos não ter conseguido um doador para o Gabriel ainda, mas não iríamos desistir; e como disseram os médicos, talvez Gabriel nem precisasse de doador. Se não, ainda havia seu irmão Gustavo como um fio de esperança.

Gustavo era um ótimo menino e eu havia me afeiçoado tanto a ele que quando ele ia embora, eu engolia as lágrimas. Tentava esconder minha dor de vê-lo partir. Afinal, meu coração era grande demais, eu era mãe e já o tinha como filho. Ele não tinha culpa do erro que Heitor cometeu no passado e esse passado já não me atingia. Eu vivia o presente dia a dia, aproveitando os bons momentos com meus três meninos.

O aniversário de Gabriel seria no mês seguinte e queríamos levá-lo para uma volta no parque aquático como havíamos combinado no ano anterior, que estaria fechado apenas para nós. Caminhei mais um pouco ao redor da

praça com o carinho de Daniel até que Heitor retornou com um sorriso no rosto. Aquilo só poderia significar uma coisa. Vitória!

— Então me conte, como foi? — Perguntei assim que ele sentou ao meu lado no banco.

— Foi bem perturbador. Aquela mulher é horrível, nem parece que Gustavo é filho dela. — Disse ele, acariciando a face do pequeno Daniel. — Mas enfim, ganhei a guarda provisória. Ela ficou histérica, como já era de se esperar, e gritou com o juiz... por pouco não ficou detida por desacato.

— Meu Deus, Heitor! — Fiz uma careta, mas sorri abertamente com a notícia. — Mas isso é uma notícia maravilhosa! Ele vai ficar conosco!

— É sim, ao menos uma batalha vencida nesse mês... — Disse ele retribuindo o sorriso.

— Ei, só porque perdemos uma batalha na cura de Gabriel não significa que perderemos todas, lembre-se que estamos todos unidos e vamos vencer qualquer coisa.

— Vamos sim, ele cresceu tanto não é mesmo? — Disse ele quando o pequeno Daniel agarrou seu dedo entre sua mãozinha.

— Sim, está crescendo muito rápido. Quando for ver, ele já vai estar engatinhando por aí.

— Verdade, lembra quando o Gabriel deu seus primeiros passos... e o Floquinho veio correndo e o derrubou... — Ele referia-se ao nosso antigo cachorro, um vira-lata todo branco e por isso o nome Floquinho, pois ele parecia ser feito de neve.

— Sim lembro. — Sorri e visualizei a cena em minha mente.

— E lembra que quando o Gabi caiu após ser derrubado, ficamos os dois encarando-o, em expectativa esperando que ele chorasse? — Heitor segurou em minha mão e a apertou de leve.

— Sim, só que ele não chorou. — Falei, emocionada. Gabriel precisava ser curado logo.

— Não, deu a gargalhada mais engraçada e linda que já escutei. — Heitor também estava com os olhos marejados.

— Foi maravilhoso. — Suspirei e tentei mandar as lágrimas para longe.

— Gostaria de ter um cachorro...

— Teremos outro cachorro, logo após a recuperação de Gabi e o nosso casamento.

— Ah, verdade. Esqueci que você me rejeitou. — Disse ele, fingindo-se de ofendido.

— Temporariamente. — Ri do seu comentário.

— Talvez se eu a engravidar de novo, não corra o risco de você me deixar depois.

Pousei a mão no peito e fiz uma expressão de choque.

— Que horror, homem. Não vou te deixar... não mais. — Apertei sua mão de volta.

— Que bom. Pois eu iria perseguir você pelo resto de sua vida, você nunca vai se livrar de mim Marianne, somos feitos um para o outro.

— Eu sei... — Ele colou nossos lábios em um beijo suave, cheio de amor e promessas. Sua língua macia acariciou a minha com perfeição e me deixei levar por aquele beijo intenso por alguns minutos, até que Daniel deu um resmungo em seu carrinho.

— Eles sempre adivinham, não é mesmo? — Ele sorriu torto para mim e pegou Daniel nos braços. — Tão lindo, a cara da sua mamãe. — Falou ele.

— Que nada, ele é a cara do pai. De mim, é só o cabelo mesmo.

— Acho que temos que tentar uma menina. Vai que ela nasça parecida com a mamãe? — Sugeriu Heitor.

— Uma irmã mais nova no meio de três irmãos mais velhos? Isso não vai dar certo para a pobrezinha.

— Ei, qual o problema?

— Vocês são muito ciumentos, todos os quatro, você é o rei do ciúme; e Gabriel, Gustavo e Daniel os príncipes do ciúme. Vá por mim, se nascer uma menina, ela só vai conseguir namorar aos 30.

— Acho essa idade mais do que apropriada para começar a namorar. — Falou ele.

— Viu só! — Gargalhei alto. — Mas também gostaria de tentar outra vez, afinal completei 29 anos ano passado e não estou ficando mais jovem. — Limpei a boquinha de Daniel com o lençinho e fiquei encarando nossas mãos entrelaçadas, preocupada.

— O que você está pensando, Mari?

Voltei a encarar Heitor.

— Que eu realmente queria tentar engravidar de novo. Não sei quanto tempo terei que esperar para tentar de novo. Ao mesmo tempo que quero outro filho com você, Heitor, também tenho um medo gigante de que Gustavo não seja compatível com o Gabi, assim como Daniel; e daí tenho medo de desanimar e perder as esperanças... — Disse com tristeza, confessando minhas fraquezas e meus medos para aquele homem, o homem

que sempre amei.

Ele apertou minha mão e o encarei.

— Mari, você é uma mãe maravilhosa... você nunca vai perder as esperanças... eu conheço você, nunca conheci mulher mais forte na minha vida.

— Me senti a pior mãe do mundo a duas semanas atrás. — Confessei.

— Como assim?

— Fiquei tão triste por Daniel não ser compatível com Gabi que chorei de tristeza... Depois me senti a pior mãe do mundo, o Daniel é um filho, uma benção de Deus e por alguns minutos eu pensei que perdemos tempo com essa gravidez. Senti tanta raiva de mim depois, por isso ter passado pela minha cabeça nem que seja por alguns segundos... — Acariciei o rostinho do Daniel. — Deus, eu o amo tanto, mas fui uma péssima mãe por pensar assim. Irei compensar o Daniel por essa minha falha pelo resto da vida. — Disse e as lágrimas corriam soltas pela minha face enquanto observava a razão do meu viver nos braços de Heitor. Confessar meu pecado, mesmo que tenha sido um pensamento momentâneo, me deu certo alívio. Mas ainda assim não fez com que eu me sentisse bem cem por cento.

— Ei Mari, não se culpe por um pensamento que passou pela sua cabeça por um segundo... — Disse Heitor, acariciando minha mão com a sua. — Somos todos humanos, Mari... foi um momento de fraqueza. Nós ficamos abalados, todos tínhamos expectativas de que Daniel seria o doador de Gabriel, todos nos decepcionamos... não se culpe *mein leben*, você tem coisas demais na cabeça ultimamente. Sei que tudo vai dar certo e você é uma mãe maravilhosa, mas é humana, não um robô.

— Está certo. — Disse me acalmando, limpando as lágrimas que restavam em meu rosto. — Me sinto melhor agora. Você sempre sabe o que dizer, Heitor. Obrigada.

— Apenas cuidando da minha família... já erreí muito por deixar vocês de lado no passado, isso nunca mais vai se repetir... afinal, quem precisa de tanto dinheiro assim? De que adiantou eu ter juntado tanto dinheiro se perdi vocês no processo? Descobri que não é preciso ter muito para ser feliz, o que importa é o amor, os amigos e a família. O resto a gente conquista devagarinho, sem deixar o mais importante de lado.

— Você se tornou um homem muito sábio. Estou orgulhosa de ser sua mulher e mãe dos seus três filhos.

— Mãe de três?

— Sim, já adotei Gustavo como meu. — Sorri.

— Como eu disse, a mulher mais forte, generosa e altruísta do mundo... Marianne, você pode tudo e tenho certeza que no final dessa guerra, nosso Gabriel sairá vencedor.

— Que assim seja.

Juntamos nossas coisas e fomos para a casa. Lá eu já havia organizado o quartinho de Gustavo com todas as coisas que ele gostava. As paredes recheadas de adesivos gigantescos do Toy Story e várias estrelas e planetas coladas ao teto que brilham no escuro. Heitor ainda trabalhava na reforma da nossa casa, ele queria colocar uma varanda que cercasse toda a casa, assim colocaríamos ali uma mesa e tomaríamos café nas manhãs quentes de verão, ou até mesmo nas chuvosas manhãs de inverno. Ali seria uma casa enorme para que todos nós vivêssemos, pois um lar ali já era. Um lar é onde está o seu coração. E ali é o nosso lar.

Gabriel

(Sim, você leu certo)

Finalmente havia chegado o dia do meu aniversário. Eu não me sentia bem nesse dia, não consegui comer nada desde a hora do café da manhã e no almoço vomitei tudo. Eu estava me sentindo muito cansado e só queria dormir. Onze anos... era para ser uma grande festa em um parque aquático. Pensa o quão irado seria? Minha mãe tinha comprado uma roupa incrível e eu estava louco para mostrar para Ana.

Mas não pude por causa dessa maldita doença que não me deixa ser livre e feliz. Eu só queria ser normal! Eu só queria poder ter um cachorro ou um gato. Queria apenas poder jogar futebol em um campo lamacento, tomar banho de chuva no verão.

No dia anterior estava muito quente e havia chovido no final da tarde uma chuva forte, e várias crianças da vizinhança estavam pulando e dançando na chuva. Fiquei na janela do meu quarto, observando-as enquanto elas dançavam e brincavam. Peguei meu caderno de desenhos e fiz um desenho daquele momento de alegria. Esse era mais um dos meus desejos, dançar um dia na chuva. Desenhei a mim e a Ana, curados e dançando na chuva. Brincando como qualquer criança normal. Escondi o desenho no fundo da minha gaveta e um dia, quem sabe, eu mostraria a ela sem ficar envergonhado.

Mas hoje estava um lindo dia de sol, o dia da minha festa de aniversário.

O dia em que brincaria ao menos um pouco no parque aquático. Mas não iria acontecer, já que passei o resto da tarde trancado no quarto. Estava com muita raiva de tudo... raiva daquela doença, raiva das suas limitações. Raiva do meu irmão Gustavo que podia brincar com todos, raiva da minha mãe, raiva do meu pai, raiva do mundo inteiro.

— Gabe? Gabe você está aí? — Batidas na porta e a voz doce de Ana me despertaram e acalmaram um pouco meu estado de nervos.

— Sim, Ana, o que você quer? — Eu sentei na cama esperando por sua resposta. Não queria que ela me visse naquele estado. Eu havia chorado e minhas olheiras, por passar boa parte da noite em claro, estavam muito profundas.

— Vim chamar você para dar uma volta na praia comigo.

— Eu não quero ir à praia, e também não posso ir à praia... nunca posso.

— Ei, sua mãe deixou caminharmos um pouco na praia, então deixa de ser rabugento e traga logo esse traseiro magrelo aqui pra fora. — Disse ela exigente.

Eu a conhecia e sabia que ela não iria arredar o pé dali... quem sabe um passeio na praia fosse bom. Afinal minha mãe nunca me deixa ir à praia, sempre diz ser perigoso para a minha saúde. Mas se ela deixou, era algo bom. Me vesti rapidamente e fiquei indeciso entre minha camiseta do Homem-Aranha ou a do Wolverine... optei por vestir a do Grêmio, que meu avô, pai da mamãe, me deu de natal. Amarrei meu lenço preto e lavei meu rosto tantas vezes que perdi as contas.

Saí do quarto e a encontrei. Ela usava um lenço cor de rosa na cabeça cheio de glitter e sorria para mim. Em sua mão estava um copo de suco de acerola.

— Beba! — Disse ela e me estendeu o copo. A contra gosto obedeci e bebi o suco. Respirei fundo depois, não queria vomitar de novo e não na frente dela.

— Onde está sua peruca? — perguntei quando seguimos para a rua.

— Está calor demais hoje, resolvi deixar ela de molho... Gosta da minha faixa? É nova... — Perguntou ela apontando para sua faixa cor de rosa.

— É legal, mesmo sendo rosa. — Fiz uma careta o que a fez rir. Adorava fazê-la rir... toda vez que ela ria, meu peito enchia-se com algo que eu não sabia explicar.

— Você é legal também, mesmo sendo rabugento. — Provocou.

— Não sou rabugento.

— Não foi o que sua mãe disse para a minha hoje.

— Os pais falam demais. — Falei revirando os olhos.

— Bem, eu vim aqui para te dar seu presente de aniversário. Logo terei que ir... estou com anemia e não posso ficar muito.

Assenti. Sabia o quão era difícil quando além da leucemia, a anemia também nos acometia.

Paramos próximo a uma pedra e nos sentamos ali de frente para o mar.

— Então, qual a sensação de ter 11 anos? — Questionou ela sorrindo.

— É como ter 60 anos. — Disse cansado. Peguei uma pedrinha e lancei na água. — Estou sempre cansado, mal-humorado e rabugento como minha mãe disse. Ela tem razão... acho que sou um fardo para todos. — Observei a praia e perguntei a mim mesmo o quão doloroso deve ser morrer afogado.

— Eu hein, Gabe, pare com essa autopiedade, garoto. Eu vim aqui para te dar um presente, mas não acho que você mereça.

— É meu aniversário. — Protestei.

— E daí? Se eu decidir, você não ganha nada. — Disse ela fazendo bico.

— Sei que estou chato hoje, mas gostaria de ter tido minha festa.

— Não sei porque... os garotos que iam são uns idiotas e só iam por causa da piscina... não são seus amigos de verdade.

— Por que você diz isso?

— Porque eles não vem aqui visitar você sempre, assim como eu e como o Felipe. Acho que só nós dois somos seus amigos mesmo, então estou feliz pela festa não ter acontecido. Gostaria de ver a cara daqueles idiotas... — Disse Ana sorrindo.

— Para uma menina de dez anos, você é muito maldosa. — Comentei.

— Sou apenas mais esperta que você... mas não se culpe, Gabe, afinal as mulheres sempre se desenvolvem e amadurecem mais rápido que vocês, homens. Por isso, meu presente para você é um beijo.

Devo ter perdido o ar por alguns instantes.

— Co...como é?

— Um beijo. Na verdade, é um presente e tanto, pois nunca beijei ninguém, então estou te dando o meu primeiro beijo. — Ela riu.

— Você está brincando comigo. — Falei e levantei-me, seguindo em direção a minha casa.

— Ei, eu estou rindo de nervoso. — Ela deu a volta e parou na minha frente.

— Pensei que estivesse fazendo uma piada. — Cruzei os braços no

peito.

— Não se faz piadas com beijos. — Disse ela.

— Então... você vai me dar um beijo? Na boca? — Descruzei os braços e comecei a brincar com o cordão da minha bermuda, nervoso.

— Sim, mas só um... não sei beijar e você vai ter que me ensinar, Gabriel.

— Também nunca beijei ninguém. — Disse timidamente para ela.

Ela sorriu abertamente.

— Então vamos aprender juntos. Está pronto?

— Bem, sim...

Minhas mãos estavam suando e meu coração batia descompassado no peito.

Ana fechou os olhos e ficou esperando que eu me aproximasse. Quando me aproximei, uni nossos lábios em um beijo suave... não sabia o que fazer a seguir. Seus lábios eram tão macios e foi uma experiência maravilhosa. O calor do sol, a brisa do mar e o som das ondas quebrando. Quando me afastei, ela sorriu, pegou em minha mão e disse.

— Gosto muito de você, Gabriel... acho que devemos namorar agora, não é mesmo? E não me venha fazer rabugices que termino o namoro.

Sorri abertamente e segurei sua mão. Não seria mais rabugento, eu seria um menino alegre e iria me curar e Ana iria se curar e nós dois um dia iríamos dançar na chuva.



Capítulo 15

Heitor

Junho de 2003

Uma saída clandestina, escondido da minha esposa. Eu sabia que ela ficaria furiosa se soubesse. O que eu estava fazendo era errado, mas dentro do meu coração parecia ser tão certo, era coisa de homem, não dava para evitar. Nós queremos agradar as nossas mulheres e aprendemos desde cedo isso. Ou ao menos alguns de nós. O cúmplice de meu delito estava ao meu lado, parecia tão nervoso quanto eu por fazer algo escondido de Mariane.

— Ela vai nos matar, não vai, pai? — Perguntou Gabriel ao meu lado. Ele se remexia inquieto no banco ao lado.

— Só se ela descobrir. — Garanti a ele.

Nós estávamos indo ao centro da cidade comprar o presente do dia dos namorados. Junho estava mais gelado que o normal e Gabriel recentemente tinha se recuperado de uma tosse forte, por isso Marianne queria o manter trancado dentro de casa. Eu concordava com ela, claro, mas ver meu filho insistindo tanto que queria comprar pessoalmente um presente Ana foi de cortar o coração. Ela era a sua primeira namorada e esse era o primeiro dia dos namorados deles. Eu o havia enchido de roupas para que ele não se resfriasse e quis crer que Marianne perdoaria nosso delito se descobrisse.

— Daniel chorou muito na noite passada e Gustavo garantiu que nos dará cobertura... acho que mamãe nem vai notar que saímos. Provavelmente vai dormir até muito tarde. — Comentou Gabriel.

— Vamos torcer por isso, campeão, pois é o meu couro que está em risco. — Ele riu.

— Ela vai perdoar você, papai.

— Bem, vamos parar de nos preocupar com o que ainda nem aconteceu

ou pode nem vir a acontecer... me diga, o que pretende comprar para a Ana?

— Não faço a menor ideia. — Falou ele.

— Parece então que estamos no mesmo barco. Eu não faço ideia do que posso dar de presente para a sua mãe.

Ele me lançou um sorriso triste e ambos seguimos rumo ao centro para tentar pensar em meio a tantas opções de presentes.

Acabamos por parar em uma tenda de produtos artesanais. A moça logo simpatizou com Gabriel e nos deixou fazer os presentes por nós mesmos, pois ela disse que as mulheres adoravam saber que os homens fizeram os presentes com as próprias mãos. Como ela disse, é um toque pessoal e carinhoso fazer isso.

Fiz uma linda caixa com corações todos tortos e borrados, dentro dela coloquei velas perfumadas com fitas coloridas que eu mesmo amarrei e saches de banho com ervas cheirosas que eu mesmo escolhi. Gabriel, com todo o seu talento natural pintou um pequeno quadro e fez algumas flores com papel colorido. Acabamos nos divertindo tanto que perdemos o horário até que vi meu celular tocando e era Marianne. Gabriel e eu nos entreolhamos assustados e atendi preparando-me para a briga que viria.

— Heitor, estou aqui no restaurante da beira-mar esperando você e o Gabriel para almoçar. — Olhei no relógio e já se passava das 11h30min.

— Como? — Estava tão atordoado com a sua calma que pensei não ter escutado direito.

— Vem logo, Heitor. Depois te conto como foi que o Gustavo me disse da saída clandestina de vocês... crianças de seis anos não são boas em guardar segredo, então vem logo!

— Tudo bem. — Desliguei o celular e encarei Gabriel.

— Parece que nos demos bem nessa... Eu acho....

— Que bom, pai. — Fomos até o carro e guardamos os presentes escondidos no porta-malas.

Seguimos rumo ao restaurante do chef, aquele que sempre íamos. O chef já conhecia as limitações de Gabriel, o que ele podia ou não comer, e por isso aquele era o nosso local favorito para comer fora no último ano.

Ao chegar porém ao restaurante, Gabriel disse que iria ao banheiro e que eu poderia ir para a mesa de sempre que ele nos encontraria lá. E quando fui fazer isso, vi Marianne conversando animada com aquele mesmo cara que havia esbarrado conosco naquela tarde à beira-mar. Escutei sua pergunta e paralisei, esperando Marianne responder.

— Então não há mesmo chances para nós Mari? — Foi a pergunta dele.

Eu estava parado, esperando a resposta de Marianne. Me sentia tão inseguro em relação a ela, ao nosso relacionamento. Eu a havia traído, porra. Isso dava todas as vantagens ao cara que segurava a sua mão naquele momento. Eu havia destruído seu coração no passado, e quem garantia que ela ainda iria me querer se tinha esse cara que nunca a machucou ou magoou. Quem garantia que após a cura de Gabriel ela iria continuar comigo? Talvez ela estivesse apenas precisando de apoio nessa situação e talvez quando tudo ficasse bem de novo, ela se daria conta então que não me queria mais.

Prendendo a respiração, fiquei aguardando ela dar sua resposta...

Marianne

Acordei ainda meio grogue. Daniel havia passado boa parte da noite com cólica e dormiu muito pouco. Gustavo estava deitado ao meu lado com os olhinhos arregalados.

— Bom dia, meu pequeno. Dormiu bem? — Acaricieei sua face.

— Dormi sim... — Ele soltou um suspiro. — Eu queria te contar uma coisa, tia Mari.

— Conte, amorzinho.

— O papai e o Gabi saíram escondido... eles pediram para não contar, mas eu queria contar... — Disse ele calmamente.

Sorri e acaricieei sua face.

— Não tem problema você ter me contado, lindo, está tudo bem... Agora o que acha de nos arrumarmos e irmos encontrar esses fujões? — Ele riu e pulou da cama num salto.

— Certo... mas tia? — Chamou-me indeciso na porta.

— Sim?

— Você não vai contar a eles que eu contei não é mesmo? Papai pode brigar comigo...

— Ele não vai brigar com você por dizer a verdade, eu garanto.

— Tudo bem. — E então ele saiu em disparada do quarto.

Como dali a um dia seria o dia dos namorados, imaginei que Heitor e Gabriel tinham feito sua saída clandestina para comprar um presente para mim e Ana. Eles devem ter ido às escondidas por causa da minha superproteção. Gabriel esteve com uma tosse persistente e eu estava tomando todo o cuidado com ele para que nem mesmo uma brisa passasse pelas frestas das janelas. Sim, eu sei, as vezes eu exagerava muito em protegê-lo, mas não

conseguia evitar fazer tais coisas.

Estava uma manhã muito fria e já se passavam das 10h quando resolvi tomar uma chuveirada rápida antes que Daniel despertasse e precisasse ser alimentado. Meia hora mais tarde já tínhamos feito nosso lanche e estávamos arrumando as coisas no carro para irmos no restaurante da beira-mar. Fomos o caminho todo cantando canções infantis e rindo muito. Havia me afeiçoado ainda mais a Gustavo. Sua mãe biológica raramente ia pegá-lo para passar o fim de semana em sua casa, e no último mês ela apenas ligou dando desculpas de que não poderia buscar o menino.

Ao mesmo tempo que me sentia feliz em ter Gustavo só para nós, me sentia triste por ele. Mesmo ele dizendo preferir a nossa companhia, sabia o quão difícil devia ser para uma criança ser rejeitada pela própria mãe.

Heitor e eu estávamos tentando ter outro filho. Eu tentava a todo custo engravidar novamente, para assim dobrar as chances de cura de Gabriel e também porque nós queríamos uma grande família.

Chegamos rapidamente no restaurante, logo sentamos na nossa mesa de sempre e liguei para Heitor, para avisá-lo de que já sabia de sua saída clandestina. Após desligar, conversei com o chef Juarez, que era um grande amigo nosso e um excelente chef e após alguns minutos de conversa ele disse que prepararia algo muito especial para o Gabi e para nós. Ele já tinha conhecimento do cardápio limitado de Gabriel devido a sua condição.

— Mari! — Tinha recém dado água para Daniel e quando me virei e fiquei cara a cara com Murilo.

— Murilo, oi! Como você está? — Ele veio até mim e deu um beijo na minha bochecha. Continuava bonitão como sempre foi e eu sabia que seu perfume ficaria marcado em minha roupa. Heitor não iria gostar disso, eu tinha certeza.

— Muito melhor agora que vi você! — Disse ele dando aquele sorriso irresistível de sempre.

— Não seja bobo. — Disse timidamente. Era impossível não corar com um homem tão lindo diante de si.

— E você como está? Quem são esses garotos lindos que estão em sua companhia? — Disse ele apontando para os meninos.

— Eu estou bem; e esse aqui é meu enteado Gustavo e aqui é o Daniel, meu filho. — Ele apertou a mão de Gustavo e pegou na mãozinha de Daniel.

— São dois meninos lindos... e você conseguiu ficar ainda mais linda depois de se tornar mãe pela segunda vez. — Disse ele sentando-se a minha

frente.

— E você mais galanteador do que nunca. — Retruquei, sorrindo.

— Eu não consigo ser diferente perto de você. — Disse sorrindo torto.

— Mas você sabe que não deve...

— Paquerar você? — Ele completou minha frase.

— Isso mesmo...

— Desculpe, mas como eu disse, é inevitável.

— Pois tente se controlar. Heitor daqui a pouco estará aqui... — Sorri.

— Tudo bem.

— Mas me conte, o que está fazendo da vida? Alguma namorada?

— Não, faz tempo que não encontro ninguém que me interesse. Você me fisgou, Marianne... ainda não superei você. — Disse ele com uma expressão sofrida. — Eu sei, eu prometi não falar mais isso... desculpe...

— Murilo, eu... Murilo, você vai encontrar uma mulher incrível em breve, eu tenho certeza ... — Sorri — Ela está lá fora a sua espera...

— Então não há mesmo chances para nós, Mari? — Perguntou ele segurando em minhas mãos. Eu as pressionei de volta.

Suspirei. Murilo era um cara incrível e merecia encontrar uma mulher incrível. Mas essa mulher não era eu. Eu amava Heitor do fundo do meu coração. Sempre seria Heitor, sempre.

— Não, Murilo, eu sinto muito... amo o Heitor, sempre será ele...

— Eu sei, sempre foi ele, não é?

— Sempre.

— Me desculpe, Mari, mas não é fácil, sabe? Quando encontramos uma mulher como você... — Ele balançou a cabeça. — Bem, uma mulher como você não é fácil de superar... só espero que Heitor saiba a sorte que tem de ter você.

— Eu sei. Pode ter certeza que eu sei. — Disse Heitor chegando por trás de mim e plantando um beijo no topo da minha cabeça.

Murilo sorriu tristemente e levantou-se. Eles trocaram um aperto de mãos e logo Gabriel surgiu dando um abraço em Murilo.

— Como você está, campeão? Firme e forte?

— Sim, tio Murilo.

— É isso aí, garotão. Seja forte por sua mãe, sim? — Disse Murilo, fazendo um carinho no rosto de Gabriel.

— Pode deixar, tio. — Gabi sentou-se ao lado de Gustavo.

— Bem, eu vou indo. Bom almoço para vocês. — Disse Murilo.

- Obrigado. — Disse Heitor.
- E parabéns pela linda família que vocês têm.
- Obrigado. — Então Murilo virou as costas e saiu.



Capítulo 16

Heitor

Foi um épico dia dos namorados... foi um dia tão feliz e bom que tive medo em certo momento que algo de ruim pudesse acontecer no futuro. Por isso aproveitei ao máximo aquele dia com meus filhos lindos, minha esposa e nossos novos amigos, os pais de Ana.

Após o pequeno encontro inesperado com o tal Murilo, nós almoçamos juntos e passamos o resto do dia embaixo das cobertas na grande sala, assistindo animações na tela plana e comendo pipoca. Naquela tarde choveu muito e nós cochilamos após algumas poucas horas de filmes.

Havia se passado algumas semanas e fui ter uma conversa com o pequeno Gustavo. Ele estava empolgado em ajudar seu irmão Gabriel, mas gostaria de ter certeza de que ele se sentia bem em fazer isso. Iriamos fazer os exames para testar sua compatibilidade e caso fosse necessário, faríamos o transplante de medula.

— Oi, filho, posso entrar? — Dei batidinhas na sua porta e Gustavo largou seu trem de brinquedo para vir me receber.

— Pai! Você chegou! — Eu o peguei nos braços e o girei no ar. Era sempre recebido assim por ele quando chegava em casa do trabalho, era a nossa rotina diária e até a leitura antes de dormir sempre que possível.

— E ai, garotão! Como foi o seu dia? — Questionei, sentando-me em sua pequena cama com ele sentado em minha perna.

— Ah, foi muito bom. Tia Mari é muito boa para mim... ela não me deixa só com a televisão, sabe...

— Como assim, filho?

— Ah. a mamãe sempre estava ocupada, então mandava eu ficar com a televisão, ficar lá sentado quieto sem incomodar ela... eu gosto de televisão,

pai, mas as vezes enjoa. — Aquilo me partiu o coração. Como pude deixar meu filho passar por isso? Como fui tão cego de não ver o que aquela mulher horrível estava fazendo?

Claro, eu estava tão obcecado em recuperar Marianne que me esqueci de todo o resto e negligenciei meu filho, mas nunca é tarde para tentar recuperar o tempo perdido.

— Sinto muito, filho. — Disse acariciando seus cabelos claros.

— Está tudo bem agora, papai. Agora tenho uma família igual os meninos da minha escola.

— Isso mesmo! E faremos o possível para zelar por você e te fazer feliz aqui.

— Eu sou feliz, papai. Tenho muitos irmãos e Gabriel disse que quando eu estiver mais idade vai apresentar a amiga da Ana para que eu tenha uma namorada também. — Disse ele sorrindo.

— Uau, meu filho... você já pensa em namorar?

— Não, acho meninas nojentas... mas todo super-homem tem que ter a mulher maravilha. — Disse ele, apontando para sua pequena capa vermelha do super-homem.

— É verdade. — Concordei.

— Então, papai... o que o senhor faz no meu quarto? — disse ele direto.

— Bem, você sabe que está chegando o dia do exame lá no hospital. Você sabe que vai sentir uma dorzinha aqui, outra ali... será feito exame de sangue... bem, eu não quero que você se sinta desconfortável, filho. Saiba que se estiver com medo e quiser esperar mais um pouco, nós não iremos brigar com você de jeito nenhum.

— Eu quero fazer isso, papai... não estou com medo. — Disse ele confiante. — Tenho certeza disso.

— Tudo bem então. Nós iremos juntos lá daqui três dias; se você mudar de ideia é só me falar, ou falar para a Mari, tudo bem? Leve o tempo que você precisar. Você ainda não completou sete anos e pode sim ter medo... você é uma criança apenas. Saiba que estaremos do seu lado e que tudo vai dar certo.

— Eu vou com a minha capa, papai! Eu não tenho medo e quero ajudar meu irmão. Quero que ele fique bom logo para me ensinar a jogar futebol. — Disse sorrindo de orelha a orelha.

— Eu estou muito orgulhoso de você, Gus.

— Obrigado, papai. — Ficamos abraçados em silêncio alguns minutos e

eu disse:

— Sabe filho, posso te ensinar a jogar futebol no fim de semana.

— Não! Eu quero que meu irmão me ensine. Quero que ele fique feliz como eu... e por isso serei corajoso e deixarei que o médico me examine. — Disse decidido.

— Eu fico admirado de como vocês crianças são altruístas, doces e inocentes. Essa pureza de vocês me deixa comovido... obrigado, meu filho. — Disse e lágrimas teimosas escorreram pela minha face.

— Papai, não chore o senhor também... o Gabi chora sempre... não quero que o senhor chore. — O encarei espantado.

— O seu irmão chora sempre? — Ele deu um tapa na própria testa e me encarou.

— Poxa vida, não era para eu ter contado, o Gabi pediu segredo... ele chora as vezes, papai... ele disse que está cansado de estar sempre cansado, entende? — Engoli em seco e assenti.

— Ele logo vai ficar bem, Gus, e vai ensinar a você a jogar futebol.

— Você promete, papai? — Perguntou ele, me encarando esperançoso.

— Sim, Gus, eu prometo.

Sabia o quão errado era prometer algo que eu não tinha o controle de que iria mesmo acontecer, mas minha fé era inabalável. Eu tinha muita fé de que tudo daria certo, que Gabriel iria se curar e que nossa família seria feliz para sempre.

Dali duas semanas obtivemos o resultado. Gustavo era compatível com Gabriel, e se fosse necessário o transplante de medula, já teríamos nosso doador. Em comemoração fizemos uma pequena recepção lá em casa, até mesmo minha mãe apareceu para comemorar. Estávamos todos muito felizes e esperançosos.

17 de outubro de 2003

Gabriel teve um dia ruim, ou devo dizer uma semana péssima? Ele teve uma convulsão em seu quarto; e para o meu pânico, quando chegamos no hospital e os médicos disseram que a quimio não estava mais funcionando. Com essa notícia, Mari desmaiou no meio do corredor. Aquele, sem dúvidas, foi um momento conflitante. A pressão baixa de Marianne que fez com que ela desmaiasse e por isso descobrimos que ela estava grávida novamente. Foi conflitante pois não conseguíamos ficar feliz, afinal Gabriel estava entubado

e precisava se recuperar antes de fazerem o transplante de medula óssea.

Nossa família estava devastada. Ana e sua mãe vinham quase todos os dias no hospital saber notícias do Gabriel. Ele agora tinha contraído uma pneumonia forte e era necessário combatê-la para iniciar o procedimento de doação de medula. Marianne era constantemente sedada... ela estava com 18 semanas de gestação e tinha que ficar calma para não prejudicar o bebê. A dor era imensa por ver meu filho, que sempre foi um menino ativo e forte, deitado imóvel naquela cama de hospital. Ele estava tão pálido e tão magro. Estava irreconhecível.

— Bem, vocês sabem que a situação do Gabriel é extremamente delicada. Marcamos o transplante para daqui duas semanas; temos esperanças de que sua pneumonia ceda antes dessa data. — Segurei firme na mão de Marianne que estava fria e gelada. — Vocês sabem que há uma chance grande de rejeição, mas estamos esperançosos. Gabriel é um menino forte e luta bravamente desde o início.

— Tudo bem, doutor. Quando devemos trazer o Gustavo? — Perguntei com o coração apertado. Estava preocupado com o Gabriel e agora estaria preocupado em dobro pelo procedimento em Gustavo. Por mais que eu soubesse como esse procedimento era simples, não podia conter o medo.

— Não precisaremos que seu filho faça a doação de medula. — Disse o doutor André.

— Como assim?

— Apareceu outro doador. Ele fez a coleta de medula semana passada e ela é perfeita para salvar a vida do Gabriel.

— Um doador do registro nacional? — Questionei. Marianne suspirou aliviada ao receber a notícia e eu tirei um peso das costas ao saber que Gustavo estaria seguro junto de Catiucia.

— Não... na verdade, o doador veio aqui especificamente para doar para o Gabriel.

— Quem é essa pessoa? Precisamos agradecê-la de alguma forma... — Disse Marianne emocionada.

— É doutor, nos diga o nome... temos de ir agradecer a essa pessoa pessoalmente... é alguém que conhecemos?

— Pode ser alguém que participa da comunidade que criamos para o Gabi no Orkut^[4]. — Disse Marianne.

— É possível. Por favor, doutor... nos dê um nome. — insisti.

— Bem, só um minuto. — Doutor André voltou sua atenção para a tela

do computador. — O doador se identificou como familiar do Gabriel, mas assinou um termo de sigilo, portanto legalmente não posso dizer seu nome.

Eu não podia crer nisso. Meu pai doou a medula que poderia salvar a vida de Gabriel? Porque ele faria isso? Ele nunca sequer quis conhecer o neto? Ele nunca ligou para mim... eu estava estupefato e sem reação.



Capítulo 17

Gabriel

Eu estava cansado, exausto. Eu só queria dormir para sempre, queria que a dor desaparecesse para sempre. Além da excruciante dor física, ainda tinha a dor emocional, essa era a pior dor... e eu a reconhecia muito bem agora que estava com quase 12 anos de idade...

Vamos calcular a minha vida, supondo que ela acabasse agora: 11 anos e 9 meses, 1 câncer, uma namorada, alguns beijos... muita dor. Muito inconveniente, muita tristeza. Acho que não faria falta a ninguém se simplesmente parasse de lutar... se Deus existe mesmo, ele escutaria as minhas preces e me levaria embora. Eu só estava atrapalhando a vida de meus pais, eles viviam sem dinheiro e era tudo culpa minha. Eles sequer puderam ficar felizes de verdade com a notícia da gravidez de mamãe, pois eu aqui tinha que piorar... eu tinha que estragar a alegria da família. Na verdade, nos últimos dois anos foi só o que fiz mesmo, trazer tristeza a família. Acho que dormir para sempre, me livrar de vez da dor, seria um alívio para todos... assim meu pai poderia levar Gustavo para pescar sempre que quisesse, sem me dirigir aquele olhar culpado.

Eu sabia o quão culpado ele se sentia toda a vez que levava meu irmão para pescar. Eu ficava triste de não poder ir também, mas o que me deixava mais triste era o olhar conciliador que meu pai me lançava sempre que ia pescar com Gus. Aquilo me matava mais que o câncer; aquilo doía mais que a quimioterapia.

Se bem que agora acho mesmo que vou morrer. Meu avô até veio me visitar. Eu estava meio zozzo por causa dos antibióticos mas lembro bem... ele segurou em minha mão e chorou. Nunca o vi pessoalmente, mas ele finalmente resolveu me visitar e chorar, então só podia significar que minha

hora estava chegando. E mais um detalhe que me fez ter certeza disso tudo: quando meu avô sentou e segurou minha mão com firmeza, ele disse repetidamente: Sinto muito... sinto muito... Se isso não significa que irei morrer, eu não sei mais o que significa. Foi bom conhecê-lo antes de partir, sempre quis conhecer meu avô e sempre imaginei que ele me ensinaria a jogar dominó ou me levaria para velejar... Coisas que os avôs fazem com os netos. E se ele viesse me ver novamente pediria a ele que me ensinasse a jogar dominó, mesmo eu já sabendo jogar.

— Ei, posso entrar Gabe? — Ana apareceu na porta. Fiquei furioso, era a última pessoa que eu queria ver. Ela era a minha namorada, não queria que me visse assim; só que ao visualizar seu sorriso não pude deixar de sorrir também. Se eu fosse morrer, gostaria de vê-la uma última vez.

— Claro. — Ela entrou e fechou a porta atrás de si, subiu na cama deu um selinho em meus lábios e ficou me encarando curiosa, vendo os tubos que me davam remédios e soro.

— E então, como você está?

— Morrendo, mas bem.

Ela fez uma careta.

— Você não está morrendo, não seja dramático.

— Tenho fortes suspeitas de que estou, sim, morrendo.

— Quais seriam essas suspeitas?

Contei a ela sobre a visita de meu avô, o fato de meus pais estarem sempre com os olhos vermelhos de tanto chorar e o fato de eu me sentir cada dia mais cansado, mesmo estando 24 horas por dia deitado em uma cama.

— Seu avô veio aqui para curar você. Ele doou a medula e você vai ficar bom. — Ela disse.

— Como você sabe disso?

— Escutei a conversa entre minha mãe e a sua... você tem muita sorte de ter encontrado não um, mas dois doadores compatíveis.

— Você ainda não encontrou um? — Questionei. Ela balançou a cabeça em negativa. — Sinto muito, se eu pudesse te dava os meus dois. Não quero viver mais, estou cansado.

— Gabriel! — Ela pulou da cama e me olhou furiosa. — Não diga uma bobagem dessas.

— O que? Que eu quero morrer? — Ela bufou furiosa.

— Vocês garotos são muito estúpidos mesmo... não fale mais isso e nem ouse falar isso perto da sua mãe ou seu pai. — Disse ela apontando o dedo

indicador.

— Eu só estou cansado... é tão difícil... só queria que isso acabasse logo.

— Você acha que eu também não estou cansada? Eu também acho isso muito difícil, eu também quero que isso acabe. Mas não com a minha morte, e sim com a minha vitória.

— Nem sempre temos aquilo que desejamos. — Disse cansado.

— Gabriel, eu vou romper com você se você continuar falando bobagens.

— Isso te pouparia de ir ao velório. — retruquei.

— Deus! Como você é teimoso! — Ela sentou de novo na cama, colocou as duas mãos do lado da minha cabeça e me encarou profundamente — Preste bem a atenção no que eu vou te dizer, você não vai morrer! Eu proíbo você de morrer, você vai melhorar e ter uma longa vida Gabriel! Vai dançar na chuva, vai ser feliz para sempre.

— Com você? — Questionei.

— Sim, comigo... ou com qualquer outra garota.

— Não quero outra garota, Ana... quero você para sempre.

— Você vai acabar enjoando de mim em certo momento. — Ela disse sorrindo.

— Nunca vou enjoar de você... você me dá ânimo sempre que penso em desistir.

— Alguém tem que puxar sua orelha, né, Gabe. — Ela revirou os olhos.

— Obrigado, Ana. Não sei o que faria sem você.

— Você morreria bobão.

Ficamos sorrindo um para o outro e após algum tempo ela deitou-se no meu ombro e ficamos assistindo Os Simpson na TV. Logo a mãe dela veio buscá-la e minha mãe retornou para o quarto para me contar sobre o transplante, que seria dali a alguns dias. Disse que estava orando muito para que minha recuperação fosse rápida e então entendi porque Deus era chamado de pai. Ele atende primeiro as orações das mães e depois as dos filhos. Por isso não morria, por mais que pedisse por isso, já que as orações de minha mãe pedindo pela minha cura eram mais fortes. E passei a pedir perdão a Deus por ter desejado morrer.



Capítulo 18

Marianne

Eu não sabia o quão forte era até esse momento, momento em que tenho de confortar meu filho e lhe passar confiança para o transplante, além de ter de me virar nos 30 para não deixar Gustavo e Daniel de lado. Claro, Heitor ajudava e muito, mas como ele estava muito abalado quanto ao seu pai e eu tentava ser sua âncora.

— Mari, vá para a casa dormir. Eu mandei a Alice ir encontrar você lá as 18 horas. — Heitor disse ao meu ouvido.

— Mas quero ficar aqui mais um pouco — Disse encarando Gabriel, que estava adormecido no leito do hospital.

— Nada disso. Olha, Marianne, você é a mulher mais forte que já conheci na vida, você tenta segurar o mundo nas suas costas... estou vendo o que você está fazendo agora, tentando consolar a mim e manter nossos filhos felizes.

— Sim, esse é o meu trabalho, Heitor. Eu sou mãe e não conseguiria ser diferente nem se quisesse. — Ele sorriu e me abraçou.

— Eu sei, *mein leben*, mas você é humana, merece um descanso; e antes que você me interrompa, você está grávida e precisa de um descanso e de boa alimentação.

— Está certo, eu vou para a casa. — Disse vencida. — Mas não precisava ter gasto dinheiro com a Alice. Não preciso de massagem. — Disse. Alice era massoterapeuta e vez ou outra eu a contratava para fazer uma massagem relaxante em minhas costas.

— Precisava sim. — Disse ele, apoiando as mãos em meus ombros.

— Mas já estamos tendo gastos demais com o hospital. — Ele balançou a cabeça derrotado.

— Não estamos, Marianne... nosso cheque foi devolvido.

— Como assim? — Questionei assustada. Seria possível que a conta estivesse vazia?

— Ao que parece, as despesas do hospital e mais a cirurgia já foram pagas. — Disse ele cerrando o maxilar.

— Você precisa ir vê-lo. — Eu disse encarando-o.

— Preciso? Não sei... faz anos que não nos falamos, Mari... não sei se conseguiria.

— Você precisa tentar. — Ele suspirou cansado.

— Prometo fazer isso, amanhã.

— Certo... — Apertei sua mão, transmitindo força. — Bem, eu vou para a casa então. Volto amanhã de manhã.

— Durma, Mari... descanse muito e dê um beijo nos meninos por mim. — Pediu.

— Pode deixar. — Beijeí seus lábios docemente e o deixei só com seus pensamentos.

Ao chegar em casa, tomei um longo banho quente e tomei minha vitaminas pré-natais. Logo Alice chegou e Andria, a nossa babá, levou os meninos para a sala de brinquedos. Havíamos contratado Andria fazia apenas um mês, mas ela já fazia maravilhas por nós. Após a longa massagem de Alice, fui preparar uma canja de galinha para jantarmos. Quando tudo estava já no fogo, meu celular tocou. Era a mãe de Heitor.

— Marianne, tudo bem?

— Oi, dona Tânia, como está a senhora? O Gabriel está bem, recuperado já da pneumonia e logo estará pronto para a cirurgia.

— Ah, Deus seja louvado, minha filha. Eu estou bem também...

— Ah que bom...

Ficou silencioso por alguns minutos e por fim ela disse:

— Sabe se Heitor já foi falar com o pai?

— Não, ainda não. Ele disse que iria procura-lo amanhã.

— Ah...

— Desculpa ser indelicada, dona Tânia, mas a senhora sabe o que fez o senhor Eduardo mudar de ideia quanto a nos ajudar? — Ela suspirou.

Lembrei do dia em que fui procurá-lo e como ele pareceu ser um insensível coração de gelo.

— Sei sim, minha filha... ele sofreu um infarto em setembro...

— Oh deus, eu não sabia...

— Eu não contei a ninguém, ele pediu que eu não contasse... também não foi nada muito alarmante, exceto que ele mudou por completo.

— Como assim?

— Você notou que eu ia visitá-los mais vezes nos últimos tempos, certo?

— Sim, verdade.

— Então, ele pedia que eu visitasse vocês, pedia notícias do Gabriel... ele estava mais interessado...

— Uau, eu não esperava que o coração de gelo dele fosse derreter um dia.

— Acho que o infarto derreteu o coração dele. — Disse ela.

— É.... verdade. Mas por que ele não procurou o Heitor? Por que ele não veio pedir perdão?

— Acho que ele tem medo de ser rejeitado pelo Heitor. E bem, se isso chegar a acontecer, ele vai merecer, e ele sabe disso.

— Verdade, dona Tânia. Tenho certeza que Heitor não vai aceitar isso assim tão fácil, afinal foram anos sendo ignorado pelo pai... mas o que o senhor Carlos Eduardo fez pelo Gabriel, doar a medula... bem, isso não tem preço e pode ser que isso convença o Heitor a perdoá-lo.

— Eu espero que sim, Mari... espero mesmo. Tudo o que mais desejo é minha família unida de novo.

— Mas sabemos como os homens são cabeças duras, certo? Então só nos resta esperar e torcer para tudo dar certo.

— Vai dar tudo certo, com a graça de Deus.

— Amém.

Heitor

Dia seguinte...

Estava no estacionamento do conglomerado Duarte, parado dentro do carro a mais de meia hora. O que eu iria falar para ele? O que eualaria para o homem que havia me ignorado nos últimos 15 anos? O que? Eu poderia facilmente mandar um cartão de agradecimento, não é mesmo? Poderia apenas mandar uma mensagem de texto, um e-mail ou seja lá o que for... eu não tinha o que falar com esse homem. Eu não fiz nada de errado, foi ele que disse que eu era uma vergonha para ele. Foi ele que disse que eu não era mais bem-vindo em sua casa ou sua empresa. Ele quem me pintou como bastardo e

me jogou no olho da rua por minha conta.

Liguei o carro e dei ré quando um homem aparentando ter certa idade surgiu atrás do carro e me fez parar. Não precisei olhar muito para reconhecê-lo. Era meu pai, 15 anos mais velho. Seria a minha versão quando tivesse a idade dele, éramos absurdamente parecidos. Desliguei o motor e desci do carro.

— Boa tarde. — Cumprimentei-o.

— Boa tarde, Heitor. Você não ia entrar? — Questionou ele.

— Eu ia, mas lembrei que não tenho nada a fazer aqui e também não sou bem-vindo. — Disse amargurado.

— Você é bem-vindo aqui, Heitor. — Falou sério.

— Desde quando? — Questionei, encarando-o — Deixa pra lá, vim aqui devolver seu dinheiro e agradecer pela doação ao meu filho. — Estendi um cheque com o valor integral das despesas do hospital.

— Não preciso disso. — Disse ele, fazendo um gesto em negativa com as mãos.

— Não preciso do seu dinheiro, então por favor aceite.

— Deixa de ser orgulhoso e aceite minha ajuda.

— Não preciso da sua ajuda, posso muito bem cuidar da minha família. — Falei irritado.

— Heitor, eu quero ajudar... tenho dinheiro sobrando, então me deixe ajudar, por favor...

Eu o encarei um tanto surpreso. Ele nunca pedia por favor.

— A troco de que? O que você ganha com isso? Por que está fazendo isso? Por quê?

— Para ver se há alguma chance de que você me perdoe.

Bufei.

— Perdoar você? Não sei se isso pode ser possível. Você me humilhou demais, você tentou destruir meus sonhos, meus objetivos... você... — Não consegui prosseguir.

— Quem sabe então, meu filho, eu não consiga seu perdão... mas ao menos você possa parar de me odiar.

— Eu não odeio você... você vai salvar a vida do meu filho Gabriel e graças a você não precisarei colocar meu filho de seis anos em um procedimento invasivo, então não odeio você. Na verdade, nunca o odiei... isso que tem dentro de mim não é ódio, é mágoa.

Nesse momento, o grande executivo, o CEO do conglomerado Duarte

estava aos prantos. Nunca em toda a minha existência havia visto meu pai chorar.

— O que posso fazer para acabar com essa mágoa, meu filho? O que? Me diga o que? Eu farei o possível, eu fui um homem mesquinho e horrível... maltratei sua mãe e ignorei você... mas quero mudar, quero ser um homem melhor... me perdoa Heitor, por favor.

Engoli em seco e suspirei.

— Isso só o tempo poderá curar... a mágoa e tudo o mais.

Ele assentiu.

— Eu preciso ir para a casa tomar um banho e voltar para o hospital. Estão preparando Gabriel para o transplante que será daqui dois dias.

— Posso estar lá no dia do transplante?

— Não acho que eu possa lidar com tudo isso num mesmo dia. Mande a mamãe e ela te manterá informado.

— Tudo bem, eu entendo. — Dei dois passos na sua direção e lhe estendi o cheque.

— Eu não quero seu dinheiro, por favor aceite o cheque.

— Abrirei uma conta no nome do Gabriel com esse cheque. — Disse ele.

— Faça o que achar melhor, mas estamos quites.

Meu coração estava apertado. Não conseguia esquecer facilmente tudo o que aquele homem já me fez e fez a minha mãe. Mas iria tentar.

Fiz uma promessa a Deus na capela aquele dia: Se Gabriel se curasse, eu perdoaria meu pai, seria um bom pai para os meus filhos, seria fiel eternamente a minha esposa e no último fim de semana de cada mês, eu faria trabalho voluntário em algum hospital do câncer. Eu seria um bom homem, para minha família e para o mundo.



Capítulo 19

Marianne

Finalmente chegou o dia do transplante do Gabi. Na noite anterior eu sequer consegui pregar o olho. Passei quase a noite inteira orando a Deus pelo meu filho, implorando misericórdia e para que tudo se resolvesse da melhor forma possível. Heitor tentou me confortar a noite inteira, me abraçando, tentando de todas as formas possíveis me fazer dormir e depois de três xícaras de chá de camomila e uma massagem relaxante, as 04h adormeci.

— Bom dia, mamãe. — Abri os olhos e vi Gustavo me observando atentamente do outro lado da cama. Meus olhos ficaram cheios d'água instantaneamente.

— Você me chamou de mamãe? — Questionei comovida.

— Desculpa tia, eu me enganei, e... — Peguei seu corpinho em meus braços e o segurei firmemente contra meu peito.

— Não se desculpe, meu amor... pode me chamar de mamãe. Na verdade, eu amei.

— Você cuida de mim, brinca comigo e me coloca para dormir. Então acho que você é a minha mamãe de verdade... — Disse ele timidamente.

— Oh meu lindo, mas é claro que sou sim. — Beijeí sua bochecha com carinho e o apertei ainda mais contra meu peito.

— Ei, posso me juntar com vocês? — Heitor entrou no quarto com uma bandeja de café da manhã e a colocou sobre a mesinha de canto.

— Papai! — Gustavo se jogou em seus braços e Heitor o rodopiou nos braços.

— Meu pequeno, posso saber por que sua mãe está chorando e rindo ao mesmo tempo?

— É que a chamei de mamãe pela primeira vez... acho que foi por isso.

— Ah, entendi. — Heitor sentou-se ao meu lado na cama com Gustavo nos braços. — Bom dia, meu amor. — Disse-me ele carinhosamente.

— Bom dia. — Dei um selinho em seus lábios e nisso Daniel chorou no outro quarto.

— Ei, deixa que eu pego ele, posso? Ou ainda sou muito pequeno? — Questionou Gustavo encarando Heitor em expectativa.

— Acho que você já é um homenzinho feito, pode buscar seu irmão.

— Oba! — Gustavo pulou do colo de Heitor e foi correndo até o quarto de seu irmão.

— Você é a mulher mais incrível do mundo, já disse isso? — Perguntou Heitor.

— Já, mas é sempre bom ouvir. — Sorri.

— Então, minha linda... conseguiu descansar? — Ele acariciou meu rosto com carinho, limpando as lágrimas que haviam escorrido.

— Muito pouco, estou aflita para o transplante.

— Vai dar tudo certo, meu amor. Confia. — Disse Heitor.

— Eu confio. Confio que Deus vai nos abençoar...

— Vai sim. — Disse ele confiante. — Gabriel vai se curar e ensinar Gustavo a jogar futebol, para quando Daniel tiver idade, Gustavo o ensinar.

— E o nosso caçula? Ou nossa caçula? — Questionei sorrindo, acariciando meu ventre.

— Bem, ela vai torcer por eles, ou Daniel vai ensinar a ele. — Ele beijou minha testa e me trouxe torradas e leite. — Isso depende ser for menino, ou menina.

— Ela também pode querer jogar futebol. Não seja machista, Heitor. Ele revirou os olhos, rindo.

— Está certo, mas o que importa mesmo é que seremos felizes para sempre. Já sofremos o suficiente... acho que merecemos um descanso, acho que já pagamos nossos pecados para umas 100 vidas.

— Verdade. Vai dar tudo certo.

Terminei de tomar o café da manhã e Gustavo e Daniel ficaram em minha cama assistindo desenhos animados.

Após o café da manhã, fui tomar meu banho e me arrumar para ir para o hospital. O transplante do Gabi seria as 11 da manhã e duraria algumas horas, a babá chegou minutos antes de sairmos, dei um beijinho em Daniel e em Gustavo.

— Mamãe! Mamãe! — Gritou ele antes de eu sair.

— Sim Gus?

— Diga ao Gabi que vi uma estrela cadente ontem...

— Digo sim. — Sorri para ele.

— Espera mamãe, diga que pedi a estrela que o Gabi ganhe hoje os poderes do Wolverine.

— Esse foi um pedido muito nobre, meu filho. — Disse Heitor abraçando-o. — Wolverine tem os poderes de cura. — Disse Heitor encarando-me com um sorriso bobo nos lábios. — Temos um garoto muito especial aqui, não é mesmo Mari?

— Com certeza. — Beijamos seu rostinho rechonchudo e nos despedimos dele.

— Obrigado, Marianne. — Disse Heitor após alguns minutos dentro do carro.

— Pelo que?

— Por ser meu pilar, pois sem você eu já teria desmoronado... também por tudo. Por ser quem você é, por amar Gustavo assim como ama Dan e Gabi. — Disse ele emocionado.

— Ei, pensei que você fosse o meu pilar. — Disse sorrindo. — E quanto ao Gus, seria impossível não amá-lo, ele é um menino incrível.

— É mesmo... parece até seu filho de verdade por ser assim tão maravilhoso.

— Ele é meu filho de verdade, Heitor. Dentro do meu coração ele já é.

— Cada dia te admiro mais e mais, Mari. Ainda não sei o que uma mulher maravilhosa como você está fazendo com um cara todo errado como eu.

— Eu te amo, Heitor e todos erramos... — Sorri — Você é maravilhoso para mim, somos perfeitos um para o outro.

— Falta pouco para nossa felicidade ficar completa, Mari... muito pouco.

— Sim...

Chegamos no hospital e fomos direto para o quarto do Gabi, ele estava muito cansado. A quimioterapia foi ainda mais intensa nesses últimos dias para prepará-lo para o transplante. Ana recém tinha saído do quarto e sorria abertamente para nós.

— Ele vai ficar curado. — Garantiu-nos. — Ele me prometeu agora que só vai morrer quando estiver bem velhinho e cheio de filhos. — Disse ela — Eu o proibi de morrer... sabem que sou uma namorada mandona, ele precisa

obedecer. — Disse ela determinada e uma lágrima solitária escapou dos seus olhos.

— Oh, Ana, ele vai sim e você também. — Eu a abracei firmemente e ficamos assim durante alguns instantes.

— Bem, eu preciso ir... tenho uma sessão de quimio agora, volto depois para ver como tudo ocorreu. Que será bem, é claro. — Ela sorriu tristemente e foi de encontro a sua mãe.

— Gabi... Gus nos garantiu que hoje você tem os poderes do Wolverine. — Disse Heitor para ele, que sorriu fracamente. Me doía o peito ver meu menino deitado naquela cama de hospital quase sem forças. Ele estava magro demais, pálido demais. Meu coração estava apertado no peito. Pensei que com o tempo me acostumaria a vê-lo assim, mas acho que uma mãe nunca se acostumaria a ver seu filho naquele estado tão frágil. Sempre iríamos sentir a dor e o impacto de ver um filho seu tão debilitado.

— Sinto saudades dele.... — Disse Gabi. — E do Daniel.

— Eles também sentem sua falta, estão planejando uma festa para quando você voltar para a casa. — Eu disse com a voz embargada.

— Mamãe. — Ele me chamou ele e engoli o choro. — Antes de eu fazer o transplante, quero que você e o papai saibam que eu os amo muito e que sou muito agradecido por tudo o que vocês fizeram por mim.

— Não! Gabi, não faça isso. — Pedi.

— Mas...

— Filho, não se despeça de nós... — Disse Heitor.

— Só queria falar para vocês que...

— Nos conte depois meu anjo... agora não...

— Tudo bem mamãe, me desculpe, não queria te fazer chorar...

— Não estou chorando. — Sorri e solucei ao mesmo tempo e só então me dei conta de que meu rosto estava úmido pelas lágrimas.

— Voltei com o café. — Minha sogra entrou no quarto, ela tinha passado essa noite com o Gabi. — Você não está se despedindo deles, não é, Gabriel? Eu disse para você parar com essa bobagem. — Disse a mãe de Heitor, impaciente.

— Eles já me fizeram parar, vovó.

— Garoto insolente, ele já me fez chorar muito com essas despedidas... eu disse a ele que iria pegar uma varinha de marmelo e o castigar como fazia com você, Heitor.

Heitor fez uma expressão engraçada.

— Melhor você parar de se despedir meu filho, aquela varinha deixa uma marca por semanas. — Isso descontraiu o ambiente e fez a todos nós rir.

Conversamos um pouco mais, e minha sogra nos contou as traquinagens que Heitor fazia na infância com seu irmão.

— Mas dos dois, o Heitor sempre foi o mais determinado. — O pai de Heitor surgiu na soleira da porta. — Desculpe atrapalhar, só queria dar um beijo no Gabriel.

— Vovô! Por favor entre...

— Sem despedidas. — Sussurrou minha sogra.

— Se me derem licença. — Disse Heitor. caminhando em direção a saída.

— Não! Pai, por favor fique... — Pediu Gabi, notei que Heitor ficou sem saída, mas ficou. — Pai, vô... quero que vocês façam as pazes e se abracem, agora.

Ambos ficaram se encarando. O Dr. André e duas enfermeiras entraram no quarto.

— Gabriel, vamos?

— Só vou aceitar o transplante após meu pai e meu avô se abraçarem e pararem com essa briga boba... Se eu morrer, considerem esse o meu último pedido. A família tem de ficar unida, sem brigas e sem mágoas...

— Gabriel, você está sendo muito bobo. — Disse Heitor.

— Bobos são os adultos que brigam e ficam sem se falar por orgulho e coisas bobas. Eu não sou bobo, se ter um bom coração é ser bobo, então acho que posso ser mesmo.

— Abracem logo. Meu filho precisa ir. — Disse impaciente.

Ambos se encararam e sem opções aproximaram-se um do outro.

— Me perdoa, meu filho. — Disse o pai de Heitor quando eles estavam abraçados. De repente Heitor caiu em prantos e seu pai também. Eles se abraçaram com força, um abraço de anos de afastamento, como se a paz pairasse no ambiente. Não sei dizer o que o pai de Heitor sussurrou em seu ouvido, mas ambos começaram a gargalhar ao mesmo tempo em que choravam. A mãe de Heitor e eu estávamos comovidas e Gabriel batia palmas.

— Isso... Doutor pode me levar agora. — Disse Gabriel, animado.

Ambos soltaram-se e foram na sua direção, sussurrando palavras ininteligíveis. Abracei minha sogra, emocionada, dei um beijo no meu filho, e juntos fomos todos para a sala de espera. Orar e esperar.



Capítulo 20

Heitor

Os dias que se seguiram foram de vitórias e alegrias. Gabriel teve muitas orientações antes de voltar para a casa, e realmente foi como se ele nascesse de novo, pois após seu retorno para a casa ele não poderia receber muitas visitas e quando viessem as visitas ele deveria usar a máscara. Todo cuidado era pouco, ainda havia o risco de rejeição. Mas era, sem dúvida, uma grande vitória, uma batalha que vencemos nessa guerra contra o câncer e agora tudo parecia mais colorido e lindo.

Os três meses seguintes foram de alegria. Tivemos uma consulta e o Dr. André disse que tudo estava maravilhosamente bem. Ficamos sabendo naquela mesma semana que iríamos ter uma menininha na família e deixamos a critério do Gabriel escolher o nome da sua irmã.

Iniciariamos agora uma nova luta à procura do transplante de medula óssea para Ana, pois até o momento não havíamos encontrado nenhum doador compatível com ela, mas montamos várias campanhas nas redes sociais para encontrar.

---///---

— Então, meu amor, ano que vem vou voltar a trabalhar. — Disse Marianne ao me abraçar. Estávamos em nossa cama, descansando.

— Hum... estou tão feliz em ter você sempre em casa... — Beije sua nuca. — Mas sei o quanto você ama ensinar, sei o quanto você ama ter seu trabalho e sua independência.

— Olha só, gostei de ver. — Ela sorriu. — Você parece um novo homem, Heitor.

— Acho que renasci, assim como o Gabriel. — Suspirei. — E percebi que você merecia um homem muito melhor do que eu era antes.

— Você é tudo o que preciso, meu amor... nossa família... tudo isso. — Disse, apontando ao nosso redor. — Não preciso de muito para ser feliz, não preciso de riquezas, nem de mansões ou carros importados. Minha felicidade está aqui, nessa casa e em nossos lindos filhos.

Emocionado, eu a encarei, levantei-me da cama e fui até a mesinha de cabeceira. De lá peguei o anel de brilhantes que havia comprado há alguns meses. Ajoelhei-me ao seu lado na cama e ela sentou-se, surpresa.

— Heitor! — Disse ela num sussurro.

— Marianne... Ser seu marido foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. Você me deu tudo o que um homem poderia desejar na vida. Eu sei que da primeira vez eu fui um homem estúpido, então te peço meu amor, *mein leben*, minha linda... meu tudo... você me dá uma segunda chance para te fazer tão feliz quanto você me faz? Casa comigo de novo, Marianne?

— Heitor, passamos por tantos atropelos esses últimos anos. Você se mostrou ser um homem maravilhoso, o homem ainda melhor do que por quem me apaixonei anos atrás. — Ela sorriu com lágrimas nos olhos. — Sim! Sim, Heitor, é claro que eu aceito ser sua esposa de novo.

Eu a peguei nos braços e beijei seus lábios com amor.

— Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo muito. — Sussurrava entre beijos enquanto colocava a aliança em seu dedo. — Obrigado, meu amor! Vamos ser muito felizes juntos.

— Eu te amo também, Heitor, e não tenho dúvidas disso.

Naquela noite nos amamos como se fosse a primeira e última vez. Foi intenso, apaixonado e cheio de amor. Na manhã seguinte tomamos café da manhã na varanda, na companhia de nossos lindos filhos: Gabriel, Gustavo e Daniel.

Ana iria nos visitar nessa tarde, e a minha única preocupação no momento era com sua saúde. Havíamos nos afeiçoado a essa menina cheia de vida e sonhos. Mas sabia que se algo lhe acontecesse, Gabriel seria aquele que mais sofreria no processo. Só nos restava a corrente de orações para que tudo se resolvesse.



Capítulo 21

Gabriel

— Você é loiro... os loiros não tem fama de serem inteligentes. — Disse Ana aos risos. Meu cabelo começou a crescer lentamente, os fios dourados já eram visíveis.

— Não seja boba. Nós somos sim muito inteligentes. — Falei impaciente. — A cor do cabelo não determina a inteligência da pessoa.

— Aham, sei. — Provocou ela.

— É sério, sou muito inteligente.

— Eu sei, Gabe... só estava entediada e queria incomodar você um pouquinho. — Disse ela e seu olhar voltou ao céu azul.

Estávamos deitados sobre um xale na grama, vendo as nuvens tomarem forma. Era uma tarde refrescante, final de verão... os vestígios de outono já se mostravam presentes. Era um dia muito bonito e mamãe permitiu que eu fosse para o jardim com Ana sem usar a máscara.

— Por que você gosta de me perturbar? — Questionei, sorrindo.

— Porque é divertido. — Ela riu. Sempre que escutava sua risada meu coração acelerava no peito, adorava estar com ela.

— Você se diverte me deixando irritado, que sem graça.

— Eu não acho sem graça. — Retrucou ela.

— Claro que não. — Revirei os olhos.

Ficamos de mãos dadas deitados em silêncio por alguns minutos, apenas escutando o som das ondas que vinham do mar, o som dos pássaros cantando e do vento soprando por entre as árvores. Era um som reconfortante e acolhedor.

— Então, Gabe, vamos brincar de um jogo. — Sugeriu ela.

— Que tipo de jogo?

— Verdade e mentira.

— Como se joga isso?

— Você precisa dizer uma verdade e uma mentira... e eu tenho de adivinhar qual é a verdade e qual é a mentira e vice-versa.

— Tudo bem. — Disse entusiasmado. — Quem começa, Ana?

— Ora, eu começo, é claro. — Disse ela confiante.

— E por que você? Não me vem com esse papo de as damas primeiro, pois mamãe falou que homens e mulheres tem direitos iguais.

— Privilégios do câncer. — Disse ela. Claro, ela tinha o privilégio de passar na minha frente. Só fiquei carrancudo ao lembrar que ela ainda estava com essa doença maldita.

— Tudo bem, Ana, começa logo.

— Eu quero fazer uma tatuagem de esquilo versus Eu quero fazer uma tatuagem de filtro de sonhos. — Ela virou seu rosto na minha direção, aguardando a minha resposta.

Fiquei pensando por alguns instantes. Lembrei-me da sua coleção de pelúcia de esquilos, mas lembrei também do filtro de sonhos que lhe dei de natal e de como ela ficou entusiasmada.

— Filtro de sonhos é verdade; esquilo, mentira.

Ela assobiou.

— Boa, Gabe... sua vez.

— Sonho em ir para a lua versus sonho em ir para Machu Pichu.

— Você facilita tanto a minha vida, futuro arquiteto. Verdade para Machu Pichu e mentira para a Lua. — Assenti.

— Sonho em conhecer Paris versus sonho em conhecer o Johnny Depp.

— Essa é difícil... verdade Paris e mentira Johnny Depp.

— Errado! Você sabe que sou doida pelo Johnny Depp desde que fomos ao cinema em agosto passado assistir Piratas do Caribe e a maldição do Pérola Negra^[5].

— Verdade, até eu gostaria de conhecer o Capitão Jack Sparrow. — Comentei. — O que acontece quando eu erro? — Questionei.

— Você tem que me dar um beijo. — Disse ela, o que me fez sorrir.

Inclinei-me no xale e beijei seus lábios lentamente. Meu coração acelerou ainda mais dentro do peito e então ela me empurrou.

— Minha vez... digo, sua vez... você me confunde, Gabe.

— Chorei quando meus pais se separaram versus chorei quando soube do meu câncer.

— Verdade sobre seus pais e mentira sobre o câncer.
— Acertou, você é boa mesmo.
— Por que você não chorou quando soube do câncer? — Ela questionou.
— Sabia que o câncer faria meus pais ficarem juntos, então no momento que soube que estava doente, fiquei tão feliz em ver eles juntos que não me importei.

— Gabe, não foi o câncer que uniu seus pais, mas sim o amor que eles sentem um pelo outro.

— Eu sei, me sinto mal por ter desejado ficar doente para sempre, mas na época não entendia muita coisa.

— E ainda não entende, pelo jeito. Mas como eu disse, você é loiro, então perdoo você.

Bufei.

— Sua vez, Ana.

— Certo. Eu amo você versus Eu não amo meus pais.

Engoli em seco. Meu coração dava saltos no peito.

— Verdade que me ama e mentira que não ama seus pais.

— Facilitei para você, não é. — Ela sorriu.

— Eu te amo versus sou péssimo instrutor de futebol para Gus.

— Verdade que me ama e mentira que é péssimo. — Disse ela.

— Sua vez... — Falei.

— Não quero mais brincar disso... — Disse ela, de repente ficando séria.

— Por que não?

— Meus médicos dizem que não tem mais nada o que possam fazer e vou morrer de saudades de você. — Disse com a voz embargada.

— O que? Não! — Disse, sentando-me abruptamente. — São duas mentiras... não quero mais brincar também, Ana.

— Não estou mais brincando, Gabe. Por que acha que sua mãe deixou você vir aqui comigo sem a máscara? Por que acha que meu pai foi viajar de novo? Meu pai não suporta a ideia de me perder, então ele deixou o fardo nas costas da minha mãe.

— Para! Para de falar isso... ninguém vai perder ninguém.

— Gabe, me escuta. — Ela sentou-se, seus cabelos que lhe presenteei no natal balançavam ao vento.

— Não! Tem que ter um jeito, vamos fazer o transplante... minha irmãzinha pode te salvar, ela pode ser compatível. — Lágrimas quentes começaram a escorrer por meus olhos.

— Gabe, é tarde demais para transplante. — Disse ela, acariciando meu rosto.

— Não diga besteiras! Você não sabe, você não sabe... por que você está brincando comigo? Se você quer terminar o namoro comigo, termine... não invente que está morrendo.

— Gabe! — Ela me abraçou, tentando acalmar meu nervosismo. — Gabriel, eu amo você e eu estou bem... eu só vou sentir saudades de você e de todos... — Nesse instante começou a chover, foi como se o céu estivesse chorando comigo, foi como se minhas lágrimas se misturassem a chuva.

— Vamos dançar na chuva, Ana.

— Você não pode, Gabe. Você acabou de fazer o transplante. Uma gripe agora é suicídio.

— Eu não me importaria de morrer se fosse para ficar com você. — Disse com meu coração apertado.

— Não seja estúpido! Você prometeu que só iria morrer quando fosse bem velhinho. Venho puxar seu pé a noite se não cumprir a promessa.

— Ana, vamos dançar, por favor. — Estendi minha mão para ela e ela cedeu. Dançamos juntos na chuva, abraçados um ao outro e lágrimas quentes escorriam por nossas faces. Eu me agarrei a ela com todas as minhas forças, foi como no meu desenho. Nós dois unidos nos braços um do outro. — Ana, por favor, não me deixe... — Implorei — Você é o meu sonho.

— E você o meu, Gabe. Por isso posso dizer que tive uma vida plena... conhecer você foi a melhor coisa que já aconteceu comigo.

— Ana — Chamei-a, me afastando dela. — Não desista! Vou ligar para o meu avô, ele é muito rico, ele vai conseguir um doador.... vou falar com o Dr. André, e ele vai tomar conta de você Ana. Prometa pra mim que não vai desistir, Ana. De mim, de nós, da sua vida.

— Prometo, Gabe... prometo lutar até o último minuto por você... apenas se você me prometer algo.

— Qualquer coisa Ana.

— Se eu não vencer essa guerra, você vai realizar todos os seus sonhos, vai se apaixonar muitas vezes e lembrará de mim com carinho. Não se isole, Gabe... onde quer que eu esteja, sempre estarei olhando por você.

— Mas você não vai morrer! — Disse decidido. Ela apenas me lançou um sorriso triste. — Quem vai ficar me irritando, quem vai me dizer o que fazer, quem vai mandar eu ser valente? Você não vai me deixar, Ana! Eu não permito isso.

Ela então uniu seus lábios nos meus e pela primeira vez me beijou de uma forma que nunca havia me beijado antes, foi o meu primeiro beijo de língua. Ana se afastou alguns minutos depois, sem fôlego.

— Vamos voltar para dentro, Gabe.... antes que você pegue um resfriado.

— Meu Deus, como sou estúpido... você entra agora e toma um banho quente. Você tem que ficar bem para o transplante.

Ela sorriu novamente.

— Eu estou bem, Gabe. Obrigada por dançar comigo na chuva... foi um dos momentos mais lindos da minha vida. — Ela então enlaçou os braços em volta da minha cintura e unimos nossos lábios novamente, em um beijo repleto de emoções, em um beijo cheio de amor.

Marianne

Um mês depois, no dia 23 de abril, perdemos Ana para a leucemia. A dor da perda que sentimos foi tão profunda e imensa que eu não conseguia respirar. Quando contei ao Gabriel, foi como se uma faca fosse cravada dentro do meu peito tamanha dor que senti.

— Não, mamãe... não! Não! Isso não! Por que ela mãe? Por que Deus tinha de levá-la? Eu não consigo entender... eu... dói demais mãe. — Ele gritava em meio as lágrimas. Com ele em meus braços, sentei-me no chão no meio do corredor tentando reconfortá-lo.

— Oh, meu menino... Ana Maria era um anjo, um anjo tão lindo e perfeito que Deus quis levá-la lá para o céu, para perto dele.

— Mas eu a amava, mamãe. Ela era minha namorada, minha melhor amiga... Por que ele não me leva junto então? Sinto tantas saudades, mãe... por que dói tanto?

Meu coração estava rasgado ao meio por ver meu filho sofrendo tanto. Era doloroso demais, excruciante demais. Eu queria poder tomar sua dor para mim, arrancar a dor de dentro do seu peito e fazer do Gabriel um menino alegre e feliz. Mas tudo o que eu podia fazer no momento era reconfortá-lo, dar-lhe meu apoio, amor incondicional e carinho.

— Vai passar, meu amor... vai ficar tudo bem... com o tempo tudo vai passar meu amor e a linda Ana vai viver para sempre em nossas memórias, como a garota linda, valente e decidida que ela era. — Nesse instante minha bebê chutou com força de dentro da barriga.

— Ana Maria, mamãe. — Disse Gabriel após um tempo, secando as lágrimas.

— Como, meu amor?

— Você disse que eu poderia escolher o nome da minha irmã, quero que ela se chame Ana Maria.

— Oh, meu amor, mas é claro! É um lindo nome, uma linda homenagem e sua irmãzinha vai ficar muito feliz com esse nome.

— Vai sim. — Disse ele cansado.

— Você quer comer alguma coisa, meu amor?

— Não mãe, eu só quero ir para o meu quarto e ficar sozinho por um tempo.

— Tudo bem, meu amor. Como você quiser.

Ele então levantou-se e foi para seu quarto.

-----///-----

— Isso é doloroso demais. — Disse Heitor naquela noite após sair do quarto de Gabriel.

— Nem me diga. Eu gostaria de transferir sua dor para mim.

— Como está Raquel? — Questionou Heitor sobre a mãe de Ana.

— Desolada, destruída... está sedada no hospital. Eu não consigo nem imaginar a dor que ela está sentindo. Perder um filho assim... Ana era uma menina tão linda, Heitor. É ruim eu me sentir grata pelo Gabi ter se curado? Eu sou uma pessoa terrível, não? — Disse, e lágrimas quentes escorriam por meu rosto.

— Não, Mari, só é humana... — Ele me abraçou firmemente. — Com o tempo Gabi vai se recuperar.

— É o primeiro amor dele, não se recupera disso assim.

— Com o tempo, meu amor, a dor vai ficar suportável.

— Quero ver a Raquel. Você me leva ao hospital amanhã?

— Claro, deixaremos Gus e Dan na escolinha e vamos... Gabi certamente vai querer ir junto.

— Vai sim... Raquel está precisando de nós agora mais do que nunca.

— Vamos encontrá-la e dar todo o apoio necessário, Mari. Agora descansa, foi um dia agitado.

— Gabi escolheu o nome da irmã. — Disse ao me deitar.

— Qual?

— Ana Maria.

— Uma bela escolha, tenho certeza que nossa filha será tão valente quanto Ana.

— Vamos orar por ela essa noite.

— Vamos sim, Mari. — Heitor deitou ao meu lado e me abraçou firmemente.

— Posso orar e dormir com vocês? — Questionou Gabi na porta do quarto.

— Sem dúvidas, meu amor.

Após orarmos por Ana, Gabi chorou em meus braços até pegar no sono. Depois da grande exaustão, adormeci com os olhos inchados de tanto chorar, tentando entender porque Deus levava as pessoas mais incríveis para o seu lado. É claro, ele quer as pessoas boas no paraíso, os anjos mais iluminados... com esse pensamento dormi.



Capítulo 22

Gabriel

Quem nessa vida pode dizer com total certeza que amou e foi amado incondicionalmente por alguém? Quem pode dizer que viveu um conto de fadas? Um amor puro? Um amor épico?

Quem pode dizer que foi cem por cento feliz em mais momentos do que foi triste? Quem poderá dizer que teve seus sonhos e desejos realizados? Quem poderá dizer que se foi e que não tem arrependimentos? Que só teve bênçãos?

Eu, Gabe, eu posso confirmar que tive tudo o que desejei e que realizei todos os meus sonhos... ou ao menos o mais importante deles. E sabe por que, Gabe? Porque você foi o meu grande sonho. Você foi meu grande amor! Você foi a maior razão da minha felicidade. Por isso vou em paz, Gabe, pois sei que já fiz tudo o que tinha de fazer em vida. Já alcancei a felicidade plena e o ápice dela foi quando dançamos na chuva em nosso momento mágico. Posso dizer que amei incondicionalmente e fui amada na mesma intensidade.

E quanto a você, meu Gabe, meu grande guerreiro... você é mais forte do que você pensa. Sempre acreditei em sua capacidade. Olha tudo o que você conseguiu... unir seus pais, seu avô e seu pai. Está mais unido do que nunca com seu irmão, Gus. Você diferente de mim, Gabe, e precisa ficar. Há muito o que fazer por aqui... sem

contar que você me fez uma promessa de que iria partir apenas quando estivesse bem velhinho, lembra?

Essa promessa não pode ser quebrada, meu amor... você vai viver todos os seus sonhos, apaixonar-se mais de uma vez, sofrer por amor novamente e eu estarei sempre olhando por você.

Não pense que ao se apaixonar por outra irá trair minha memória... nada disso, viu. Ao amar e se permitir ser amado mais uma vez, você estará me honrando. Tenho certeza que você será um homem incrível no futuro e um homem incrível como você será merece amar e ser amado incondicionalmente.

Obrigado por tudo, Gabe.

Com amor e carinho.

Ana Maria dos Santos.



Capítulo 23

Heitor

24 de dezembro de 2005

O que eu poderia dizer afinal? Analisando minha vida neste momento, posso apenas afirmar que Deus foi muito generoso comigo. Se eu mereço? Não sei dizer. Cometi tantos erros nessa vida, tive muitas perdas, muitos tropeços pelo caminho. Meu orgulho e minha arrogância me atrapalharam muitas vezes nessa vida. Alimentei meu orgulho pelo fato de sentir falta de meu pai e nunca ter ido procurá-lo, tive meus motivos obviamente, pois ele sempre me tratou de uma forma um tanto diferente de meu irmão, já que ele sempre me viu como o filho defeituoso... tenho minha parcela de culpa em nossa briga e ele tem a dele, mas isso de fato são águas passadas. Minha arrogância de fato foi o que mais me atrapalhou nesse processo.

A forma como trabalhei feito louco para provar ao meu pai que eu poderia sim conquistar sucesso sem sua ajuda também foi outro grande problema. Essa arrogância de que Marianne nunca iria me deixar, que ela estava feliz, mesmo quando eu me sentia infeliz fez com que eu não prestasse atenção nela, não prestasse a atenção em nós. Era arrogante demais para isso. Mas nesses últimos anos eu passei a ser um novo homem. Um marido melhor, um pai melhor e até mesmo um filho melhor. Até mesmo minha mãe acabei por negligenciar nesse meio tempo.

Admirei o céu estrelado naquela bela noite de dezembro, ainda pensativo... encarei minha filha Ana, que adormecera em meus braços e sorri feito um bobo. Agradei aos céus em silêncio por ser um homem tão abençoado. Não sabia se eu, de fato, merecia tanto; mas eu era um homem completo.

— Posso saber o motivo desse sorriso bobo nos lábios? — Questionou

minha bela esposa Marianne. Ainda não havíamos nos casado oficialmente e nem sabia se de fato faríamos isso. Por que mexer em algo que está tão bom?

— Sou um homem afortunado. Tenho a mulher mais linda ao meu lado e os filhos mais perfeitos que alguém pode desejar.

Ela aproximou-se e sorriu. Seu sorriso sempre iluminaria meus dias, até os mais sombrios. Até mesmo nas semanas difíceis em que Gabriel teve. Foi o sorriso de Marianne que me manteve são.

— É verdade! Você é um homem muito sortudo. — Ela selou seus lábios nos meus com um beijo casto e pegou a pequena Ana nos braços.

— Ela é tão linda, muito parecida com você. — Eu disse. Marianne olhou dela para mim.

— Mas é apenas com você que ela adormece tão rapidamente.

— Fazer o que se tenho um charme irresistível. — Brinquei, fazendo-a sorrir abertamente de novo.

— Tem mesmo.

Seu sorriso morreu e soube que havia algo errado.

— O que aconteceu? Tem algo errado? — Questionei preocupado.

— Sou tão transparente assim? — Assenti. — É o Gabriel, ele não está em lugar algum e estou preocupada... sabe...

— Sei. Já imagino onde ele esteja. Pode deixar que vou encontrá-lo.

— A Raquel acabou de chegar e quer dar algo a ele.

— Que bom que ela veio... assim não passará o Natal sozinha.

— Ela veio se despedir, vai morar com a família em Minas.

— Eu a entendo. São muitas lembranças dolorosas por aqui.

— Sim, ela só estava esperando sair o divórcio para partir. — Disse Marianne, triste.

— Se um dia encontrar esse lixo de homem, pode ter certeza que irei socar a cara dele. — Rosnei.

— Obrigado, Heitor, você é meu herói.

— Agora vou encontrar o nosso menino.

— Isso, volte logo. Daqui a pouco seus pais estarão por aqui.

Dei um selinho em seus lábios macios e parti em direção à praia, mais uma vez me perguntando o porquê de eu ser tão afortunado. Veja Raquel, nesse último ano que passou perdeu sua única filha para a leucemia, sendo que nos últimos meses de vida da Ana, seu marido as abandonou, alegando não suportar toda aquela pressão. Que espécie de homem faz isso? Um covarde completo! Quando apareceu no enterro de Ana, foi o maior dos

desastres.... e não era para menos, era para ele estar ao lado da sua filha nos últimos instantes e não aparecer quando ela não precisasse mais de seu apoio.

Encontrei Gabriel exatamente onde imaginei que ele estaria, sentado no banco de madeira que tínhamos feito semanas antes de Ana partir. Os dois sentavam ali durante longas horas, conversavam e olhavam o horizonte.

Sentei-me ao seu lado e me mantive em silêncio. Sabia que elealaria quando estivesse pronto, e ficaria ali para escuta-lo e apoia-lo. Depois de vários minutos, ele suspirou pesadamente e recostou-se no banco.

— Eu não quero esquecê-la. — Disse ele.

— Você nunca vai esquecê-la. Ela foi o seu primeiro amor e uma grande menina que apoiou você até o fim.

— Me sinto culpado, por isso estou aqui. — Disse ele e percebi que ele estava chorando.

— Como assim, meu filho?

— Eu... eu me sinto imundo... espero que ela me perdoe.

— Gabriel, me conte o que aconteceu, meu filho? — Pedi.

— Na festa de despedida na escola... uma garota me beijou e eu a beijei também. — Disse ele, se debulhando em lágrimas. Eu o abracei firmemente enquanto ele ensopava a minha camisa.

— Ei, Gabriel.... não tem nada de errado nisso.

— Claro que tem! Eu amo a Ana, é ela que mora em meu coração! Me senti sujo após isso, como se a estivesse traindo. Faz apenas um ano e alguns meses... eu sou um ser humano horrível e não mereço viver.

Ele voltou a chorar e o abracei ainda mais forte. Sabia o que os adolescentes sentiam as coisas com mais intensidade e Gabriel, sem dúvida alguma, havia passado por poucas e boas. Ele havia passado por coisas demais e perdido o seu primeiro amor, isso não era algo que se superasse facilmente.

— Ei, meu filho, me escute. — Ele limpou as lágrimas do rosto e me encarou. — Ana iria querer que você fosse feliz, que você seguisse com a vida.

— Mas eu não quero! — Gritou ele. — Se eu ficar com outra pessoa, esquecerei ela.

— Filho, olhe para mim. — Ele me encarou mais calmo. — Você. Nunca. Vai. Esquecer. Ana. Nunca. Entendeu. — Disse pausadamente.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Ela foi o anjo que ajudou você numa das fases mais difíceis da sua

vida. Ela foi seu primeiro amor, ela foi a sua cura, Gabriel... tenho certeza que sem ela, você não estaria aqui conosco hoje. Você nunca irá esquecê-la. Nenhum de nós irá.

— Não quero namorar. — Disse ele decidido.

— Você não precisa namorar ninguém, ainda é muito cedo. E foi apenas um beijo. Não esquite a cabeça com isso, meu filho, você vai beijar muitas meninas ainda.

— Não sei se um dia estarei pronto para namorar novamente.

— O tempo cura todas as feridas, meu filho. Um dia você vai encontrar alguém que cure essa ferida dentro de você. Você sempre se lembrará da doce Ana Maria com carinho. Nunca a esqueceremos.

— Obrigado, pai. — Ele me abraçou um pouco mais calmo e sorri.

— Agora vamos entrar. Raquel quer lhe dar algo de presente e seus avós já devem estar chegando.

Sorrindo, meu filho recusou a mão que lhe estendi dizendo estar velho demais para dar a mão ao seu pai, e ri de seu comentário e ele complementou:

— Mas não estou velho demais para receber seus conselhos. Obrigado, pai.

— Com os olhos marejados e o coração acelerado, segui lado a lado com ele.

A casa estava repleta de alegria. Raquel até estava sorrindo, mesmo não sendo um sorriso tão alegre. Ela entregou a Gabriel um quadro que o fez chorar de emoção e quando pensei que sua tristeza voltaria, só notei um misto de nostalgia e alegria de dias que já se foram.

Ele logo pendurou o quadro na sala, um quadro feito por Ana Maria. Com uma frase de Clarice Lispector:

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

— Ela disse que você precisaria entender... que deve viver intensamente. Ela só queria te ver feliz. — Disse Raquel.

— Ela iria querer o mesmo para a senhora. — Disse ele para ela.

— Sim, é por isso que vou começar uma nova vida.

— Não deixe de nos visitar se voltar aqui.

— Manteremos contato, Gabe; afinal você é a lembrança mais viva que tenho dela.

Fiquei admirando a cena de longe. Meu menino cresceu tanto.

— Ele vai ficar bem, não vai? — Questionou Marianne.

— Sim, meu amor... ele vai.

— Papai! Mamãe! Daniel abriu os presentes. — Disse Gustavo.

Todos sorrimos ao ver o travesso Daniel em meio aos presentes.

Após todos se abraçarem e desejarem um feliz Natal. Gabriel estava sorrindo, Gustavo gargalhando e Daniel um tanto frustrado por não conseguir andar em sua bicicleta que ganhou. Fiquei ainda mais agradecido pela família, pela união, pela saúde e pela felicidade imensa que foi conquistada.

Eu poderia ser apenas mais um arquiteto, ter perdido minha empresa. Mas quem precisa dessas coisas quando se tem o mais pleno amor e a mais plena felicidade em suas mãos?



Capítulo 24

Marianne

2018

Era uma bela cerimônia de casamento. Na verdade, uma reafirmação de nossos votos. Heitor decidiu que após 19 anos de união, tirando os anos em que ficamos separados, seria uma boa maneira de afirmar nosso amor perante Deus. Ali na capela da pequena cidade de Laguna, lar onde Heitor se criou, era o cenário perfeito. E de fato o foi.

— Gabriel finalmente trouxe uma garota? — Disse mais entusiasmada que o normal. Desde que perdeu Ana, nosso filho nunca tinha trazido garota alguma para a casa e o fato de ele estar acompanhado agora causava alvoroço em toda a família.

— Sim, seu nome é Rosa e eles formam um belo par, não? — Disse Heitor.

— Sim, sem dúvidas.

— Mas na verdade, hoje estou muito mais interessado na mulher que está aqui ao meu lado. — Disse ele e puxou o lóbulo da minha orelha. Tal ato, mesmo após tantos anos juntos, causou-me arrepios por todo o corpo.

— Heitor, o que acha de sairmos de fininho e nos trancarmos no quarto? — Sugeri.

— Acho magnífico.

— Precisamos nos despedir de todos? — Questionei e ele olhou todos a volta.

— Na verdade acho que não. Catiucia já está sumida, provavelmente com o Fernando, e Grazi fugiu para a piscina mais próxima com o Carlos e nossos filhos já estão bem acompanhados. — Disse ele, apontando para Gustavo, que estava lendo Game of Thrones em um canto, Gabe que estava

na pista de dança com a nova namorada.

— Onde está Ana? — Questionei.

— Dormindo. Eu a mandei cedo para a cama... aquele garoto estava aqui.

— Disse ele mal humorado.

— Você é um pai muito ciumento... mas e ...

— Daniel? Deve estar jogando dominó com o meu pai.

— Bem, acho que nada nos impede de ir para a cama então. — Sorri.

— Nada *mein leben*... Nada.

Heitor despiu minhas roupas com maestria naquela noite. Foi como se fosse a primeira vez. Eu estava entorpecida em minha própria felicidade, em algo que me deixava em êxtase puro.

— Nossa lua de mel, meu amor... e que venham muitos e muitos anos juntos.

— Que assim seja, meu amor.

Ele selou nossa declaração com um beijo e fizemos amor ardorosamente a noite inteira, em uma conexão de corpos... uma conexão de almas.



Epílogo

Gabriel

Minha agenda estava lotada. Teria três entrevistas nessa manhã e Brenda ainda não estava pronta! Mas que droga! É por isso que não deveria ter deixado que ela passasse a noite sempre que elas passam a noite acabam por ter ideias erradas.

Já vestido adequadamente com um jeans escuro e uma camisa social branca, fui até a cama e a chamei novamente.

— Droga, Brenda! Acorde! Você sabe que eu detesto me atrasar!

— Já estou indo. Calma, gato. — Ela levantou- da cama lentamente. Eu tinha um problema importante para resolver e ela estava levantando devagar, é sério isso?

— Se quer carona, é bom que esteja pronta em quinze minutos. — Alerttei.

Ela bateu continência, o que me fez rir e correu com seu traseiro lindo para o banheiro. Fui até a cafeteira e peguei minha xicara de café preto. Fiquei aguardando-a enquanto observava o meu quadro favorito, que tomava conta da parede da sala.

Era uma pintura minha e de Ana, uma semana antes de ela falecer. Ela disse a mim que aquele quadro era mágico e que seria sua última lembrança antes de partir. Mesmo expondo meus quadros pelo mundo a fora, nunca, em hipótese alguma vendi aquele quadro. Nós dois dançando a luz do luar e das estrelas. Nosso momento mais perfeito.

— Ei, não estava atrasado? — Resmungou Brenda.

— Muito.

Saímos em disparada em direção ao estacionamento. e após ligar o carro, partimos pelas ruas movimentadas de Florianópolis.

— E então... eu vi o convite de casamento... seus pais vão se casar? —
Questionou ela.

— Sim, se está no convite é porque vão. — Revirei os olhos.

— Você já tem acompanhante?

— Não! — Respondi indiferente.

O silêncio tomou conta do carro e o mantive. Esperava que ela não se oferecesse para me acompanhar. Desde o início havia dito para ela que não teríamos nada.

— Eu poderia ir com você, se você quiser....

— Não! Brenda, desde o início avisei a você que sou um homem que não se pode esperar nada.

— Eu sei, mas eu pense que...

Estacionei o carro em frente ao seu prédio e me virei em sua direção.

— Acho que é melhor acabarmos por aqui... não quero que você se magoe, Brenda.

— Mas não... Gabriel, não vou me magoar.

— Brenda. — Peguei em seu rosto e fiz com que ela me encarasse.
— Não posso te dar o que você espera. Vá por mim, é melhor terminar agora. Você é uma garota incrível, linda, inteligente, tenho certeza de que vai conhecer um cara incrível que poderá amá-la.

— Vá para o casamento dos seus pais Gabriel e conversaremos na volta.
— Disse ela ao me dar um selinho e saltar do carro.

— Mas não há o que conversar.

Ela me ignorou e entrou no prédio.

Era por razões como essa que eu não dormia junto. Cometi o erro dessa vez mas não cometeria outro erro novamente. Segui rumo ao meu estúdio e logo encontrei Enzo.

— Enzo, as entrevistadas já chegaram?

— Sim, mas devo dizer que isso é loucura. — Disse ele.

— Não é loucura, Enzo; é algo prático e necessário.

— Se você diz.

Ele me acompanhou até a minha sala e me acomodei atrás de minha mesa.

— Pode mandar entrar a primeira candidata.

— Sim. Boa sorte.

Sorte. Tsc! Isso nunca esteve do meu lado.

As duas primeiras garotas que entraram foram um tremendo desastre; e

quando chamei a última,

já estava no cúmulo da exaustão e frustração.

— Bom dia, Gabriel. Eu me chamo Rosa, faço curso de teatro, sou formada em artes e tenho certeza de que sou a pessoa certa para o cargo. — Disse a ruiva confiante.

Pousei o dedo entre meus lábios e fiz sinal para que ela se sentasse, e fiquei admirando-a dos pés à cabeça, fazendo minha análise, como fiz com as outras. Ela tinha um belo corpo, cintura fina, seios médios, quadris avantajados, cabelos vermelhos até os ombros e olhos claros. Podia funcionar. *Vamos ver se essa garota era mesmo boa.*

— Então Rosa, você está disposta a fingir ser minha namorada por uma semana?

— Sim, estou disposta.

— O curso de teatro foi o que me fez chamá-la. Você é boa atriz?

— A melhor, você não vai se arrepender... e vou me ater as regras. Nunca me apaixonar por você. — Disse ela confiante.

— Posso saber a razão de uma mulher linda como você estar aqui para ser paga para ser minha acompanhante?

— Preciso do dinheiro. E nas regras estava claro... nada de sexo. Então não me sinto uma puta.

— Você é bem direta. — Observei.

— Se você quiser, serei dócil quando estiver desempenhando meu papel. — Disse ela sorrindo. Seu sorriso me causou uma sensação estranha, mas a espantei para longe.

— Seja você mesma, já é o bastante.

— Por que um cara como você está fazendo isso? Se me permite perguntar.

— Não quero namoradas, paixões ou compromissos. Meu avô foi diagnosticado com Parkinson e quero que tenha lembranças boas de mim, e ele vive me cobrando por eu não levar uma garota em casa.

— Entendi. Sinto muito pelo seu avô.

— Está tudo bem.... então vou te dar o endereço de uma loja. — Anotei no papel o endereço. — Compre o que for necessário para uma semana na fazenda e para o casamento dos meus pais.

— Eu já tenho roupas. — Disse ela.

— Por favor, eu insisto... pense nisso como um uniforme.

— Tudo bem.

— Tenho conta nessa loja e compre o que precisar... biquínis, roupas para fazer trilha, andar a cavalo, essas coisas...

— Então, quando nos encontramos? — Questionou ela.

— Na sexta-feira. Vamos partir para Laguna na casa de campo dos meus avós. Lá já lhe darei o adiantamento.

— Tudo bem. — Disse ela, sorrindo.

Ela ia saindo mas deu meia volta e me encarou novamente.

— Esqueceu alguma coisa? — Questionei.

— Sobre essas regras... e se você se apaixonar por mim? — Questionou ela.

Eu ri muito alto.

— Não se preocupe, Rosa, eu não corro esse risco.

Ela sorriu, um sorriso enigmático e então partiu, deixando-me com uma sensação estranha dentro do peito. Incomodado. Gostaria que Ana estivesse aqui para conversar a respeito. Naquela época não perdi apenas a minha namorada e amor da minha vida, perdi também minha melhor amiga.

O que Ana estaria pensando de Rosa Bianchini?

FIM!



Sinopse:

Cicatrizes do passado – Spin off de Cicatrizes de uma vida.

Gabriel Duarte era um artista de sucesso e tinha seus quadros expostos pelo mundo. Quem visse o belíssimo artista de sucesso diria que ele tinha a vida perfeita, mas quem realmente conhecia Gabriel de perto sabia as dores que ele já havia passado e suas perdas.

Após perder Ana, seu grande e primeiro amor para a leucemia, Gabriel estava decidido a nunca mais se apaixonar. Então quando seu avô adoeceu e começou a teimar que seu neto precisava de uma namorada, de uma noiva, de um compromisso, ele contratar uma mulher para acompanhá-lo por uma semana.

O que Gabriel não esperava era que as regras que ele mesmo criou cairiam por terra. Era que Rosa Bianchini se tornaria muito mais que uma namorada de mentira.

Rosa, uma jovem estudante de teatro, é a única que consegue penetrar na alma sombria e triste de Gabriel. E quando Gabriel se vê perdidamente apaixonado por Rosa, ele finalmente reencontra a beleza da vida.

Nota da autora

Quero agradecer a todos pelo carinho e por me acompanhar nessa história. Ao criar a história de Marianne e Heitor, nunca pensei que me envolveria tanto com a trama a ponto de criar um laço enorme entre Ana e Gabriel, pois ele, sem dúvidas, foi um dos melhores personagens que já escrevi. Com ele sofri e ri muito.

Por isso a pedidos de todas haverá um spin-off dele que contará como foi sua vida após o câncer e após perder Ana. Digamos que agora que ele é adulto, ele se tornou mais prático... mas em breve redescobrirá a beleza da vida.

Coloquei o nome de Ana Maria dos Santos para homenagear minha avó, que nunca cheguei a conhecer, mas durante os dias que comecei a criar essa obra, ela apareceu em meus sonhos diversas vezes. Também homenageei Tânia, uma pessoa muito querida que perdi em meio a esse trabalho. E é claro, Gabriel, meu irmão, é o homenageado principal.

Bem, obrigada por me acompanharem nessa nova jornada e espero que tenham gostado do livro. É algo diferente de tudo o que já escrevi, sai da minha zona de conforto. Por isso obrigado por embarcarem nessa.

Um beijo.



Jennifer Souza

Agradecimentos

Em primeiro lugar meus pais, meus irmãos queridos, e é claro. não podendo faltar minha madrastra Tereza, que está sempre torcendo por mim.

Meu marido, Alex, e meu filho por estarem sempre ao meu lado me fazendo cada dia mais feliz.

Minhas Betas maravilhosas que mergulharam de cabeça nessa segunda edição e tornaram ela tão especial.

Obrigada a Beka Assis, minha grande amiga e revisora. Você sabe amiga que nosso relacionamento é muito mais que o profissional é uma relação de amizade. Obrigada por tudo.

Obrigada a Jéssica Gomes por todo o apoio e por sempre vibrar comigo a cada livro.

Obrigada a cada leitora linda, cada comentário, todo o carinho que recebi e recebo de vocês nos grupos e fora deles. Um beijo enorme a todos!

[1] Onze minutos – Paulo Coelho

[2] Minha vida, em alemão

[3] Seicho-No-Ie é uma espécie de filosofia ou religião sincretista, monoteísta de origem japonesa. Enfatiza o não sectarismo religioso, as práticas de gratidão à família e a Deus, e o poder da palavra positiva que influencia na formação de um destino feliz e o universalismo.

[4] Estamos no ano de 2003, o Facebook foi lançado no Brasil apenas no ano de 2004.

[5] O primeiro filme da franquia de Piratas do Caribe, lançou nos cinemas do Brasil no dia 29 de agosto de 2003.